

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**UMA ANÁLISE DIALÓGICA SOBRE O ROMANCE O  
ANJO DO QUARTO DIA, DE GILVAN LEMOS, EM  
RELAÇÃO A TEXTOS BÍBLICOS**

**SAMUEL LIRA DE OLIVEIRA**

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. NADIA PEREIRA DA SILVA G. DE AZEVEDO

*Orientadora*

Recife

2011

**SAMUEL LIRA DE OLIVEIRA**

**UMA ANÁLISE DIALÓGICA SOBRE O ROMANCE O  
ANJO DO QUARTO DIA, DE GILVAN LEMOS, EM  
RELAÇÃO A TEXTOS BÍBLICOS**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria  
de Pesquisa e Pós-Graduação da  
Universidade Católica de Pernambuco,  
como requisito para cumprimento de  
créditos e obtenção do título de Mestre  
em Ciências da Linguagem.

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. NADIA PEREIRA DA SILVA G. DE AZEVEDO - *Orientadora***

**Recife**

**2011**

O48a

Oliveira, Samuel Lira de

Uma análise dialógica sobre o romance O anjo do quarto dia, de Gilvan Lemos, em relação a textos bíblicos / Samuel Lira de Oliveira ; orientador Nadia Pereira da Silva G. de Azevedo, 2011.

124 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2011.

1. Linguística. 2. Análise do discurso literário. 3. Lemos, Gilvan, 1928- Crítica e interpretação. 4. Bíblia. 5. Intertextualidade. 6. Ficção. I. Título.

CDU 800.85

**SAMUEL LIRA DE OLIVEIRA**

***UMA ANÁLISE DIALÓGICA SOBRE O ROMANCE O ANJO DO  
QUARTO DIA, DE GILVAN LEMOS, EM RELAÇÃO A TEXTOS  
BÍBLICOS***

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco.

Recife, 14 de fevereiro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. NADIA PEREIRA DA SILVA**  
**Universidade Católica de Pernambuco**  
**Orientadora**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARIA DE FÁTIMA VILAR DE  
MELO**  
**Universidade Católica de Pernambuco**  
**Examinadora interna**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. IVANDA MARIA MARTINS SILVA**  
**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Examinadora Externa**

Recife

2011

***Predomina na pesquisa algo como o medo do risco, o medo de arriscar uma hipótese. Ora, a ciência literária é uma ciência jovem que não dispõe de métodos sólidos e comprovados pela prática, como os das ciências exatas. Por isso, a ausência da menor luta entre as tendências e o medo ante a menor hipótese audaciosa levam ao reinado do truísmo e do clichê, o que não nos falta...***

**MIKHIAL BAKHTIN**

## DEDICATÓRIA

São tantas as pessoas que eu poderia dedicar este trabalho, porém em especial a meu criador, Deus, dono do universo, a minha esposa Edinez Antônia do Nascimento Lira, às minhas filhas, professora, Thaywara Batista de Oliveira e Júlia Kristeva Lira, ao meu filho Válder José Lira, à minha mãe Vera Lúcia Lira de Oliveira, ao meu sogro José Hermínio do Nascimento e minha amada sogra Inez Antônia do Nascimento. Ao meu pai, Válder Santos de Oliveira, eterna saudade.

## **AGRADECIMENTOS**

**Ao fim desta caminhada que achava longa e pesada, muitos amigos me deram a mão sem nenhuma intenção, a não ser a de cooperar com a educação de nosso país.**

**Agradeço a todos com quem estive nesses meses de luta, mas de prazer.**

**Em primeiro lugar, ao meu Deus o dono do universo e da primeira palavra, à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nadia Pereira S. G. de Azevedo, UNICAP, pois no momento que eu mais precisei me acolheu com todo carinho, soube ser paciente como a Bíblia Sagrada nos ensina.**

**Ao prof. Mestre Robson Tavares, que doou seu precioso tempo para me dar alguns esclarecimento sobre Mikhail Bakhtin e outros teóricos como também sacrificou seus domingos e feriados para juntos estudarmos o dialogismo Bakhtiniano.**

**Ao escritor e amigo Gilvan Lemos, o qual há anos tem me proporcionado momentos de alegria com sua experiência de vida.**

**Ao colega João Luiz (in memorian) da Editora Nossa Livraria que muito contribuiu para a educação do estado de Pernambuco.**

**À Professora Dr<sup>a</sup> Ivanda Martins, minha orientadora na Especialização e agora Examinadora Externa do Mestrado. Um exemplo de vida e superação.**

**À Professora Dr<sup>a</sup> Fátima Vilar pelo seu importantíssimo apoio na minha defesa.**

**À Professora Mestre Maria Luiza Laureano Fontes que deu início ao meu sonho ajudando-me a construir este projeto.**

**À Senhora Lúcia Amélia Brülhardt, Presidente da ONG Madalena's europeu.**

**Em especial, ao Professor Doutor Ferdinand, que partiu para a eternidade, exemplo de dedicação à educação. 35 anos dedicado à Universidade Católica de Pernambuco. Infelizmente não terei o prazer de vê-lo na minha Defesa de Mestrado, grande conhecedor da Bíblia Sagrada.**

**Aos colegas do mestrado em Ciências da Linguagem (turma CL7) que na medida do possível foram companheiros na jornada.**

**Aos meus alunos, sem exceção, importantíssimos na minha vida profissional.**

**Amigos de trabalho que foram testemunha viva no desenrolar desta pesquisa e sempre me incentivaram.**

**Ao bolsista da biblioteca do Mestrado (CAC-UFPE), Luciano Santos S. Ramos, pela atenção.**

**Aos membros da Academia Camarajbense de Letras pelo apoio.**

**A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.**



## RESUMO

A presente investigação é oriunda das experiências didático-pedagógicas do autor em suas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira no tocante ao campo intertextual e dialógico, pois tais experiências profissionais aguçaram o interesse ao se constatarem trechos de Escritos Sagrados em passagens do romance do escritor pernambucano Gilvan Lemos. O conhecimento da teoria bakhtiniana sobre O Discurso de Outrem também proporcionou a motivação deste estudo. Intertextualidade e dialogicidade formam relações que se estabelecem entre algumas personagens e passagens do romance, do livro ‘*O Anjo do Quarto Dia*’ (1981), do escritor pernambucano Gilvan Lemos, *como por exemplo: Oricão, Ana, Codó, Tininha e Piranha (personagens da obra)* com algumas da *Bíblia Sagrada, como: Jesus Cristo, Maria Mãe de Jesus e Maria Madalena (Novo Testamento) e Jó (Velho Testamento)*. Neste sentido, concebe-se o romance como um evento linguístico. A proposta contempla realizar um estudo a partir de elementos linguísticos e discursivos dos domínios literário e religioso, como as relações lexicais e sua associação com a intertextualidade, as quais foram criadas em torno dessas palavras. O cerne desse trabalho é analisar a construção linguística em uma obra literária, os elementos religioso e literário estão presentes como suporte para o estudo linguístico. Dessa forma, entende-se que uma obra literária caracteriza-se como um evento linguístico tanto quanto o enunciado não-literário (no sentido das “Belas Letras”). Far-se-á uma reflexão sobre o dialogismo bakhtiniano (1981/1997/2002/2003) para analisar passagens do livro o Anjo do Quarto Dia. Análises apontam *que as relações lexicais em construção neste livro, em torno de termos chave sobre a intertextualidade, apontam para discursos distintos sobre como são trabalhadas a intertextualidade bíblica na obra de Gilvan Lemos*. A fim de aguçar o estudo sobre a intertextualidade na presente pesquisa, serão inseridas as concepções desse estudo a partir das reflexões de Julia Kristeva (1974). Também serão fontes de apoio para esta investigação os seguintes livros da Bíblia Sagrada, Velho Testamento: *Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, 1Samuel, 1Reis, Jó, Salmos, Eclesiastes, Cânticos dos Cânticos de Salomão, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Jonas, Habacuque*. Novo Testamento: *Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Romanos, 1ª Coríntios, Gálatas, Colossenses, 1ª Timóteo, Hebreus, Apocalipse*. Os estudos sobre a intertextualidade de Bazerman (2007), Machado(1995), Beth Brait (1997) e Blikstein (2000) cujas tônicas é a presença efetiva de um texto em outro.

**Palavras – chaves:** *intertextualidade, romance, Bíblia, dialogismo.*

## ABSTRACT

The current research stems from the author's didactic – pedagogic experiences and his *Língua Portuguesa* and *Literatura Brasileira* classes concerning the intertextual and dialogical field since such professional experiences have excited his interest when he noticed excerpts from the Holy Bible in passages of the Pernambuco writer Gilvan Lemos' novels. The knowledge of the Bakhtinian theory about spoken of others person has also proportioned the motivation to his study. Intertextuality and dialogicity make up relations which establish themselves between some characters and passages in Gilvan Lemos' "O Anjo do Quarto Dia (1981)". Ana, Codó, Tininha, Piranha, (characters in the book) are related to some characters in the Holy Bible: Jesus Christ, Mary, mother to Jesus, and Mary Magdalene (New Testament) and Job (Old Testament). In this sense the novel is conceived as a linguistic phenomenon. The aim is to do a study from the discursive and linguistic elements of the religious and literary domains as well as the lexicon relations and their association with the intertextuality which have been created around these words. The core of this research is to analyze the linguistic construction in a literary work. The religious and literary elements are present as a support to the linguistic study. Therefore, the literary work is taken as a linguistic phenomenon as well as the non – literary statement (in the sense of "belles – lettres"). A reflection will be made on the Bakhtinian (1981/1997/2002/2003) dialogism in order to analyze passages in the book " O Anjo do Quarto Dia". Analysis point out that some lexicon relations being constructed in the book, around key terms on the intertextuality , point at distinct speeches about how the biblical intertextuality is worked up in Gilvan Lemos' works. In order to excite the study about intertextuality in the present research, some conceptions will be inserted from Julia Kristeva's reflections (1974). The following books from the Holy Bible will be sources of research: from the Old Testament: Genesis, Exodus, Deuteronomy, 1 Samuel, 1 Kings, Job, Psalms, Ecclesiastes, Salomon's The song of songs, Isaiah, Jeremiah, Ezekiel, Daniel, Jonah, Habakkuk; from the New Testament ; Mathew, Mark, Luke, John, Acts, Romans, 1<sup>st</sup> Corinthians, Galatians, Colossians, 1<sup>st</sup> Timothy, Hebrews, Revelations; as well as Bazerman's (2007), Machado (1995), Beth Brait (1997) and Blickstein's (2000) studies about intertextuality whose emphasis is the effective presence of a text within another text.

Key – Words: intertextuality, novel, Bible, dialogism.

# SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1 - INTERTEXTUALIDADE E A OBRA DE GILVAN LEMOS	16
1.1 O discurso e a interação	28
1.2 O conceito de texto em Bakhtin	34
1.3 O autor e a expressividade na obra	41
1.4 A interdiscursividade segundo o pensamento de Bakhtin	44
1.5 Um breve percurso sobre a origem da Bíblia	47
1.6 Intertextualidade e Polifonia	49
1.7 A palavra no Espaço de texto segundo Julia Kristeva	53
1.8 A palavra e o Diálogo	55
1.9 A classificação das Palavras da Narrativa segundo Kristeva	57
CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	59
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DIALÓGICA DO LIVRO O ANJO DO QUARTO DIA COM A BÍBLIA SAGRADA	65
3.1 Análise intertextual e bakhtiniana entre o livro <i>O Anjo do Quarto Dia</i> e a Bíblia Sagrada	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	122

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Predomina na pesquisa algo como o medo do risco, o medo de arriscar uma hipótese. Ora, a ciência literária é uma ciência jovem que não dispõe de métodos sólidos e comprovados pela prática, como os das ciências exatas. Por isso, a ausência da menor luta entre as tendências e o medo ante a menor hipótese audaciosa levam ao reinado do truísmo e do clichê, o que não nos falta. (BAKHTIN, 1997. p.362)*

Existem fatos para indicar a construção da presente Dissertação: O primeiro se fundamenta na atividade profissional do autor na área de Língua Portuguesa e Literatura há mais de vinte anos, que também vem pesquisando intertextualidade, o que por si só justificaria o interesse pelo tema para um aprofundamento teórico e metodológico. O segundo fato foi o interesse em conhecer com profundidade a Bíblia Sagrada e poder usá-la como modelo em um trabalho social, fazendo assim, o curso de Especialização em Literatura Brasileira pela FAITIVISA, Faculdade Integrada de Vitória de Santo Antão – PE e, mais tarde (2005), o Mestrado em Educação Religiosa pelo Seminário de Educação Cristã (SEC/Recife), tendo como objeto de estudo de ambos os cursos, o livro “*O Anjo do Quarto Dia*”, 1981, do escritor pernambucano Gilvan Lemos, onde foram exploradas a necessidade do conhecimento prévio da Bíblia Sagrada. Em seguida, o fato de realizar trabalhos pedagógicos, lançando assim, dois livros, cada livro contendo um conto do escritor Gilvan Lemos com alunos de escola pública e, por último, ser o organizador do livro de contos: *Os melhores Contos de Gilvan Lemos, segundo seus amigos* (out. 2009).

O interesse pela intertextualidade, dialogicidade e polifonia surgiu em 1987, enquanto aluno do Curso de Letras pela Universidade Católica de Pernambuco, quando um professor regente da cadeira de Literatura Portuguesa pediu que fosse feita uma análise do livro *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente.

Ao analisar, foi indagado se o autor não teria bebido na Bíblia, possuidor de um conhecimento prévio, como cita Bakhtin/Voloshinov (1981) na sua concepção dialógica explicam que aquele que usa a língua não é o primeiro falante que rompeu pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo.

Neste sentido, tais fatos chamaram a atenção do autor e fizeram surgir o interesse pelo assunto.

A presente dissertação tem como objetivo geral trabalhar a intertextualidade, dialogicidade, polifonia e sua relação com o texto bíblico, analisando as relações que se estabelecem entre algumas personagens do romance, do livro *'O Anjo do Quarto Dia'* do escritor pernambucano Gilvan Lemos, com algumas personagens da *Bíblia Sagrada*. A proposta contempla realizar um paralelo entre os dois temas, a partir de elementos linguísticos e discursivos dos domínios literários e religiosos, como as relações lexicais e sua associação com a intertextualidade, as quais foram criadas em torno dessas palavras. Esta dissertação terá como fonte de apoio os seguintes livros da Bíblia Sagrada: Velho Testamento: *Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, 1 Samuel, 1 Reis, Jó, Salmos, Eclesiastes, Cânticos dos Cânticos de Salomão, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Jonas, Habacuque*. Novo Testamento: *Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Romanos, 1ª Coríntios, Gálatas, Colossenses, 1ª Timóteo, Hebreus, Apocalipse*. Terá como apoio teórico os estudos sobre a intertextualidade de Julia Kristeva (1974) e o dialogismo em que se tomam como base as ideias dialógicas do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1981/1997/2002/2003) e:

Para Bakhtin, todos os enunciados, tanto na forma oral quanto na escrita, do mais breve turno numa conversa a um artigo científico ou romance, são demarcados por uma mudança de falante (ou de quem escreve) e são orientados retrospectivamente para enunciados de falantes anteriores (sejam eles turnos, artigos científicos ou romances) e prospectivamente para enunciados antecipados de falantes seguintes. Desse modo, “cada enunciado é um elo na cadeia de comunicação”. Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos de outros enunciados, mais ou menos explicitados ou complexos. (Fairclough, 2001, p. 134).

Foi observado a partir das considerações apresentadas que Bakhtin defende a ideia de que um texto tem sua feitura a partir de outros textos, anteriores a ele. Esses textos podem ser na modalidade falada ou escrita. Um enunciado estará sempre completando outro enunciado que foi dito anteriormente. É a construção de sentido presente na intertextualidade e isso é notada até em uma conversa informal, onde há a presença da intertextualidade. E para falar de intertextualidade é necessário beber em Bakhtin (1981, p.69) onde em sua obra tem por princípio unificador a

concepção dialógica da linguagem. Brait (2009) pontua que para Bakhtin/Voloshinov a língua é inscrita de modo dialético, em uma referência universal, terreno comum de todos, mas ao mesmo tempo heterogênea minada pela divisão heteroglósica dos sujeitos que se reconhecem por meio dela nas diferentes esferas da produção, no cotidiano da vida, como por exemplo, nas fábricas, nas vilas, nas cooperativas nos sindicatos, nas escolas, etc. Nesse sentido, a língua caracteriza-se, então, como um veículo vivo do campo inter-relação social. Para a autora, Bakhtin/Voloshinov não separam a língua/dialética e práxis, pois esses três elementos estão imbricados no dialogismo social.

O romance, *O Anjo do Quarto Dia, sujeito dessa investigação*, é considerado uma obra atual, é um texto de grande importância para os estudos da literatura, não somente a sociedade brasileira, mas também mundial, pois a obra surpreende com o poderoso substrato bíblico. A partir dessa abordagem é de fundamental importância dizer que em relação aos Estudos Literários, Perrone – Moisés (1978, p.59) afirma que “*em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura*”. Segundo esse autor, o texto adquire sentido em relação aos outros textos que o precederam e pelo diálogo existente entre outros autores, obras e contextos sócio-culturais.

Assim, como em ‘*O Anjo do Quarto Dia*,’ diferentes discursos, tais como o religioso, o político, o filosófico e o próprio da tradição literária, pode coexistir em único espaço discursivo, o texto. Desta forma, torna-se relevante analisar como diferentes discursos se materializam e se inter-relacionam em um determinado texto.

Gilvan (de Souza) Lemos nasceu no dia 01 de julho de 1928 na cidade de São Bento do Una - PE. Sempre foi um homem comprometido com a literatura e os problemas da sociedade. Tem uma visão crítica em relação aos descaminhos da sociedade brasileira, viciadas estruturas de poder.

Buscou-se identificar passagens em que ocorre intertextualidade, entre as personagens do livro *O Anjo do Quarto Dia* do escritor pernambucano Gilvan Lemos com algumas personagens da Bíblia Sagrada. Como se pode observar, a pesquisa sobre o discurso bíblico como um discurso fundador para a obra

literária a qual será analisada é de grande relevância para esta dissertação. É também de extrema relevância nos estudos linguísticos pela sua natureza constitutiva de toda produção textual desde os estudos de Bakhtin (século XX) e Julia Kristeva (1974).

Sobre as obras do linguista russo Mikhail Bakhtin, foram selecionadas quatro no intuito de darem um suporte teórico. São elas: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1981/2002), *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance* (2002) e *Estética da Criação Verbal* (1997/2002). Também serão utilizados outros estudos de escritores que comentam sobre Bakhtin com o objetivo de contribuírem com o eixo teórico abordado.

Também será apresentada como forma de enriquecer referida investigação a origem da Bíblia, a fim de apresentar ao leitor um conhecimento um pouco mais acurado sobre a composição da pesquisa, propondo, dessa forma, uma informação mais ampla sobre os aspectos circundante em que trechos e de que forma acontece a intertextualidade no romance *O Anjo do Quarto Dia*, 1981.

Este estudo tem a intenção de investigar indícios de intertextualidade e de dialogicidade bíblica em trechos do romance de Lemos, 1981. O propósito consiste em contribuir para a formação de leitores críticos, da obra do escritor Gilvan Lemos e sobre o assunto intertextualidade, capazes de reconhecer no gênero romance marcas do intercâmbio dialógico.

Pretende-se, com esta investigação, descrever as relações entre as personagens da Bíblia e as, do romance-sujeito desta investigação. Verificar as intertextualidades e investigar que tipo(s) de relação (ões) intertextual (ais), interdiscursiva(s) e dialógica(s) aparece(m) nesta obra em relação à Bíblia Sagrada.

Apresentar-se-á, nesse momento, como será construída a presente Dissertação para que o leitor tenha seu percurso facilitado. Este estudo está distribuído em três capítulos, além das considerações iniciais e finais. Aqui, está sendo mostrado ao leitor o ponto de partida e o caminho do qual partiram as reflexões que foram desenvolvidas nos capítulos deste trabalho, especificando o pensamento de grandes escritores que se debruçaram na intertextualidade com destaque para Bakhtin com o conceito de dialogicidade. A partir daí, haverá três capítulos: o primeiro capítulo, **Sobre o romance, “O**

***Anjo do Quarto Dia***” do escritor pernambucano *Gilvan Lemos*, usando a terceira edição desse livro, mostrando de forma minuciosa a história e citações dos grandes teóricos conhecedores da literatura e da intertextualidade; o capítulo 1 está dividido em: **Intertextualidade e a obra de *Gilvan Lemos***. Serão apresentados relatos importantes em destaque suas obras com comentários de escritores-críticos literários especial o livro “*O Anjo do Quarto Dia*”, objeto de estudo desta análise e no item 1.2 em diante será apresentada a fundamentação teórica de alguns teóricos como a dialogicidade de Bakhtin (1981/1997/2002/2003), Júlia Kristeva (1974) com a intertextualidade, Charles Bazerman (2007), Machado (1995), Beth Brait (1997), Blikstein com a polifonia e alguns que ainda estão dando uma grande contribuição para trabalhos como este; o **capítulo 2** tratará da metodologia, descrevendo o processo do trabalho, como foi feita a leitura do livro *O Anjo do Quarto Dia*, tendo um olhar sobre a intertextualidade, sendo necessário enfatizar que a pesquisa utilizada será a qualitativa, por pressupor o material selecionado representativo de um tipo de discurso. No capítulo 3, será apresentada a análise dos dados, a partir da visão dialógica de Bakhtin, apresentando indícios de que há intertextualidade no livro *O Anjo do Quarto Dia com A Bíblia Sagrada*. Por fim, serão evidenciadas as considerações finais.



## Capítulo 1

### INTERTEXTUALIDADE E A OBRA DE GILVAN LEMOS

*De todos os que escrevemos romances no nordeste, Gilvan Lemos é aquele que mais consegue a justa medida no jogo do personagem situado entre o mundo íntimo e o mundo em que o rodeia. (FILHO, Hermilo Borba. Movimento, São Paulo, p. 24, 06 de out. de 1975).*

No dia 01 de julho de 1928, nasceu o escritor Gilvan de Souza Lemos, na cidade de São Bento do Una (PE). Filho de Joaquim de Oliveira Lemos e Tereza Valença de Souza Lemos. Aos sete anos de idade, faz sua '*Primeira Comunhão*'. Menino de família humilde, bisneto de portugueses, tem uma vida normal como todos os outros garotos da cidade. Amava jogar futebol, é torcedor fanático do Santa Cruz Futebol Clube, Pernambuco. Foi destaque nos jornais quando o *Guarani Futebol Clube* venceu o *Comércio Futebol Clube* de São Bento do Una por 1X0. (MIMEO, s/d).

Seu gosto pela leitura começou com os *gibis*, aos 11 anos começou a colecionar revistas, como: *Globo Juvenil*, com aventuras de *brucutu*, e *Zé Mulambo*, e *Gibi*, além de outras revistas como *Fantasma* e *Mandrake*. Chegou a fazer uma revista toda escrita e desenhada por ele, porém nunca teve a coragem de mostrar às pessoas. Começou lendo as histórias de *Monteiro Lobato*, partindo depois para as leituras mais adultas de forma consistente. O primeiro romance que Gilvan Lemos gostou muito de ler foi o *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas (1802-1870), este foi amor a primeira vista,. Lemos nunca negou sua preferência pela ficção. Foi a partir dela que ele aumentou seu gosto pela leitura e começou a escrever seus primeiros contos. Viver intensamente as personagens que cria é uma de suas características, sofre com elas suas tristezas, angústias, alegrias e emoções. (Revista Cult, ano IV, nº 43). Muito tem se falado sobre o estilo literário de Gilvan Lemos, alguns dizem que ele é da geração de 30<sup>1</sup>, mas o próprio autor não concorda,

<sup>1</sup> Repensar a história nacional com humor e ironia - Verso livre e poesia sintética - Nova postura temática - questionar mais a realidade e a si mesmo enquanto indivíduo-Tentativa de interpretar o estar-no-mundo e seu papel de poeta-Literatura mais construtiva e mais politizada.Surge uma corrente mais voltada para o espiritualismo e o intimismo Aprofundamento das relações do eu com o mundo.Consciência da fragilidade do eu (MACHADO, 1995).

pelo fato de escrever sobre as coisas da sua infância, da sua vida na cidade onde nasceu. Vem da vida que teve em São Bento. Nasceu e se criou naquela cidade.

Para o autor, sua obra apresenta forte caráter autobiográfico. Explica que este suposto neo-regionalismo deve ter vindo daí. Diz ainda que veio para o Recife em 1949, com 21 anos de idade incompletos, antes havia deixado São Bento apenas por quatro meses, em 1943, ele precisou vir para a capital tratar de um problema nos olhos. Ele sofria de “conjuntivite primaveril”, doença a qual as crianças são mais suscetíveis. Há uma personagem em seu livro que tem essa doença. Explica que as lembranças sempre foram importantes nas suas obras. São lembranças suas e dos outros. (Revista Cult, ano IV, nº 43).

O Escritor Osman Lins (1924-1978) foi um de seus amigos e admiradores, com quem teve inovações formais e uma reflexão profunda sobre a condição humana. *Lemos* passava horas e horas conversando com Osman Lins no terraço da sua residência em Casa Amarela, apagavam as luzes para não perturbar os que dormiam, passavam a noite se ‘*alimentando de literatura*’. Osman Lins, além de amigo, era um admirador seu, também escrevia crônicas sobre a obra de *Lemos para jornais como O Estado de São Paulo com o título: Crônica de Recife. No dia 10 de novembro de 1956, a mesma crônica foi publicada no Jornal do Commercio como segue abaixo:*

Queremos falar de um romancista pernambucano que certamente irá longe. Nome: Gilvan Lemos. Seu livro de estréia: NOTURNO SEM MÚSICA, que obteve no ano findo o prêmio Vania Souto Carvalho. Esclarecemos, porém, que esta é a estréia oficial a sua estréia pública. Porque a outra, a verdadeira foi em 1944, quando um rapazola de São Bento do Una contava dezesseis anos e escandalizou a família com um absurdo manuscrito de Gilvan Lemos se refere àquele rocambole com essa indulgência irônica que todos adotamos ao falar de nossas ingenuidades velhas. Mas estou certo de que no calhamaço, naquelas sete centenas de páginas juvenis, nem tudo era mau, em meio a uma infinidade de tolices, tinha de haver alguns anúncios, alguns sinais de que na indecisão e na desordem dos dezesseis anos, um ficcionista se

Dentre todos os romancistas novos que conheço, Gilvan Lemos é talvez o que parece mais prodigamente dotado. Sem o mínimo lastro cultural exigível de um escritor – mesmo estreado -, sem o devido conhecimento da língua, e insistindo por vezes, em motivos aos quais o seu depoimento nada vem a acrescentar, como o relato das primeiras inquietações sexuais, Gilvan Lemos, com uma prosa maltratada e expressiva, com a sua visão elementar das coisas, sua memória aflita, sua imaginação viril e uma sensibilidade estranha, escreveu um dos melhores romances já produzido pela ainda

incipiente novelística pernambucana... (LINS, 23 de março de 1958, p.13).

Sobre a grande influência de Osman Lins no início de sua carreira, explica que era bastante tímido, nunca teve muitos amigos. Não frequentava Universidades, não conhecia colunistas de jornais e não tinha intimidade com escritor nenhum. Desde o início, lhe faltou coragem para bater à porta de uma editora. Esperava ingenuamente o que aconteceu com Graciliano Ramos, um editor descobrindo e divulgando seu trabalho. Para ele, Osman Lins era mais esperto e atinado, um dramaturgo, fantástico novelista. Sua aproximação se deu pelo concurso da Secretaria de Educação, onde foi dividido o segundo lugar geral. Foi pelo seu incentivo que ele se escreveu no prêmio Orlando Dantas, patrocinado pelo *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro. Foi assim que ele ficou conhecido nacionalmente, obtendo o primeiro lugar com o romance *Jutaí Menino*, em 1962. (Revista Cult, ano IV, nº 43).

Sobre sua obra, onde é ressaltada a presença constante da crítica social, seja no plano político, nos choques das tradições, na exposição do fanatismo religioso, Lemos diz que no caso da produção literária dele, não se trata de literatura engajada, que costuma abordar os problemas sociais, todavia a narrativa nunca é um pretexto para discursos políticos. Fala que é levado a escrever por uma compulsão natural. (Revista Cult, ano IV, nº 43 p.8).

Sua vida literária começou na época que estavam no auge nas letras brasileiras escritores como: *Érico Veríssimo* (1905-1975), *José Lins do Rego* (1901-1957), *Jorge Amado* (1912-2001), *Lúcio Cardoso* (1913-1968). Esses autores foram importantíssimos para Gilvan Lemos. Com uma experiência ímpar, Lemos depurou esses autores, escolhendo alguns romances de *Lins do Rego e de Veríssimo*. Identifica-se com todos os livros de *Graciliano Ramos* (1892-1953). Osman Lins escreve sobre a identificação a admiração de Lemos pelo escritor Graciliano Ramos:

... Situado na linha de Graciliano Ramos, com o qual mantém alguns pontos de contato bastante significativos, quer na fabulação - afim à de Caetés, quer na técnica - que lembra a de angústia -, Gilvan Lemos nada perde com essa aproximação, não surge como um satélite, um aluno bisonho, a repetir gestos ou expressões do mestre. E nas coincidências de atitudes, em certas maneiras de sentir e de agir em relação aos personagens, logo descobrimos nada a ver da imitação com que tantos admiradores exaltados homenageiam e desfiguram seus ídolos. O que há entre ele e o autor de *Infância*, o que os aproxima, é uma identidade com raízes muito fundas, em ambientes

em que repercutiram em suas almas com a mesma dolorosa intensidade. E cabe aqui uma observação curiosa: se, em Graciliano Ramos, podemos fazer reparos à linguagem disciplinada e pura com que se exprime indivíduos brutais como um Paulo Honório, no livro de Gilvan Lemos, que naturalmente ainda não alcançou a perfeição estilística do romancista alagoano, perde-se a noção do artifício e temos a nítida impressão (como em plano mais puro, na Sinfonia Pastoral, de Gide) de que personagem e autor fundiram-se num ser único. (LINS, 10 de Nov. 1956).

*Lemos* começou a escrever ainda em São Bento do Una, cidade pequena no agreste de Pernambuco. Só se podia comprar um jornal quando o trem chegava à estação, então ficava por dentro do que se passava pelo mundo.

Não teve a oportunidade de estudar além do ensino primário, pois não havia escolas com ensino fundamental maior e médio, somente a elite são-bentense é que tinha seus filhos estudando na cidade do Recife. Não tendo colégio nem biblioteca para que aprendessem mais, se contentava com os livros de sua irmã mais velha que também não teve a oportunidade de estudar, mas ‘devorava’ as revistas literárias da época. Dessa forma, *Lemos* teve o prazer de ver seu primeiro conto publicado na revista mineira “*Alterosa*”, em março de 1948, “*Pelo Caminho mais Curto*”, ressaltando que este conto foi escrito em 05 de novembro de 1945.

Após essas publicações, Gilvan Lemos já se considerava escritor. Em 1953, publica o conto: “*Lídia agradece*” pelo jornal Diário de Pernambuco. A partir daí, foram diversos contos publicados como: *Aragem na terra Seca*, (Diário de Pernambuco, 30 de maio, 1954), *Ave Maria*, (março de 1956), *O almoço*, (Diário de Pernambuco, 22 de julho de 1956), *Desencanto*, (Diário de Pernambuco 5 de junho de 1955), *O mistério*, (Diário de Pernambuco, junho de 1957), *Viagem de ida e volta*, (Revista *Alterosa*, 12 de dezembro de 1957), *Retorno Perdido*, (Jornal do Comercio, 1 de setembro de 1959). *Um encontro*, (Jornal O Estado de São Paulo, 24 de julho de 1965).

Trabalhou no escritório da Fábrica de Laticínios Souza Valença. A vontade de deixar seu nome gravado na literatura brasileira e não tendo sinal de futuro na sua cidade, foi obrigado a deixá-la, indo, aos vinte anos de idade, morar no Recife, passando assim a frequentar as bibliotecas daquela cidade. Em 1951 obteve o prêmio instituído pelo governo de Pernambuco para romances

inéditos, com o livro '*Noturno sem Música*', publicado em 1956, em uma edição particular. Foram 500 exemplares feitos com um empréstimo na Caixa Econômica Federal. A obra causou uma enorme indignação na sociedade conservadora de São Bento do Una, havendo vários debates na Câmara de Vereadores da cidade e bares.

O livro narra a história de um adolescente chamado Jonas que se apaixona por uma mulher mais velha, Marta, casada com um senhor de idade, Raimundo. Jonas, filho de Inez, que morreu louca, suicidou-se. Amor proibido, sem esperanças, Jonas vai morar com um tio, um velho solteiro. Jonas, desencantado, tenta suicídio, mas não consumado, é frustrado.

O jornal *Diário da Noite*, do dia 10 de novembro de 1966, faz referência sobre o assunto:

Gilvan Lemos é um escritor da terra, aqui do Recife, dali do Espinheiro. Seu primeiro livro veio a público com seu dinheiro, tomado emprestado da Caixa Econômica depois de conseguir a fiança de um amigo comerciante. O jovem escritor conta seu drama: o romance *Noturno sem Música*, levado para as vitrinas onde recebeu mucochos dos fregueses, teve pedra de mil quilos em cima colocada pelos críticos da província. Pouco a pouco veio o reconhecimento: artigo nos jornais do Rio e São Paulo, o Prêmio Vânia Souto e estímulo para ajeitar o outro – *Juntaí Curumim*, que concorreria com bom êxito ao prêmio Orlando Dantas, instituído, todos os anos, pelo *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

O livro passou despercebido pela crítica literária, fato este, que deixou o escritor Gilvan Lemos decepcionado, pois havia mandado livros para diversos cronistas de Jornais do estado, porém não viu em nenhum jornal falando sobre seu livro.

Incentivado pelo escritor e amigo Osman Lins, remeteu um novo romance à editora Civilização Brasileira, *Emissários do Diabo*. Era a editora mais importante da época no Brasil. O livro foi aceito pela comissão editorial e, em 1968, foi publicado no eixo dos estados do Rio, São Paulo e Porto Alegre.

Em 1975, Gilvan Lemos lança mais um livro: *Os olhos da treva*, Editora Civilização Brasileira.

Mário da Silva Brito escreveu uma matéria para o *Jornal do Commercio* sobre este livro:

Gilvan Lemos, o romancista de "*Emissários do Diabo*", obra em que fixa a relação entre o latifúndio e o cangaço retorna à ficção com uma

narrativa de alta tensão e na qual movimentam personagens de almas complexas e atormentadas. Basicamente o romance é a história Jomo, um homem que não consegue livrar-se do passado e que pensa poder reencontrar-se voltando para a terra onde se firmam as suas raízes. Fugindo desse lugar por ser suspeito de um crime, Jomo perambula por vários recantos vivendo uma 'vida emprestada' e sob nome falso, mas sempre dominado pelos seus demônios interiores jamais esquecidos do rincão natal e de sua gente. Por fim volta. E volta decidido a tudo esclarecer, quer descobrir-se a si mesmo, elucidar o crime que lhe foi imputado e do qual se sabe inocente. (BRITO, 27 de abril, 1975).

Em 1976, Lemos publica o romance “*O Anjo do Quarto Dia*” pela Editora *Globo*, livro este que iremos aprofundar na biografia, uma vez que se trata do nosso objeto de estudo.

A revista *Isto É*, out.1981 redigiu uma matéria sobre o lançamento do livro “*O Anjo do Quarto Dia*” usando as seguintes palavras:

Gilvan Lemos passa a se destacar entre os criadores de mundos imaginários da área pernambucana e adjacências. Esse *O Anjo do Quarto Dia*, com que conquistou o Prêmio Érico Veríssimo, coroa os seus esforços em empreendidos desde 1956 com a publicação sucessiva de romances, contos e novelas. É certamente, o momento mais alto que, por enquanto, sua ficção alcançou.

Realce neste livro, desde logo a qualidade da linguagem, que aproveita sabiamente os coloquialismos regionais. E a versatilidade da fatura literária. Trafegando do humorismo ao trágico, do grotesco ao lírico, do caricatural à fotografia nitidamente realista, da desgarrada fantasia à crítica acerba e áspera, das mazelas individuais e sociais, Gilvan Lemos vai variando o tratamento estilístico e, assim, dá fluente eficácia a essa história de diversos planos narrativos. O romancista é, antes de mais nada, empenha operário do verbo.

O chamado “romance nordestino” que é a raiz da literatura do escritor, está por ele renovado. Em vez da transcrição objetiva, muitas vezes serva da reportagem ou da memória psitacista, a transfiguração artística, que transcende o verismo mais imediato. Sem que, em nenhum momento, traia a verdade humana, por sinal transbordante em todo o livro, principalmente nas figuras do régulo Oricão, da sofrida e oprimida Ana e de Codó, caricato e pungente a um tempo. Sem falar no Anjo, caso à parte, justiceiro e exterminador, encanação dos sentimentos mais nobres que o ser humano busca.

Para concluir, acresce observar que este relato é também uma parábola. Onde se concentram lições de vida, ensinamentos éticos, verdades contundentes. Onde a semelhança com o mundo cá de fora sobressai a cada passo. Tudo sempre disfarçado pela imaginação criadora e fervente do ficcionista. Não à toa, Gilvan Lemos é assíduo freqüentador da Bíblia.

Foram diversos os jornais que comentaram o lançamentos do livro *O Anjo do Quarto Dia*, porém só serão destacados alguns, como, por exemplo, o

Jornal do Commercio, de 2 de setembro de 1981, texto produzido por Nilo Pereira:

Dizer que um romance de Gilvan Lemos ganhou um prêmio literário é incorrer num pleonasma, prêmios lhe sobram; e são todos eles as mais justas consagrações que devemos ao realmente grande romancista.

Se examinarmos bem a ficção de Gilvan Lemos, a essência da sua fantasia romanesca veremos que ele procura algo além do cotidiano, das simples relações humanas. Ele investiga alguma coisa que está dentro do homem. Nesse seu anjo temos o centro de romance. Há figuras marcantes como Oricão. Um certo diálogo entre a Tia Mé e a Tia Zu (cap. 16) lembra um pouco as conversas entre Marta e Maria, quando Jesus chegou e louvou a quem tinha Fé, porque escolheu a melhor parte. Codó é um santo sem perpetuidade; teve a sua auréola, mas como santo de pau oco. Tudo isto está diante do leitor como um drama qualquer, que o talento do ficcionista eleva a situações pungentes como a da prostituta Tininha. Mas é o anjo com sua branquitude, na sua transparência, que domina o enredo. Em torno dele toda uma cidade se movimenta. Sempre que era visto. Um membro da família Resende- os Resens- morria. Onde estava ele, o anjo? Por que era assim que acontecia quando ele vinha? O romance fica aí. O leitor fica procurando o anjo, que parece recolher-se depois que o romancista o remete de volta ao mistério, de onde ele descia para anunciar coisas terríveis, só com a sua presença.

O Jornal de Letras em outubro/81 na seção Permanência Literária, escrita por José César Borba com o título: Os salmos e os seres:

**O anjo do quarto dia** é muito bem construído e excitante, diríamos até quando o Anjo, em suas aparições, passa a deslocar a ação para soluções míticas e fantasiosas, interrompendo o interesse pelo desdobramento das revelações de fato municipais contidos no diário secreto de Codó. Este um grande personagem em sua humildade e vocação para o registro anônimo do que pesquisa e assiste.

O patriarca Oricão acrescenta-se à melhor galeria de tipos de sua origem e fibra humana, alternado a física decadência etária à memória de uma ascensão de fortuna e poder iniciada na freqüentação a Bíblia. Os Salmos e os seres nele se representam no passado mais antigo e no domínio mais continuado de uma progressão sucessiva, mente lúcida para atingir os alvos, pragmatismos e sensualidade. (*grifos do autor*).

*“...Tudo sempre disfarçado pela imaginação criadora e fervente do ficcionista. Não à toa, Gilvan Lemos é assíduo freqüentador da Bíblia. (Revista IstoÉ, 21-10-1981,p.11)”*.

Em entrevista dada a revista Princípios (1994), o escritor *Gilvan Lemos*, disse o seguinte:

Quando se fala em regionalismo, mentaliza-se de imediato o romance de 1930 e, ligados a ele, os ficcionistas nordestinos daquela época. Claro está que, por ser nordestino e escrever sobre minha região, algumas pessoas me acham “influenciado pelo regionalismo da Geração de 1930”. A meu ver, trata-se duma questão pelo menos relativa. Meus dois primeiros romances localizam-se numa

cidadezinha do interior, próxima dos meios rurais. Deste modo eu os classificaria, se necessário fosse, de “rurbanos”, para usar uma expressão criada por Gilberto Freyre. No terceiro, desenvolvo a narrativa no meio rural propriamente dito. Não obstante, ao apresentá-lo, Leandro Konder informa: “Nas raízes do conflito, misturam-se interesses econômicos, causas sociais, motivos psicológicos, intrigas de família, circunstâncias históricas. (...) Em *Emissários do diabo*, Gilvan Lemos situa-se a léguas de José Américo de Almeida d’A bagaceira e do chamado “ciclo do romance nordestino”, bem como de qualquer regionalismo, em geral”. “Sempre houve uma ligação do urbano com o rural. O “rurbano”, como diz Gilberto Freyre”.(p. 17).

Para Lemos (p.17) “*nem o regionalismo pertence à década de 1930, nem os nordestinos têm poderes sobre ele*”. Lemos cita Lúcia Miguel Pereira, citada por Wilson Martins sobre o assunto em *Pontos de vista*, (volume 5, p. 247) : “*Se considerarmos regionalista qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos de classificar desse modo a maior parte da nossa ficção*”. (p.17) e indaga mais: “*Isso, a propósito de Valdomiro Silveira, que era paulista, e Afonso Arinos, mineiro. E que dizer de Simões Lopes Neto, gaúcho, José Veríssimo, amazonense, e outros, anteriores à Semana de Arte Moderna, de 1922.* (Revista Cult, ano IV, nº 43).

Lemos (*op.cit.*) diz que os principais autores não formam o bloco compacto de 30, mesmo que eles tenham se destacado da forma que eles entendem o regionalismo. Cita como exemplo Graciliano Ramos que para ele “a rigor não se situa no ciclo do regionalista. Segundo Lemos (p.17) “*Talvez nele se inclua, um pouco, com São Bernardo, mais com Vidas Secas, entretanto como se não pertencesse ao mesmo grupo*”. Cita ainda Érico Veríssimo, onde diz na citação abaixo:

...Sem contar que nessa década já despontava Érico Veríssimo, no extremo Sul, sem qualquer ligação com os nordestinos, conforme assinala Wilson Martins (obra citada, página 285): “Se, nos anos 1930, o ‘romance do Nordeste’ contribuiu para a literatura brasileira com a ficção de fundo sociológico e político, os estados do Sul cooperaram, no mesmo período, com o romance psicológico e urbano: Érico Veríssimo responde sozinho, em termos de grandeza literária, a todo o grupo nordestino que fazia a literatura ‘da terra’ nos arredores da Rua do Ouvidor”. Em consonância com Lúcia Miguel Pereira, eu adiantaria que no Brasil há e sempre houve uma ligação inseparável do urbano com o rural, daí o termo “rurbano”, que eu tomaria emprestado mais uma vez a Gilberto Freyre, para classificar a maioria dos romances nacionais. (p.17).

Segundo *Lemos*, não perdeu tempo em negar que sofreu influência do “regionalismo” da Geração de 1930, porém de um regionalismo “despojado do



*documental, da denúncia social, do pitoresco que o norteavam*” (p.17) e que sofreu da mesma forma que Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso, Gilberto Freyre e, “juntamente com Dostoiévski, Zola, Flaubert, Tolstói, Dos Passos, Miguel Torga, Ferreira de Castro, Cervantes e todos aqueles que mostraram sensibilidade e o fez sentir emoções, e resultou no incentivo a ser também um escritor.

Lemos também explica que em seus romances e contos prevalecem as pessoas miseráveis, que essas pessoas não têm quase ninguém por elas. O escritor usa a miséria não para desfrutá-la., porém é um meio de “*clamar contra as injustiças, abrir os olhos dos indiferentes*”. (Revista Cult, ano IV, nº 43).

Aos sete anos, fez sua primeira comunhão na igreja Católica em sua cidade, São Bento do Una. Mesmo tendo uma criação cristã, Lemos não tem religião, hoje se diz ateu.

Detesta os maus políticos. Para ele, as classes populares estão esquecidas pelos governantes, principalmente os aposentados que tanto contribuíram para o país.

Lemos, também foi destaque em vários Jornais internacionais alusivo ao livro *O Anjo do Quarto Dia, como o Le Monde, França: “O Anjo do Quarto Dia (l’Ange Du quatrième jour), de Gilvan Lemos, certainement le meilleur Roman brésilien de ces dernies temps.”* (Le Monde, p.18, Verdredi, 13 janvier, 1984).

Em 1985 foi destaque na revista *World Literature Today da Universidade de Oklahoma*, Estados Unidos, com uma matéria sobre seu livro, *Morte ao Invasor, lançado em 1984, com apresentação de Malcolm Silverman da Universidade do Estado de San Diego*.

O escritor pernambucano, Gilvan Lemos, em 1989, teve o conto, *Ponte da Boa Vista*, publicado na Alemanha: *Erkundunger 38 Brasilianische Erzahler*.

Vários pesquisadores se debruçaram nos estudos da linguística com as obras do escritor pernambucano Gilvan Lemos. Pode-se dar como exemplo a Dissertação de Mestrado de Martins, Silva (1997) pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco com o tema “*O Cronotopo na Obra Espaço Terrestre: o diálogo tempo-espaço como princípio organizador da narrativa*”. A dissertação aborda a importância da cronotopia no referido romance, demonstrando, assim, como espaço e tempo funcionam como princípio organizador da narrativa. Outro trabalho de grande

valia é a tese de Doutorado em Letras/Teoria da Literatura, também de Martins, Silva (1997) com o tema: *Interação texto-leitor na escola, dialogando com os contos de Gilvan Lemos*, defendida, em fevereiro de 2003, no Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, que em 2005, este trabalho deu origem ao livro “Literatura em Sala de Aula: da Teoria Literária à Prática escolar lançado pelo Programa de Mestrado da UFPE. Mais uma vez as obras de Gilvan Lemos foram exploradas como: Dias ido e não vividos, A inocente farsa da vingança, Missa do galo, Morte ao invasor.

Oliveira, Barros (2000) explorou também uma das obras do autor pernambucano Gilvan Lemos com o tema: “*Esse Negócio da Tupã...*” – *Um estudo sobre a construção da figura indígena em A Lenda dos Cem de Gilvan Lemos*”, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, onde teve como fonte de estudo a construção da figura indígena no referido romance na tentativa de resgate das representações índias na Literatura Brasileira.

Em 2010, Gilvan Lemos recebeu a Medalha Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho pela UBE - (União Brasileira de Escritores, seção Pernambuco). Seu último livro publicado foi **Sete Ranchos** (2010) pela Editora Nossa Livraria.

Uma síntese do romance-sujeito dessa investigação, *O Anjo do Quarto Dia*, do escritor pernambucano *Gilvan Lemos*, propõe situar o leitor na arquitetura do enredo como também conhecer as peculiaridades da referida obra e seus personagens mais significativos. Para tal empregou-se a terceira edição dessa obra (2009). O relato será importante, uma vez que, em seguida faremos a análise do romance e a Bíblia Sagrada.

A obra *O Anjo do Quarto Dia*, 1981, do escritor modernista Gilvan Lemos aborda as relações de poderes através do discurso de autoridade de personagens significativas para construção romanesca. Outro aspecto existente nesta obra como também em outras do autor é a presença de elementos que se coadunam com outros do universo religioso como alusões à Bíblia Cristã. *O Anjo do Quarto Dia* romance do escritor pernambucano Gilvan Lemos surpreende: alegoria com poderoso substrato bíblico e mítico, o individualismo e os interesses políticos massacram o nordestino há vários anos. A localidade é representada no mundo da narrativa no sertão

nordestino. Oricão, chefe local, ex-guardador de porcos, rodeado de homens desonestos. Há na narrativa a presença de opressores e oprimidos, vilões e heróis, cheio de rancores, corrupção e um grande clamor de justiça. *O Livro Anjo do Quarto Dia* mostra a crueldade dos políticos e cala a legitimidade dos oprimidos. Não deixa de lado as raízes do romance social brasileiro.

A trama romanesca se passa numa cidadezinha do sertão nordestino. Neste local, a personagem Ana, mulher considerada por boa parte da população como louca, ainda mocinha engravidou de Zé Moleque, era boiadeiro, diziam que ele era negro e não homem. Tiraram-lhe a criança depois que ela deu a luz a um menino. Disseram que a criança havia nascido morta. Da mesma forma fizeram com Zé Moleque, o pai de Ana armou uma cilada para ele. Orico Resende, o qual era chamado de Oricão Rezéns. Era o mais antigo da cidade, tinha noventa anos, magro como um espigão com mais de dois metros de altura, passou de operário da fábrica de laticínios a biscateiro na cidade, depois de biscateiro a zelador a igreja dos protestantes depois passou a fiscal da prefeitura, e finalmente de fiscal a prefeito e Gonçalves Rezende. Usava do seu poder para humilhar as pessoas. Seu Davi, pastor protestante, casado, com dona Raquel tinha uma filha de treze anos, Sara era seu nome.” *Anjo loiro de mãos rosas*”, foi iludida por Oricão, ao dar a luz, morreu de parto. Casou-se pela segunda vez, Diná, uma menina de onze anos, mãe de Jersonias, próspero, negociante e secretário da prefeitura. A terceira mulher e última de Oricão chamava-se Deolina, treze anos, que era chamada de Lina, mãe de Jason, industrial e tesoureiro. Josias tornou-se prefeito da cidade, era grande proprietário. Mesmo afastado do poder pela idade, Oricão ainda mandava na cidade. Os filhos intercalavam o poder. Ora secretário, ora tesoureiro etc. Codó, mais de cinquenta anos, jamais trabalhou na vida nem praticou algum esporte. Escrevia muito sobre tudo de errado que se passava na cidade.

No tocante às personagens que constituem a obra de Gilvan Lemos, assim são caracterizadas:

Oricão: Era o mais antigo da cidade, tinha noventa anos, magro como um espigão com mais de dois metros de altura, passou de operário da fábrica de laticínios a biscateiro na cidade, depois de biscateiro a zelador a igreja dos

protestantes depois passou a fiscal da prefeitura, e finalmente de fiscal a prefeito e Gonçalves Rezende. Usava do seu poder para humilhar as pessoas.

Ana: Mãe do menino loiro. Quem o via, em quatro dias morria.

Codó: apelidado de '*alma de pau*', e '*pomba lesa*'. Alto, magro e tímido, alma de pau. Escrevia muito sobre tudo de errado que se passava na cidade

Menino loiro: filho de Ana. Aparece somente para as pessoas que praticam a desonestidade.

Josias: Industrial e tesoureiro.

Jesonias: Próspero, negociante e secretário da prefeitura.

Jason: Tornou-se prefeito da cidade, era grande proprietário.

Tia Mé: Costureira e tia de Codó.

Tia Zú: Costureira e tia de Codó.

Lucíola: Filha de Mira.

Mira: Prima de Ana, sempre a casa de Ana visitá-la.

João Carlos: Um dos filhos de Mira havia chegado de férias. Homem bonito, cabelos da moda, finos como de uma moça e loiros.

Zé Moleque: boiadeiro, negro e pai do filho de Ana. Zé moleque foi morto pelo pai de Ana.

Tininha: Tininha era usada por Oricão, obrigada a dar massagens. Não aguentando mais as maldades de Oricão, assassina-o com uma tesoura cravada no pescoço.

Piranha: Rondava pelas ruas, interessada em arrumar homem para vender seu corpo. Garota maluca que dava conta de tudo na cidade, sabia de tudo que se passava, uma vadia no cio.

Seu-Davi: Pastor protestante, casado com dona Raquel tinha uma filha de treze anos, Sara.

Raquel: esposa de seu Davi, mãe de Sara.

Sara: Primeira mulher de Oricão.

Diná, viúva, funcionária da prefeitura, tinha uma filha de onze anos chamada Nice.

Nice: Segunda esposa de Oricão morreu de parto.

Amísio: um jovem que não se conformava com as atitudes do seu pai que também tem o mesmo nome: Dr. Amísio, era juiz de direito. O nome de sua mãe era Amélia.

João Carlos: primo de Ana.

Deolina: treze anos, que era chamada de Lina, mãe de Jason. Terceira mulher e última de Oricão.

Dr. Amísio: Juiz de Direito. Era capacho dos Rezende. Havia-se suicidado. Um tiro no ouvido.

Amísio Filho: não concordava com as atitudes do pai, Dr. Amísio.

Procurou-se, nesta parte inicial da pesquisa, apresentar o autor Pernambuco, Gilvan Lemos, escritor do romance-sujeito desta investigação como também elencar os principais personagens da obra que com os quais se fará estudos de âmbito dialógico e intertextual

## 1.1 O DISCURSO E A INTERAÇÃO

O cerne deste capítulo é discutir sobre a natureza dialógica da língua, pois segundo Bakhtin (1997) a língua caracteriza-se pela alteridade, ou seja, a presença do outro como horizonte do enunciado. Kristeva (1974) explica em seu livro *'Introdução à Semanálise'* a importância das pesquisas de Bakhtin como pode ser vista na seguinte passagem:

As pesquisas foram, entretanto, continuadas, para vir à luz, muito recentemente, nas análises de Mikhail Bakhtin, as quais apresentam um dos acontecimentos mais marcantes e uma das mais poderosas tentativas de avanço desta escola. Longe do rigor técnico dos lingüistas, manejando uma escritura impulsiva, e mesmo por momentos profética, Bakhtine aborda problemas fundamentais, que o estudo estrutural da narrativa enfrenta hoje e que tornam atual a leitura dos textos que ele esboçou a cerca de quarenta anos. Bakhtine é um dos primeiros a substituir a *découpage* estatística dos textos por um modelo, no qual a estrutura literária não é, mas onde ela se elabora em relação a uma outra estrutura. Esta dinamização do estruturalismo só é possível a partir de uma concepção segundo a qual a "palavra literária" não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras : do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior. (KRISTEVA, 1974, p.62)

Como pode ser observado, Bakhtin abordou questões de grande importância para o estudo estrutural da narrativa.

Para ele, a palavra não é um ponto fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais é o diálogo<sup>2</sup> de diversas escrituras.

Bazerman (2007), também vem confirmar o caráter dialógico da língua, pois, em consonância com as ideias de Bakhtin, afirma que os textos não apareceram isoladamente, porém há uma relação com outros textos. Para escrever, é necessário usar textos de outros escritores. Usam-se textos que já havia lidos para poder construir um novo texto. Leitura e escrita fazem um diálogo. À medida que se escreve e se lê, faz-se uma relação das ideias da escrita que as próprias pessoas produzem. O aperfeiçoamento da prática enquanto escritor ou leitor faz compreender o uso da intertextualidade. Conhecer o campo intertextual é muito importante. A concepção de que existe um diálogo entre os textos, já está consolidada nos estudos da linguagem, essa concepção refere-se também a organização linguística na arquitetura dos estilos literários, sejam clássicos ou barrocos. Essa percepção estava reservada ou a gêneros específicos como a sátira, a paródia, a tradução, o comentário, a crítica, o plágio, ou a certas partes do texto, citações, notas, entre outras.

Em 1966, Julia Kristeva, estudando a sátira, introduziu na Teoria Literária, a noção de Intertextualidade, influenciada pelo conceito de dialogicidade desenvolvido por Bakhtin no seu livro “Marxismo e filosofia da linguagem”(2002). Assim, segundo ele, o texto está em diálogo com uma comunidade comunicacional.

---

<sup>2</sup> Manifestação elementar da existência humana. É a mais importante forma de interação verbal; é a realidade fundamental da linguagem. O conceito de diálogo em Bakhtin está em correlação com aquele desenvolvido por Martin Buber, diálogo como forma de comunicação de um EU com um OUTRO que Buber desenvolve, inclusive no plano religioso. Bakhtin, sem negar a dimensão conceitual de Buber, encaminha sua formulação para o campo das relações sociais. Daí a importância do diálogo socrático em suas formulações. Para Bakhtin interessava a palavra-contra-a-palavra capaz de montar a arena da discursiva (MACHADO, 1995).

Bakhtin-Volochínov (2002) afirmam que existe a possibilidade de dar ao instrumento uma forma artística, que assegure uma adequação harmoniosa de forma à função na produção. Explicam que neste caso, produz uma espécie de aproximação máxima, quase uma fusão entre o signo e o instrumento.

Segundo os autores (*ibidem*), esse instrumento enquanto tal, não se torna signo, nem o signo se torna instrumento de produção. Para eles, qualquer produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. Um exemplo dado pelos autores (op. cit.) é o pão e o vinho, são símbolos religiosos no sacramento cristão a comunhão, mas o produto de consumo não é o signo. Esses produtos de consumo como os instrumentos podem ser associados a signos ideológicos, porém não são apagadas as linhas de demarcação entre eles. Dizem ainda que o pão possuidor de uma forma particular que não é somente justificado pela sua função de produto de consumo. Esta forma tem valor, mesmo primitivo, de valor ideológico. Exemplificam um pão com a forma de um oito ou de uma roseta. Para Bakhtin-Volochínov, (2002) ao lado dos fenômenos naturais, materiais tecnológicos e artigos de consumo, há um universo particular o qual eles chamam de signos.

As bases da teoria marxista da criação ideológica abordam os estudos científicos, a literatura, a religião, a moral, explicam que todos estão ligados aos problemas da filosofia da linguagem. Afirmam que um produto ideológico faz parte de uma realidade, esta realidade pode ser natural ou social comparando ao corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, diz também que ao contrário, pode se refletir ou refratar uma outra realidade que lhe é exterior. Para eles, tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Segundo Bakhtin-Volochínov, (2002) tudo que é ideológico é um signo. Para eles, (op.cit.) sem signo não há ideologia.

Sobre o discurso, eles (2002) afirmam que o discurso citado é o discurso no discurso, e a enunciação sobre a enunciação. O que se fala é apenas o conteúdo do discurso e que é o tema das palavras a pessoas. Eles dão como exemplo, a natureza, o homem. Para Bakhtin-Volochínov (op.cit.), para penetrar completamente no conteúdo do outro, é indispensável integrá-lo na

construção do discurso. Não se pode limitar ao tratamento do discurso, eles dão como exemplo as seguintes frases; “se limitarmos ao tratamento do discurso citado em termos temáticos:” Como e “De que falava fulano?” “O que ele dizia?” essas indagações só podem ser descobertas se através da transmissão das suas palavras, mesmo que sobre a forma de discurso indireto.

Bakhtin-Volochínov (2002) afirmam que o discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma outra pessoa, completamente independente na origem. Dotada de uma construção completa. O problema do diálogo está chamando a atenção dos linguistas, está se tornando o centro das preocupações em linguística, onde a unidade real da língua é realizada na fala. Não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações. Explicam que esta enunciação é o diálogo.

A língua, segundo Bakhtin-Volochínov (2002), não é um reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes.

Segundo os autores (op. cit.), “a consciência individual é um fato sócio-ideológico”. Dizem ainda que, a única definição possível da consciência é de ordem sociológica e que a consciência não pode derivar diretamente da natureza. A consciência adquire forma e existência em um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Para os autores, os signos são o alimento da consciência individual. É a matéria de seu desenvolvimento. Essa matéria reflete sua lógica e suas leis e a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica e da interação semiótica de um grupo social. Separando os fenômenos ideológicos da consciência individual ligamos às condições às formas da comunicação social. A existência do signo é somente a materialização dessa comunicação.

Para Bakhtin-Volochínov (2002), o diálogo é concebido como a unidade real da linguagem, o diálogo é o produto da relação de alteridade<sup>3</sup> existente

---

<sup>3</sup> Segundo T. Todorov (1981), termo derivado da estética alemã (Jonas Cohen, Allgemeine Asthetih, Leipzig, 1901), utilizado por Bakhtin para explicar a lógica que determina a mente. Para ele, só é possível conceber o ser através das relações que ele mantém com o outro. O ato mais pessoal, como a tomada de consciência de si, implica sempre a existência de um interlocutor, o olhar que o outro deposita sobre nós. Este é fenômeno gerador do conceito de dialogismo (MACHADO, 1995).



entre duas consciências socialmente organizadas.

Assim, para que o locutor se apresente enquanto tal é necessário que já seja uma consciência que se reconhece no outro: “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (p. 147). Dessa forma, os autores unem sua concepção de diálogo à de natureza ideológica, semiótica e linguística da consciência, “a palavra vai à palavra” (p. 147).

Os autores (*op. cit.*) defendem que a enunciação é um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados mesmo que o interlocutor algo virtual, uma representação da comunidade na qual o locutor está inserido e aconselha a ideia de interação verbal realizada através da enunciação.

O diálogo passa a ser a unidade fundamental da língua, então ele é entendido no sentido aritmético do termo e em toda a comunicação verbal, qualquer que seja do tipo.

Bakhtin-Volochinov (2002) concebem esses dois níveis de significação dialeticamente articulados. O tema é “o sentido da enunciação completa”(p. 128), ele é único, individual, não reiterável, “Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (p. 128). Não basta a análise morfológica ou sintática para que haja uma contemplação ao tema, mas também deve haver a dos elementos verbais da situação.

A significação é “os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (p.129). Pode-se dizer que os elementos que entram em sua constituição são abstratos, convencionalmente definidos, ele não tem existência concreta.

Assim, entende-se que:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema” (Bakhtin, 2002,129).

Para Bakhtin – Volochinov (2002) “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra” (p.130). Eles consideram a significação enquanto uma virtualidade: “a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (p.131). Com isso, há um pensamento do filósofo do poder criticar antigas dicotomias que, mesmo que tentem dar conta da configuração semântica “usual e ocasional” da palavra (a exemplo da clássica distinção entre sentido denotado e sentido conotado) são infundadas na realidade da linguagem.

Pode-se entender que Bakhtin - Volochinov (2002) concebem o diálogo como a unidade real da linguagem, pois, o diálogo é o produto da relação de alteridade existente entre duas consciências socialmente organizadas. Para que o locutor se apresente como locutor há uma necessidade de que uma consciência se reconheça no outro. Eles (*ibidem*) dizem que: “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores”. Dessa forma, Bakhtin - Volochinov unem sua concepção de diálogo à de natureza ideológica, semiótica e linguística da consciência, “a palavra vai à palavra” (p. 147).

Observa-se que Bakhtin - Volochinov (*op. cit*) negam o paradigma estruturalista como forma de estudar a língua. Quer dizer, a proposta de substituir a abordagem pela ideia de interação verbal, isso contemplaria a língua em sua realidade, essa realidade seria o diálogo. Segundo os autores (*ibidem*):

A língua, como sistema de forma que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução” (Bakhtin/Volochinov, 2002, p.108).

Os autores pontuam que conceber a língua como apenas um conjunto de formas gramaticais distantes do contexto social a que está inserida, seria entendê-la de forma estanque, afastada de uma inter-relação no campo ativo, pois para eles por mais que seja assimétrica a relação entre os Interactantes no tocante ao contexto espaço-temporal, todo texto seria produzido para um outro, princípio da alteridade. Sendo assim, a língua como um emaranhado de

normas é um ente abstrato concebido numa imanência sem sentido. A referida pesquisa parte do estudo da língua na construção do romance. Para Bakhtin-Volochínov (2002), o romance é a expressão da consciência galileana da linguagem que rejeitou o absolutismo de uma língua só e única, ou seja, o reconhecimento de sua língua como único centro semântico-verbal do mundo ideológico. Esse reconhecimento faz com que o romance torne-se a expressão dialógica construída no “mundo metafórico” em que também predomina a alteridade e polifonia como no enunciado da vida.

## 1.2 O conceito de texto em Bakhtin

Em relação ao texto, Bakhtin (1997) diz que o tanto oral quanto o texto escrito seriam uma representação da realidade imediata do pensamento e da emoção, realidade única capaz de gerar disciplinas e pensamento. Afirma ainda que onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento. Para o autor, o texto é “implícito”.

O texto pensado num sentido amplo, conjunto coerente de signos, pode dizer que as ciências da arte como a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas se relacionam com textos que são produtos da arte. Cita o “pensamento sobre pensamentos, a emoção sobre a emoção, palavras sobre as palavras, textos sobre os textos” (p.329).

Segundo Bakhtin (1997), esta é a diferença importante que há em nossas ciências tanto as humanas quanto as ciências naturais. Para ele, o pensamento enquanto pensamento nasce no pensamento do outro, isto no campo das ciências humanas. Existe uma manifestação da “*sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (leis dos poderosos, mandamentos dos antepassados, ditados anônimos)*”. (p329-330)”. Cita ainda que: “*o que se poderia chamar de uma definição científica e a crítica dos textos são fenômenos mais tardios (significam toda uma revolução do pensamento nas ciências humanas, é o nascimento da dúvida*” (p.330)).

A fé só exigia a compreensão e a exegese, isso no começo depois recorreu aos textos profanos. Para Bakhtin, interessavam, no caso, as ciências humanas, é a história do pensamento, para ele, “orientada para o pensamento,

o sentido, o significado do outro, que se manifestam e se apresentam ao pesquisador somente em forma de texto” (p.330).

Reforça ainda que *“quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto.”* (p.330). O texto verbal é o princípio de “todas as disciplinas das ciências humanas, ele particulariza as áreas da linguística, da filologia, da literatura.

Explica que todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e que o estudo linguístico pode, até certo ponto, abstrair-se completamente da autoria.

Explica ainda que:

Análise de um texto tomado como *modelo* (modelo de raciocínio, de silogismo na lógica, de oração na gramática, de “comutação” na linguística, etc.). Os textos imaginários (textos modelos e outros). Os textos construídos (com finalidades de experimentação linguística ou estilística, ou outras). Em todos estes casos, temos tipos particulares de autores - inventores de exemplos, experimentadores com sua responsabilidade específica de autor (temos também um segundo sujeito: aquele que poderia expressar-se assim ).(BAKHTIN,1997, p. 330).

Observa-se aqui, que para Bakhtin (*op.cit.*) há vários tipos de modelos na análise de um texto, o de raciocínio, silogismo na lógica e o de oração na gramática, comutação na linguística. Também há os tipos de particularidade de autores e há o segundo sujeito.

Bakhtin (1997) chama a atenção para dois fatores que determinam um texto. Segundo ele, esses fatores os tornam um enunciado: primeiro, o projeto, diz respeito à intenção e o segundo a execução do mesmo, são a Inter-relação dinâmica desses dois fatores, é *“a luta entre eles que imprime o caráter no texto”* (p.330). Acrescenta também que, *“uma divergência entre os dois fatores pode ser muito significativa (p.330)”*.

O autor (1997) dá como exemplo *Tolstoi*. “O lapso escrito e oral, segundo Freud (expressão do inconsciente). A modificação do projeto ao longo de execução. O descumprimento da intenção fônica.

Na mesma obra, o autor explica que o problema do segundo sujeito que fez a reprodução com uma ou que teve outra finalidade, principalmente a

análise de um texto do outro e cria outro texto-padrão (comentário avaliação, reconstituição, etc.).

Para o autor há dois planos e dois sujeitos do pensamento nas ciências humanas. O primeiro plano é a “*textologia entendida como teoria e prática da reconstituição científica dos textos literários. E o segundo que é o sujeito textológico (o textólogo) e suas particularidades*” (p.331).

Sobre o problema do ponto de vista, o autor cita o da localização (espaço – temporal) do observador na Astronomia e na Física.

O autor dá alguns exemplos de textos que são descritos a seguir:

O texto como enunciado na comunicação verbal (na cadeia de textos) de uma dada esfera.

O texto como mônada específica que refrata (no limite) todos os textos de uma dada esfera.

Interdependência do sentido (na medida em que se realiza através do enunciado).

As relações dialógicas intertextuais e intratextuais. Seu caráter específico (extralingüístico). Diálogo e dialética.

Bipolaridade do texto. Cada texto pressupõe um sistema compreensível para todos (convencional, dentro de uma dada coletividade) — uma língua (ainda que seja a língua da arte). Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural (não pertencente à esfera do signo); por exemplo, uma combinação de gritos e de gemidos, desprovida de reprodutibilidade lingüística (própria do signo).

Qualquer texto (tanto oral como escrito) comporta claro, grande quantidade de elementos heterogêneos, naturais, primários, alheios ao signo e que escapam ao campo das Ciências *humanas* (à análise lingüística, filológica ou outra) e que, não obstante, a análise leva em conta (defectividade de um manuscrito, má dicção, etc.). Não há textos Puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam chamar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução, etc.).

Assim, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. Em relação a esta função, tudo o que é repetitivo e reproduzível é da ordem do meio, do material. ( BAKHTIN, 1997, p. 331-332).

Assim, para Bakhtin (1997), o texto não faz parte apenas do âmbito lingüístico e filológico, pertence ao próprio ato de comunicação, porém só haverá manifestação verbal dentro da cadeia dialógica. O autor, assim, destaca a comunicação dentro de uma dada esfera. “*Não existe uma vinculação aos*

*elementos reproduzíveis de um sistema da língua, no caso os signos, para o autor outros textos que são irreproduzíveis numa relação específica, dialógica e dialética, quando se abstrai o autor.” (p.332).*

Nesta tônica, entende-se texto como manifestação linguística em seu sentido amplo e não apenas como um produto não-literário, pois para Bakhtin (2008) a consciência linguística, sócio-ideológica e concreta, ao se tornar artisticamente ativa, isto é, literariamente ativa, encontra-se de antemão envolvida por um pluridiscorso, e de modo algum por uma só linguagem, única, indiscutível e peremptória. Assim, em todas as épocas a consciência literária assume o papel de recurso dialógico, pois está envolvida com a comunicação dialógica, isto é, representativa do processo desencadeador da alteridade. Neste sentido, o teórico russo entende comunicação e dialogismo como um fenômeno inerente ao ser humano em sua manifestação interativa com os demais do grupo. No tocante ao romance, ele seria a organização de comunicação que se vale das chamadas “Belas Letras” como material discursivo. O autor insere, dessa forma, o romance como um evento comunicativo.

Como material discursivo, de teor literário, o romance de Gilvan Lemos é classificado por alguns teóricos como pertencente ao do grupo modernista da geração de 1930, romances esses que apresentam em sua composição a denúncia social através dos ciclos temáticos, a saber: seca, cana-de-açúcar, Bahia/Cacau e Rio Grande do Sul. O Nordeste com suas agruras foi a base de inspiração de tais obras. No caso de Lemos, seria enquadrado também como regionalista embora ele assuma a linguagem e o psicológico como molas centrais de sua produção artística. Ocorre a denúncia à pobreza e à exploração dos poderosos ao pequeno mesmo não sendo por ele enfatizadas como vigas centrais de seus romances, os quais se detêm também à problemática da interação do homem ao homem. Em comunhão com Bakhtin, Gilvan Lemos pontua seu romance como não só um produto linguístico, mas como forma artística de interação em que o campo comunicativo ganha ênfase em sua elaboração.

Dentro dessa perspectiva polifônica, segundo Brait (1997), mais do que um arcabouço teórico, a concepção de linguagem de Bakhtin é uma postura científico-filosófica, uma forma de investigação que aponta para uma totalidade

aberta em que o discurso, forma histórica e falante, faz-se ouvir através de suas inúmeras vozes, dirige-se a um interlocutor e impõe uma atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre as vozes, possam aflorar. Nessa perspectiva, diz ela, o discurso e seu concerto incessante de produção de efeitos de sentido não é jamais um objeto pacífico e passível de submissão ao monologismo de uma teoria acabada.

O autor russo (1997) enfoca que não se afastar do texto é importantíssimo, mesmo que seja “*potencial, imaginário, construído*. (p.332)”. O tratamento do espírito cuja ciência é a responsável, onde se preocupa com o próprio e o do outro não pode ser objeto diretamente observável nas ciências naturais e sim na expressão que será dada pelo signo, essa realização será dada pelo texto. É necessária uma compreensão penetrante do texto. Pode haver a impressão digital, mas será apenas a reprodução, mecânica de um texto. Porém, a reprodução desse mesmo texto pelo sujeito, no sentido de voltar ao texto, uma nova leitura, uma nova execução ou citação é um acontecimento novo irreproduzível na vida do texto, “*é um novo elo na cadeia histórica da comunicação verbal* (p.332)”.

Bakhtin (*ibidem*) explica que uma língua representada pelo sistema de signos, por menor que seja seu grupo onde há sua convenção, será decifrado, terá uma tradução em outra língua, no caso outro sistema de signos; ele diz o seguinte:

...é evidente que existe “uma lógica comum a todos os sistemas de signos, uma língua potencial única, uma língua das línguas (que, claro, nunca pode tornar-se uma língua singular, uma das línguas). Mas um texto (diferentemente da língua enquanto sistema de recursos) nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos, potencial e único.  
O acontecimento na vida do texto, seu ser autêntico, sempre sucede nas fronteiras de *duas consciências, de dois sujeitos*. (BAKHTIN, 1997, p. 333).

O autor (*op. cit.*) aborda que o pensamento humano tem um estenograma e este é sempre de um diálogo, especial. Para ele, é complexa essa interdependência, onde há um estabelecimento entre o texto que no caso é o objeto da análise da reflexão e o contexto que elabora e envolve o qual ele chama de contexto interrogativo ou segundo o autor contestatório, onde o pensamento do sujeito é realizado, pois é o sujeito que pratica o ato de

cognição e de juízo. Para Bakhtin (op.cit.) existe um encontro de dois textos, o que está concluído e o que está sendo elaborado. Essa reação é em relação ao primeiro. Para ele há o encontro de dois sujeitos, conseqüentemente, dois autores. É impossível eliminar ou neutralizar no texto a segunda consciência, a de quem toma conhecimento, pois o texto não é um objeto.

Para Bakhtin (1997), há dois polos: a língua de um autor, de um gênero, um movimento literário, uma época, uma língua natural o qual é o procedimento da linguística e para a língua potencial que chama de procedimento do estruturalismo, da glossemática. Sobre a língua potencial, o autor (*ibidem*) diz que é “*o acontecimento irreproduzível do texto (p.333)*” e que os dois polos são incontestáveis, tanto o que trata da língua e das línguas potenciais ou o que trata do texto único e irreproduzível (p.333).

Sem a liberdade no texto, o leitor não poderia compreendê-lo; nem o texto seria reconhecido, logicamente, não seria operante. Explica que não há referência a um objeto mudo ou fenômeno natural nas ciências humanas. O homem é indagado em sua especificidade. É inerente ao homem criar um texto.

Quando o homem é ponto de estudo fora do texto, independente qual seja o texto, não é mais tratado com as ciências humanas.

O autor aborda também o problema do texto na textologia. Cita o aspecto filológico. Para ele (*ibidem*) “*O ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação).*” (p.334). Cita também as combinações de um gênero particular com a entonação e expressividade: “*O sublime e o belo*” — *o que existe aqui não é uma unidade fraseológica no sentido habitual, mas uma combinação de palavras de um gênero particular, com entonação e expressividade; é o testemunho de um estilo, de uma visão do mundo, de um tipo humano. (p.333).*

Para o autor (1997), o texto é sentido, ouvem-se duas vozes, dois sujeitos: o que fala seriamente e o que parodia o primeiro. Só se ouve a segunda voz na combinação quando convertida no enunciado. Sem um sujeito falante não haveria uma segunda voz.



“Mesmo uma palavra isolada pode tornar-se bivocal<sup>4</sup> em se tornando abreviação de enunciado recebendo, pois, um autor (p.333). A primeira voz não é criada pela unidade fraseológica, e sim pela segunda. É dentro desse enfoque bivocal que Bakhtin (*op.cit.*) trata também da Língua e discurso, oração e enunciado, como explica na citação abaixo:

O sujeito falante (a individualidade “natural” generalizada) e o autor do enunciado. A alternância dos sujeitos falantes e a alternância dos locutores (dos autores de um enunciado). Pode-se estabelecer um princípio de identidade entre a língua e o discurso, porque no discurso se apagam os limites dialógicos do enunciado, mas jamais se pode confundir língua e comunicação verbal (entendida como comunicação dialógica efetuada mediante enunciados).

É possível a identidade absoluta entre duas ou mais orações (sobrepostas, como duas figuras geométricas, elas coincidem). Há mais: qualquer oração, mesmo complexa, dentro do fluxo ilimitado do discurso pode ser repetida ilimitadamente e de uma forma perfeitamente idêntica, mas, enquanto enunciado (ou fragmento de enunciado), nenhuma oração, ainda que constituída de uma única palavra, jamais pode ser repetida, reiterada, duplicada: sempre teremos um novo enunciado (mesmo que em forma de citação). (BAKHTIN, 1997, p. 333-334).

Vê-se, nesta citação, que na alternância dos sujeitos falantes e dos locutores, no caso os autores de um enunciado, há possibilidade de haver um princípio de identidade entre a língua e o discurso, pois nos limites da dialogicidade, as barreiras tornam-se tênues entre essas duas realidades. Nunca se deve confundir língua e comunicação verbal, no caso a comunicação dialógica efetuada mediante os enunciados.

Para Bakhtin (1997), uma oração pode ser reiterada, mas dentro dos limites de um único enunciado. Dá como exemplo a repetição e a autocitação. Explica que “*cada ocorrência representa um novo fragmento de enunciado*”(p.335). Para ele, sua posição e função mudaram todo o enunciado, elementos extra-linguísticos (dialógicos), que são vinculados aos outros enunciados. (p.335-336). Todo enunciado passa pelos elementos extra-linguísticos e dialógicos. Para ele, tudo que é linguístico são apenas recursos.

---

<sup>4</sup> Fenômeno que revela o discurso como uma manifestação de dupla representação. Numa única realização textual é possível ouvir várias vozes, vários estilos. São exemplos de bivocalização todo discurso citado, dialógico e polifônico. (MACHADO, 1995).

### 1.3 O autor e a expressividade na obra

Bakhtin (1997) começa o assunto com uma indagação sobre a imagem do autor (exotopia<sup>5</sup>): “Será possível falar de uma “imagem” do autor?” (336).

Segundo o autor, é possível percebê-lo, entendê-lo e senti-lo qualquer que seja a obra de arte. Na pintura, é sentido o autor, porém não é vista sua imagem da mesma forma que é vista a imagem que ele representa. É percebida por toda a parte a representação do autor, como um sujeito representador e não como uma imagem representada, ou seja, visível. (p.336). Será abordada a diferença do *autor puro* do *autor parcialmente representado* (1997):

A imagem do autor é, na verdade, de um tipo especial, distinta das outras imagens da obra, mas apesar disso é uma *imagem*, com um autor: o autor que a criou. Imagem do narrador no relato na primeira pessoa. Imagem do herói na obra autobiográfica (autobiografia, confissão, diário, memórias, etc.), o herói autobiográfico, o herói lírico, etc. Ainda que possam ser medidas e determinadas em função de sua relação com o homem-autor (objeto específico de uma representação), não deixam de ser imagens representadas que têm um autor, portador do princípio representativo. Só é possível falar de um autor *puro* com a condição de distingui-lo do autor parcialmente representado, mostrado na obra de que é parte integrante (BAKHTIN, 1997, p. 336).

Para Bakhtin (*op.cit.*), a imagem do autor, mesmo sendo uma imagem distinta das outras imagens, não deixa de ser uma imagem. “O autor está no todo da obra — e está no mais alto grau —, mas nunca poderia tornar-se parte integrante dela no plano das imagens (objetos) (p.337).” Bakhtin (1997) ainda questiona sobre “a palavra pura, sem objeto, unívoca, é possível na literatura”. (p. 337). Se o autor não ouvisse a voz do outro, somente ele ouvisse totalmente ele. E essa palavra pode se tornar material para a obra? Questiona também sobre a posição do autor na língua, pois esta lhe serve de material para a obra. Para ele o escritor é sempre um dramaturgo, pois ele redistribui todas as palavras entre as vozes dos outros, e nelas está inclusa a imagem do autor e todas as suas máscaras. Segundo ele, uma palavra sem objeto, com uma única voz é ingênua e inapta para uma criação autêntica e essa voz criadora pode ser a segunda voz do discurso.

---

<sup>5</sup> Machado(1995) pontua em seu livro O Romance e a Voz que esse conceito refere-se à posição do autor diante de personagens considerando-se um campo de visão comum. É uma colocação de fora, espacial e temporalmente falando, dos valores e do sentido, que permite armar a totalidade do personagem que internamente está disperso num mundo determinista do conhecimento. Esta colocação de fora permite abarcar o personagem e sua vida mediante aqueles momentos que são inacessíveis por si como a plenitude da imagem externa, a aparência, a atitude diante da morte, etc.

Para o autor (op.cit.) “o escritor é aquele que sabe trabalhar a língua situando-se fora da língua, é aquele que possui o dom do dizer indireto”. (p. 337).

Para o autor (*ibidem*) existem duas fases de objetivação: a primeira é “fazer de si um objeto para o outro e para si mesmo (“a realidade da consciência”).” A segunda fase de objetivação é “expressar a relação pessoal consigo mesmo enquanto objeto” (p.337), dessa forma, sua própria palavra torna-se objeto, adquirindo, assim, uma segunda voz. Sua própria voz, a voz que lhe pertence. Essa voz não projeta uma sombra vinda dele mesmo, pois toda substância do material vai para a primeira voz.

Bakhtin (1997) explica a necessidade de *compreender* o autor, a necessidade de *conhecer* a consciência do outro. Ele faz a distinção *entre* a *compreensão* e a *explicação*, onde a *compreensão* tem duas consciências e é dialógica e a *explicação* é um único sujeito:

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência: a consciência do outro e seu universo, isto é, outro sujeito (um *tu*). A *explicação* implica uma única consciência, um único sujeito; a *compreensão* implica duas consciências, dois sujeitos. O objeto não suscita relação dialógica, por isso a explicação carece de modalidades dialógicas (outras que não puramente retóricas). A compreensão sempre é, em certa medida, dialógica.

Diversidade de formas e de aspectos da compreensão. Compreensão (domínio) da linguagem dos signos, ou seja, de um dado sistema de signos (de uma dada língua, por exemplo). Compreensão da obra numa língua já conhecida, ou seja, já compreendida. Na prática, não há fronteiras, e passa-se de uma forma de compreensão para a outra. Pode-se dizer que a língua, como sistema, perde qualquer sujeito e fica totalmente desprovida de propriedades dialógicas? Em que medida pode-se falar do sujeito da língua enquanto sistema? Decifrar uma língua desconhecida é substituir eventuais locutores indefinidos, é construir enunciados possíveis nessa língua. A compreensão de uma obra qualquer, numa língua muito familiar (a língua materna, por exemplo), enriquece igualmente a compreensão da língua em seu sistema. (BAKHTIN, 1997, p. 338).

Para o autor (op.cit.), a palavra, que geralmente é o signo, é interindividual. Para ele tudo o que é dito, expresso, está situado fora da alma, fora do locutor, ele não tem poder exclusivo sobre ela. A palavra não é deixada só para o locutor. Este autor que também é locutor, também tem seus direitos sobre a palavra. Todavia o ouvinte e todos aqueles que cujas vozes soam na palavra da mesma forma têm seus direitos. Toda a palavra é de alguém.

Segundo o autor, '*A palavra é um drama com três personagens (não é um dueto, mas um trio)*' (p.350). *Este drama é fora do autor, não há intuição no mesmo. Bakhtin ainda diz que: "se nada esperamos da palavra, se sabemos de antemão tudo quanto ela pode dizer, esta se separa do diálogo e se coisifica."* (p.350).

Para o autor (op.cit.), a prática do ato da compreensão é parte integrante do enunciado, existe a presença de um novo parceiro e é esta existência que faz com que haja dialogicidade nesta participação. Nesta concepção, há um '*encontro dialógico de duas consciências nas ciências humanas*'. *E observada a presença do envolvimento do enunciado do outro pelo contexto dialogizante.* (p.352).

Bakhtin (1997 p.356) explica na citação que compreender um texto é dialógico e nesta compreensão aparece um terceiro participante no diálogo e que todo o enunciado tem um destinatário.

A própria compreensão é de natureza dialógica num sistema dialógico, cujo sistema global ela modifica. Compreender é, necessariamente tornar-se o *terceiro* num diálogo (não no sentido literal, aritmético, pois os participantes do diálogo, além do terceiro, podem ser em número ilimitado), mas a posição dialógica deste terceiro é uma posição muito específica. O enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Este destinatário é o *segundo* (mais uma vez, não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um *superdestinatário* superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. (O destinatário de emergência.)

Bakhtin (op.cit.) exemplifica o pensamento de K. Marx sobre o enunciado onde dizia que, '*somente ao ser enunciado na palavra, um pensamento torna-se real para o outro e, portanto, para si mesmo*'.( p.336). Para ele, a palavra sempre vai mais longe. Mesmo sendo ouvido por si só, já estabelece uma relação dialógica. Diz ainda que a palavra quer ser ouvida, compreendida e respondida e quer também responder (p.336).

O estudo da natureza do enunciado é de grande importância sobre as abordagens simplificadas em relação à vida real da língua na sociedade no tocante aos usos sociais e comunicativos. Segundo Bakhtin ((p.287):

“Irei mais longe: o estudo do enunciado, em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações.”

Observa-se, também, a análise do autor sobre os papéis dos participantes do diálogo, os quais aparecem na realidade da língua estabelecendo as condições “constitutivas” dos gêneros, citando a primeira à alternância dos sujeitos.

Segundo o autor (*op.cit.*), essa alternância dá a condição de acabamento (p.299) do enunciado, mas não de isolamento, diz ainda que não se pode distinguir entre falante, um indivíduo ativo e ouvinte, um indivíduo passivo), pelo fato de o ouvinte receber e compreender a significação linguística de um discurso é dotada ao mesmo tempo, para o mesmo, uma atitude responsiva ativa” (p.290). há uma preparação em que ele vai concordar, emendar, completar discordar o discurso do outro a partir do momento que começa a ouvi-lo; entende-se então que “o ouvinte torna-se locutor”, pois “*toda a compreensão é preenchida de resposta*” (p. 290).

Em relação aos gêneros, Bakhtin afirma que são frutos de um uso comunicativo da língua na sua realização dialógica, de modo que os indivíduos, quando se comunicam não trocam orações nem trocam palavras (p.297) (o que seria adotar uma posição formalista), mas trocam enunciados que se constituem com os recursos formais da língua (gramática e léxico).

Nesta passagem, fez uma abordagem sobre a relação entre autor e obra em que aspectos como a presença do escritor permanece na obra. Na passagem subsequente, far-se-á uma explanação sobre a interdiscursividade dentro do pensamento bakhtiniano.

#### **1.4 A interdiscursividade segundo o pensamento de Bakhtin**

Bakhtin defende a ideia de que um texto tem sua feitura a partir de outros textos, anteriores a ele. Esses textos podem ser na modalidade falada ou escrita. Um enunciado estará sempre completando outro enunciado que foi dito anteriormente, essa inter-relação entre os enunciados faz parte da construção de sentido, pois tece a intertextualidade. Esse fato também é notado em conversa informal. E para falar de intertextualidade, é necessário

beber em Bakhtin (1981, p.69) onde em sua obra tem por princípio unificador a concepção dialógica da linguagem.

Pode ser dito que essa inter-relação entre os textos na produção textual, em vários campos sociais, por muito tempo, foi empregada com sentido de plágio para dizer que um texto estava sendo imitado ou sendo cópia de outro texto. Atualmente, usa-se o termo intertextualidade, pois se sabe que é “*mimesis*” (recriação). Não existe nada de novo, tudo é recriado. O artesão pega a argila e molda. Cria novas formas. Assim como a pedra de mármore, em que um pedaço pode dar várias formas diferentes.

Partindo deste suposto teórico observa-se que os textos não apareceram isoladamente, há uma relação com outros textos. Para escrever é preciso usar textos de outros escritores.

Usam-se textos que já se fora lido para construção de um outro. Isso mostra que a leitura e a escrita fazem um diálogo, pois à medida que se escreve e ler, faz-se uma relação das ideias da escrita que são produzidas pelas próprias pessoas. Pois, como próprio Bakhtin afirma (2003) só o Adão mítico teria vindo ao mundo com a primeira palavra, isto é, livre da influência do discurso de outrem. Neste sentido, todo texto é influenciado por outro em sua elaboração.

O aperfeiçoamento da prática enquanto escritor ou leitor faz potencializar a relação com a intertextualidade. Em 1966, Julia Kristeva estudando a sátira introduziu na Teoria Literária, a noção de Intertextualidade, influenciada pelo conceito de dialogicidade desenvolvido por Bakhtin no seu livro “*Marxismo e filosofia da linguagem*”.(1999). Bakhtin foi contrário às dicotomias presentes nas concepções de linguagem e de psicologia de seu tempo por oscilarem entre os polos subjetivo e objetivo, Bakhtin arquitetou suas teorias em um entrelaçamento entre sujeito e objeto, propondo uma síntese dialética imersa na cultura e na história (BAKHTIN, 1997).

A partir da visão de linguagem mostrada, o conceito de dialogismo<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>Ciências das relações formulada por Bakhtin através da observação da interação existente na dinâmica das enunciações, dos organismos, dos fenômenos e do homem com o mundo. O dialogismo celebra a alteridade, a necessidade do outro, tornado-se deste modo, a categoria primordial através da qual Bakhtin pensará as relações culturais. (Machado, 1995)

desenvolvido por Bakhtin pode ser interpretado no sentido de como o elemento instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso (Foucault, 1988), existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, e uma sociedade, também como elemento representativo das relações discursivas onde há entre o *eu* e o *outro* um estabelecimento nos processos discursivos iniciados historicamente pelos sujeitos, processos discursivos pelos quais os sujeitos também são instaurados em “contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 1981, p. 96).

Bakhtin entende que a inter-relação que os homens têm é mediada pela linguagem, pelo fato de ela ser condição primaz para formação do homem como agente social, pois sem ela, o homem não imerge no mundo sócio. Não se desenvolve, não há uma realização nas aprendizagens, não ascendem às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim, não se constitui como sujeito (FREITAS, 1997, p. 320). Para o autor russo (1981) o texto está em diálogo com uma comunidade comunicacional.

Por estar constantemente internalizando e revozeando os discursos dos outros, a linguagem apresenta, segundo Bakhtin (2003), um caráter heteroglóssico; assim como dialógico, uma vez que esses enunciados sempre pressupõem uma atitude responsiva do(s) outro(s) a quem eles se dirigem. Segundo Bakhtin (2004, p. 79) “nenhuma enunciação<sup>7</sup> verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”. Por conseguinte, o *eu* e o *outro* constroem, cada qual, um universo de valores.

---

<sup>7</sup> Conjunto de manifestações verbais e não verbais que cercam o ato comunicativo, garantindo a expressão do sentido. A enunciação pressupõe a voz do emissor, o horizonte do receptor, o tempo e o espaço em que é produzida. Cada enunciação é única e irrepetível. (MACHADO, 1995).

Kristeva (1974, p.69) partindo dos conceitos de dialogismo e polifonia indaga que: “todo o texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção de outro texto”. Ninguém cria nada, “tudo que falamos é fruto da nossa convivência com nossos pais, tios, irmão. É tudo que vivenciamos na nossa infância”.

Como observado, o estudo da intertextualidade está presente em diversas áreas do conhecimento, “como pela mídia, bordões de programas humorísticos de rádio ou TV, assim como provérbios, frases feitas, ditos populares etc.” (KOCH, 2006:147).

Será abordada, agora, um pouco da história da Bíblia, sua origem, qual eram as línguas faladas no Novo Testamento, no tempo em que a língua hebraica era falada. Em que período a língua alcançou o ponto de desenvolvimento em pureza e refinamento. Em que século a palavra Bíblia foi usada pela primeira vez. Essas e outras questões são de grande importância para que o leitor entenda a análise deste trabalho.

### **1.5 Um breve percurso sobre a origem da Bíblia.**

Para Mein (2007), tempos atrás, a palavra inspirada por Deus não era ainda escrita, o motivo foi a falha à prova da consciência, devido a isto, houve uma nova época debaixo da lei.

Então houve uma grande necessidade da palavra escrita. Não há provas de que o homem tivesse a palavra de Deus escrita antes do dia em que Deus (Jeová) falasse para Moisés que escrevesse tudo aquilo para memorial num livro. Este momento se encontra no livro de Êxodo capítulo 17, versículo 14.

É interessante observar que “as línguas estão sempre se modificando e mudando com o desenvolvimento dos povos e interrelacionando as nações” (p.11). A Bíblia foi escrita em três línguas: hebraica, aramaica e grega. A grega era a língua do Novo Testamento. Segundo alguns comentadores, Abraão, provavelmente deixou de usar a velha língua quando saiu de Ur, nesse caso, ele ao deixar sua língua, adotou a língua dos cananeus, onde passou a morar. Interessante é que durante o cativeiro da Babilônia, Abraão deixou de falar a língua hebraica e adotou a caldaico-aramaica, a mesma continuou a ser falada até os dias de Jesus Cristo.



Viu-se que no Novo Testamento se falava a língua grega, depois Abraão adotou a língua dos cananeus a qual era a caldaico-aramaica. Já o velho testamento foi escrito na língua hebraica, que era a língua do povo de Israel, a qual era chamada de 'língua judaica'.

Segundo Mein (2007), Os hebreus continuaram falando e escrevendo esta língua até no cativeiro, depois adotaram a aramaica ou siríaca que é um dialeto da língua hebraica. Essas mudanças na língua hebraica descobriram-se três períodos onde se dividiram a história do seu desenvolvimento. É importante observar que cada período é distinguido pelo seu estilo e idioma.

Como se pode observar a língua hebraica era falada no tempo de Moisés, onde o livro o Pentateuco foi escrito. São eles: Juízes, Samuel, Reis, Crônicas, Salmos de Davi, Provérbios e os demais livros de Salomão e as profecias de Isaías, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum e Habacuque.

Neste segundo período, a língua alcançou o ponto do seu desenvolvimento em pureza e refinamento. Já os livros de Ester, Esdras e Neemias foram escritos no terceiro período. Foi nessa época, em que as palavras, frases e idiotismos de línguas estrangeiras foram incorporados à hebraica da segunda época em comunicação dos judeus com as nações vizinhas. Mein (2007) cita ainda os livros do Novo Testamento, os quais foram escritos originalmente na língua grega, conhecida como helênica, porque os gregos eram chamados helenos ou o povo de Helas.(p.19).

É interessante destacar que a palavra Bíblia foi usada pela primeira vez por Crisóstomo no século IV. Deriva da palavra "Biblos", palavra grega ( livros). Já a palavra Testamento não se encontra como um título na Bíblia. É derivado do latim *tetamentum*. Na língua grega esta palavra significa *concerto*.

Segundo Mein (2007), as pessoas falam muito em manuscrito originais. Para ele, Não existe original algum em todas as sagradas escrituras, nem do Velho nem do Novo Testamento. Ao ficarem velhos, eram copiados. Os próprios amigos da palavra de Deus queimavam e enterravam os originais. 'Outros foram destruídos pelos inimigos durante as guerras e perseguições que o antigo povo de Deus sofria de tempos em tempos'.

Para o autor (*ibdem*) "mesmo quando o Novo Testamento foi escrito, os documentos originais do Velho Testamento não existiam mais."

Diz ainda que a “Bíblia completa foi copilada pela primeira vez, consistiu em cópias hebraicas do Velho Testamento – junto com uma tradução grega conhecida por Septuaginta, que significa setenta, porque foi feita por setenta homens. Explica ainda que, há milhares de manuscritos gregos e hebraicos copiados dos originais, espalhados pelo mundo. Datas dos papiros mais antigos, e do quarto século para os anúncios escritos em letra maiúscula sobre pergaminho (pele de cabrito especialmente preparada). Mais de 2.000 mil manuscritos já havia, quando as primeiras Bíblias foram impressas.

É importante dizer que os escritos gregos são escritos com letras maiúsculas e quadradas, e todas as palavras em cada linha estão ligadas para poupar espaço. Um exemplo pode ser visto no livro de Isaías capítulo 53 versículo 11, na edição Almeida de 1913 e 1916: “ Porqueassuasiniquidadeslevarásobresi.” ( MEIN, 2007, p.53).

Nesse trecho, foi apresentado um breve percurso histórico sobre a origem da Bíblia cristã, enfatizando a apresentação das principais línguas empregadas nos textos sagrados. Na próxima seção, serão explanados os conceitos de intertextualidade e polifonia à luz da teoria bakhtiniana.

## 1.6 Intertextualidade e Polifonia

O gênero<sup>8</sup> escolhido para análise desta investigação é o romance, gênero pertencente ao campo literário. Para Bakhtin (2002), o romance é um gênero que apresenta uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais.

---

<sup>8</sup> Segundo Machado (1995), gênero é o modo específico de percepção de valores e da representação do mundo. Gêneros são formas de pensamento sobre o mundo. O artista aprende a ver a realidade com os olhos do gênero. O gênero é a noção fundamental da metalinguística, pois nele seus constituintes estão em plena renovação e atualização. A vida do gênero depende do renascimento e renovação que se processa em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura. o gênero vive do presente mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.(p.312).

<sup>8</sup> Polifonia é a radicação do processo de descentramento da linguagem. O discurso polifônico torna o romance uma manifestação múltiploca, em que as mais diversas vozes sociais encontram um espaço de emissão. Entram na constituição da polifonia não só as vozes dos personagens representados como também as vozes dos gêneros. (MACHADO,1995).

Sobre esse universo, ele expõe que a prosa romanesca situa na desintegração dos gêneros elevados ainda no universo grego, levou à formulação de uma tipologia universal que se estriba no que Bakhtin concebeu como monológico e polifônico. Assim, o monológico estaria associado ao conceito do monologismo autoritário de acabamento; já, o polifônico<sup>8</sup>, que é matéria de estudo desse estudioso estaria voltado ao conceito de realidade em formação, inconclusibilidade e o não acabamento, pois decorre do fato de que esse gênero está sujeito às novas mudanças oriundas dos personagens, que estão sempre em processo de evolução.

Nisso, na ótica da polifonia, as personagens que o povoam a realidade romanescas estão sempre em evolução. Sendo um gênero formado por essa diversidade de vozes, o romance é alicerçado em dialogismo e polifonia.

Reforçando essa ideia, Bezerra (*op. cit.*) ainda pontua que para Bakhtin o modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva e isônoma do outro; para ele não existe o “eu” isônimo do outro “tu”. O outro nunca é outra consciência, é mero objeto da consciência de um “eu” que tudo enforma e comanda. Dessa forma, o monólogo é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força decisória. Pois, essa vertente monológica descarta o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social. Essa realidade monológica é muda e inerte. A autora aborda ainda que Bakhtin reconhece que a polifonia não é atributo de todo romance, segundo ele, Dostoiévski foi o primeiro a empregá-la na constituição de suas obras romanescas, ainda destaca que nem todo romance bivocal garante a polifonia, pois ela acontece numa arena de confrontos, seria assim a marca do posicionamento, radicalmente, inusitado do autor no romance.

Sobre a tipologia do discurso de outrem na prosa romanesca, Machado (1995) explana que Bakhtin elaborou um quadro tipológico sobre sua teoria do discurso citado. Essa reescritura da literatura ocidental baseia-se numa nova teoria da linguagem, aquela que, segundo ele, vê com “bons olhos” a possibilidade de empregar, numa mesma obra, discursos de vários tipos. A saber:

### **1. Discurso Direto do Autor:**

Trata-se de um discurso situado no âmbito da fala de um autor, que soa como se fosse um discurso direto de uma só voz, um discurso monológico, de estilo linear. É próprio desse tipo de discurso nomear, comunicar, enunciar e representar diretamente o objeto a que se refere. O discurso enobrecido pelo princípio da literaturidade, praticado sobretudo, pelo romance de cavalaria, é um exemplar típico deste tipo de construção monológica.

### **2. Discurso representado dos personagens**

É o discurso concreto das pessoas representadas, o discurso direto, mesmo circunscrito ao contexto do discurso do autor, se situa num plano distinto. O discurso do personagem é elaborado como discurso do outro, como discurso de um personagem caracterológico ou tipicamente determinado, ou seja, é elaborado como objeto da intenção do autor, nunca do ponto de vista de sua própria orientação objetiva. Este tipo de discurso não esconde sua feição monológica, pois tenta uniformizar o tom do discurso do outro. Assim, tanto o diálogo como o monólogo ou solilóquio do personagem são construído dentro de um estilo pictórico.

### **3. Discurso bivocalizado**

É Discurso orientado para discurso de um outro. Nele ocorrem duas orientações, duas vozes significantes: o autor usa o discurso de um outro e imprime nele uma outra orientação, ou seja, suas próprias intenções.

Para Machado (1995), o quadro tipológico desenvolvido por e examinado por Bakhtin ao longo de seus estudos, contribuem para preencher a lacuna, no cicriticismo dos gêneros em prosa.

Nessa esteira, Blikstein (2000), o discurso, seja qual for nunca é totalmente autônomo. Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos

que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação “filosófica-semiótica” para recuperar a significação profunda dessa polifonia que governam as vozes, os textos e, finalmente, o discurso.

Tal escavação, segundo o autor (*ibidem*) revelará como o sentido do discurso nem sempre corresponde (e em certos contextos), à significação profunda do intertexto em que se “teceu” esse discurso. Em outros termos, o discurso parece estar tratando do referente **x**, “*Piranha*” na obra *O Anjo do Quarto Dia*, quando na verdade, o que está em tela é o referente **y**, no caso “*Maria Madalena*”, oculto nas malhas da intertextualidade. É a ilusão referencial.

Para Blikstein (*ibidem*), o enunciador leva o destinatário a dois níveis de descodificação: um, no plano de superfície, em que se capta o referente **x** (“ilusório”); outro, na estrutura profunda do intertexto, em que se absorve, inconscientemente, o referente **y** (correspondente à “reais” intenções do enunciador).

Para dar um bom exemplo sobre o aspecto do dialogismo o qual se pode chamar de diálogo e intertextualidade, será apresentada a imagem poética presente em “*Tecendo a Manhã*” (1994) de autoria de João Cabral de Melo Neto, a qual ilustra uma ideia que se pretende desenvolver nesta dissertação. (PESSOA, 1994):

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outros; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

Observa-se, neste poema, uma metáfora onde expressa que os textos são tecidos pelos fios de muitas vozes que dialogam entre si, através de polêmicas, concordâncias, respostas, entre outras. Existe um primado da intertextualidade em relação à textualidade, entretanto devendo se observar “que a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade “interna” das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos” (KRISTEVA, 1974).

A resolução dialógica entre uma Linguística interna e uma Linguística externa, proposta por Bakhtin, encontra-se, por conseguinte, no centro de suas investigações.

Vê-se aqui, que as relações dialógicas possibilitam e garantem a interindivíduo dos signos, mas não existem no sistema linguístico, e que “o texto é sempre, sob modalidades várias, um intercâmbio na tessitura polifônica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências”.

Segundo o Dicionário de análise do discurso (2004, p. 289) há vários tipos de relações transtextuais, os quais serão apresentados abaixo:

- a intertextualidade, que é a presença de um texto em outro texto (por citação ou alusão etc.);
- a paratextualidade, que diz respeito ao entorno do texto propriamente dito, sua periferia ( títulos, prefácios, ilustrações, encarte etc.);
- a architextualidade, bastante mais abstrata, que põe um texto em relação com as diversas classes às quais ele pertence (tal poema de Baudelaire se encontra em relação de architextualidade com a classe dos sonetos, com a das obras simbolistas, com a dos poemas, com a das obras líricas etc.);
- a hipertextualidade, que recobre fenômenos como a paródia, o pastiche etc.

Será apresentado, no item a seguir, o pensamento de Julia Kristeva sobre “a palavra no Espaço de texto”, a palavra e o diálogo, sobre o romance.

## 1.7 A palavra no espaço de texto segundo Julia Kristeva

Sobre a palavra inserida no universo textual Kristeva (1974) pontua que o estabelecimento do estatuto da palavra nos diferentes gêneros, como significando modos diversos de inteligência (literária), coloca hoje a análise poética no ponto nevrálgico das ciências “humanas” no cruzamento da linguagem que é a prática real do pensamento e do espaço que é o volume, onde a significação se articula por um encontro de diferenças. A autora diz que estudar o estatuto à palavra significa estudar as articulações desta palavra como complexo sêmico com as outras palavras da frase e encontrar as mesmas funções, relações ao nível das articulações de sequências maiores.

Kristeva (1974) define as três dimensões do espaço textual, onde são realizadas as diferentes operações dos conjuntos sêmicos e das sequências poéticas:

O sujeito da escritura, o destinatário e os textos exteriores ( três elementos em diálogo). O estatuto da palavra define-se, então,

- a) Horizontalmente: a palavra no texto pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário;
- b) Verticalmente: a palavra no texto está orientada para o corpus
- c) literário anterior ou sincrônico.

Mas no universo discursivo do livro, o destinatário está incluído, apenas, enquanto propriamente discurso. Funde-se, portanto, com aquele outro discurso (aquele outro livro) em relação ao qual o escritor escreve seu próprio texto; de modo que o eixo horizontal (sujeito-destinatário) e o eixo vertical (texto-contexto) coincidem para revelar um fato maior: a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras ( de textos) onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto). Em Bakhtine, além disso, os dois eixos, por ele denominado diálogo e ambivalência, respectivamente, não estão claramente distintos. Mas esta falta de rigor é antes uma descoberta que Bakhtine é o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 1974, p.63-64).

Segundo Kristeva (1974), o estatuto da palavra como unidade mínima do texto revela-se como um mediador. Explica que este mediador faz a ligação do modelo estrutural ao ambiente cultural, exemplificando o ambiente histórico, assim como o regulador da manutenção da diacronia em sincronia em estrutura literária. Explica que pela própria noção de estatuto, a palavra é especializada; funciona em três dimensões ( sujeito-destinatário-contexto). É o conjunto de

elementos sêmicos em diálogo, ou como conjunto de elementos ambivalentes. (p. 64). A tarefa da semiótica literária consiste em encontrar os formalismos correspondentes aos diferentes modos de encontro das palavras (das sequências) no espaço dialógico dos textos (p. 64). Explica ainda que a descrição do funcionamento específico das palavras nos diferentes gêneros ou textos literários, exige o procedimento translinguístico, como é destacado a seguir:

1º concepção do gênero literário como sistema semiológico impuro, que “significa sobre a linguagem, mas jamais sem ela”:

2º operação efetuada com grandes unidades de discurso-frases, réplicas, diálogos etc.

A autora destaca ainda que “poder-se-ia, desta maneira, levantar e demonstrar a hipótese de que toda evolução dos gêneros literários é uma exteriorização inconsciente de estruturas linguísticas, exteriorizada o diálogo linguístico” (p.64). Na passagem seguinte será pontuada explanação entre a palavra e o discurso.

## 1.8 A palavra e o Diálogo

Kristeva (1974) explica que a ideia de diálogo linguístico preocupava os formalistas russos. Havia uma insistência a respeito do caráter dialógico da comunicação linguística. Consideravam o monólogo “*enquanto forma embrionária*” da língua comum, como posterior ao diálogo. Havia a distinção entre alguns deles sobre o discurso monológico como equivalente a um estado psíquico, já a narrativa era uma imitação artística do discurso monológico. Ainda dá como exemplo Eikhenbaum, que não leva em conta que na maior parte dos casos, o autor da narrativa, antes de referir-se a um discurso oral, refere-se ao discurso do *outro*, do qual o discurso oral é apenas uma consequência secundária (sendo o outro o portador do discurso oral). O que chamamos de monológico é dialógico (p.65).

A autora (op.cit.) afirma que Bakhtin sublinha que as relações sobre as quais se estrutura a narrativa (autor-personagem), pode-se acrescentar sujeito da enunciação-sujeito do enunciado, são possíveis porque o dialogismo é inerente à própria linguagem. Sem explicar em que consiste este duplo aspecto



da língua, Bakhtin sublinha, no entanto que, “o diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem” (p.66). As relações dialógicas são encontradas hoje em diversos níveis da linguagem: exemplifica a díade combinatória língua-fala; nos sistemas de língua (contrato coletivo, monológico, assim como sistema de valores correlativos que se atualizam no diálogo com o outro) e de fala essencialmente combinatória, que não é criação pura, na formação individual, na base de troca de signos. Poderia ser comparado em outro nível ao do espaço ambivalente do romance (p. 66). O dialogismo de Bakhtin designa escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como intertextualidade; face a esse dialogismo, a noção “ pessoa-sujeito da escritura” começa a se esfumar, para ceder lugar a uma outra, a da “ambivalência da escritura. (p.67).

Kristeva (1974) defende que a ambivalência está implicada na inserção da história da sociedade, no texto, e do texto na história; para o escritor são a única e mesma coisa. A autora (*op.cit*) ainda afirma que Bakhtin via a escritura como leitura de corpus literário anterior, o texto como absorção de, e réplica a um outro texto, e chama de romance polifônico que é estudado como absorção do carnaval, o romance monológico como dissimulação daquela estrutura literária o que Bakhtin chama de “menipéia”, em virtude de seu dialogismo. Acrescenta que o texto não pode ser apreendido apenas pela linguística.

Segundo Kristeva (1974), Bakhtin postula a necessidade de uma ciência, que denomina de translinguística, afirma ainda que, partindo do dialogismo da linguagem, lograria compreender as relações intertextuais, completa dizendo que relações que o discurso do século XIX nomeia “valor social”, ou a mensagem moral da literatura. (p.67). A autora (*op.cit.*) cita um exemplo de Lautréamont, o qual desejava escrever, para submeter a uma alta moralidade. E que em suas práticas, esta moralidade se realiza como uma ambivalência de textos; explica que os “*Chants de Maldoror e as Poésies são um diálogo constante com o corpus literário precedente, uma contestação perpétua da escritura precedente*”.(p.68).

Como pode ser observado “o diálogo e a ambivalência são o único procedimento que permite ao escritor entrar na história, professando uma moral ambivalente, a da negação como afirmação”.(p.68). Para autora (1974) o

diálogo e a ambivalência levam a uma conclusão importante. A linguagem poética no espaço interior do texto e os espaços do mesmo são duplos. Afirma ainda que “o dialogismo não é a liberdade de dizer tudo: é uma zombaria.”(p. 69).

Sobre o romance, Kristeva (1974) afirma que ele engloba a estrutura carnavalesca por isso é chamado de romance polifônico. A autora cita alguns pesquisadores que Bakhtin propõe tais como: Rabelais, Swift, Dostoiévski, Kristeva acrescenta como romance moderno mais alguns tais como: Joyce, Proust, Kafka. Explica ainda que o romance polifônico moderno, apesar de, quanto ao monologismo, ter um estatuto analógico ao estatuto do romance dialógico das épocas precedentes deste se distingue claramente. Um corte foi dado, no fim do século XX, de modo que o diálogo em Rabelais, Swift, ou Dostoiévski fica no nível representativo, fictício, enquanto que o romance polifônico de nosso século se faz ilegível, e dá o exemplo de Joyce, e Proust, e Kafka, o interior da linguagem. A partir desta ruptura, observa-se que não é unicamente literária, mas também social, política e filosófica. “*O problema da intertextualidade é colocada como tal*”. (p.70).

O termo duplo, que é a linguagem em uma outra lógica. Então, uma nova abordagem dos textos poéticos se delineia a partir desse termo, que a semiótica literária pode adotar. (p.70).

## **2.9 A classificação das Palavras da Narrativa segundo Kristeva**

Kristeva (1974) cita as três categorias de palavras de Bakhtin na narrativa:

A palavra direta, a palavra objetival e palavra ambivalente, como podem ser vistas a seguir.

- a. A palavra direta, remetendo a seu objetivo, exprime a última instância significativa do sujeito do discurso nos quadros de um contexto; é a palavra do autor, a palavra que anuncia, que expressa, a palavra denotativa, que deve fornecer a compreensão objetiva direta. Conhecer, apenas, a si mesma e a seu objeto, ao qual se esforça para ser adequada ( não é “consciente” das influências das palavras estranhas).

- b. A palavra objetival é o discurso direto das “personagens”. Tem uma significação objetiva direta, mas não se situa ao mesmo nível do discurso do autor, encontrando-se distanciada dele. É ao mesmo tempo orientada para seu objeto e ela mesma objeto de orientação do autor. É uma palavra estranha, subordinada à palavra narrativa como objeto da compreensão do autor. Penetra nela; toma-a como um todo, sem alterar seu sentido, nem sua tonalidade; ela o subordina a suas próprias tarefas, objetual é, portanto, unívoca, como a palavra denotativa.
- c. Mas o autor pode se servir da palavra de outrem, para nela inserir um sentido novo, conservando sempre o sentido que a palavra já possui. Resulta daí, que a palavra adquire duas significações, que ela se torna *ambivalente*. Esta palavra ambivalente é, pois, o resultado da junção de dois sistemas de signos. Na evolução dos gêneros surge com a menipeia e o carnaval. A junção de dois sistemas de signos relativiza o texto. É o efeito da estilização que estabelece uma distância relativamente à palavra de outrem contrariamente à imitação (onde Bakhtin tem em vista, sobretudo, a *repetição*), que toma o imitado (o repetido) a sério, torna-o seu, apropria-se dele, sem o relativizar (KRISTEVA, 1974)

Após ser abordado o pensamento de Julia Kristeva sobre a intertextualidade, será apresentado o percurso metodológico, como foi construída a referida dissertação.

## CAPÍTULO 2

### PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, proceder-se-á uma abordagem sobre os atos metodológicos empregados na construção dessa pesquisa. Sabe-se que há uma consciência de que no coração ou na mente dezenas de espécies de respostas são desejadas a tantas indagações colocadas nas hipóteses. Realizar-se-á uma pesquisa a qual se caracteriza como investigativa dentro de uma revisão literária em que o romance em destaque será observado à luz das teorias dialógico-intertextuais. Torce-se para que sejam confirmadas. Há uma farta consciência de que as vontades terão vidas. Contudo, tem-se a consciência de que toda obra, seja ficcional ou científica caracteriza-se como “incompleta”, pois sempre haverá margem para mais indagações, como Bakhtin afirma “ a comunicação é um ato ininterrupto” (1997).

O coração procura certas opções, em primeiro lugar com a escolha do romance, depois a escolha do corpus, dos objetivos e por fim, a metodologia. É importante frisar que a linguagem é ideológica, ela procede da organização social, portanto, é verdadeiro o que diz Brait (1997, p.98):

O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem

O interesse pelo romance vem confirmar a escolha da teoria, assim O Anjo do Quarto Dia, do escritor pernambucano, Gilvan Lemos possui vários diálogos com diferentes discursos, em destaque os bíblicos, uma comunidade (cidadezinha do sertão nordestino) com pensamentos divergentes. A partir dessa gama dialógica, despertou-se interesse para uma análise mais acurada das “comunicações” as quais permeiam essa obra, em especial o dialogismo bakhtiniano e a intertextualidade.

Como diz o ditado popular: “Há discursos para tudo”. Essa frase vem confirmar o diagnóstico desse trabalho, mesmo sabendo que, cada homem é

de alguma forma, intérprete, leitor genérico e intérprete, leitor específico, sem poder especificar de forma unívoca o quanto é de um ou de outro.

Segundo o planejamento, sucessivamente, serão estabelecidos a hipótese de trabalho, os objetivos e a metodologia a ser seguida; finalmente, será deliberada acerca do corpus a ser analisado.

Em relação ao objeto da pesquisa, relação dialógica entre o discurso da obra, *O Anjo o Quarto Dia* (1981), do escritor pernambucano Gilvan Lemos, e a Bíblia Sagrada, deve-se confessar que, ainda são poucos os estudiosos que abordam como análise os trabalhos do escritor Gilvan Lemos. Porém, foram encontradas referências de publicações que abordassem o discurso de obras do autor na perspectiva de pesquisadores que se inspiraram e assumiram o horizonte como, por exemplo, as pesquisadoras, Ivanda Martins com trabalhos de Mestrado e Doutorado e Geisa Regina Barros de Oliveira, com sua dissertação de Mestrado.

Os elementos teológico e literário estão presentes nesta investigação a fim de dar suporte ao estudo linguístico, não sendo, portanto, focos deste estudo acadêmico.

Nas considerações e reflexões prévias, procurou-se estabelecer os referentes teóricos, as categorias de análise a serem privilegiadas e o modo destas serem abordadas. A metodologia, em boa parte, não será fruto de decisão *a priori* nem de algo adotado imutavelmente desde o início, mas deverá ser uma construção também ditada pelo próprio processo. Como afirma Bakhtin (1997, p.392-393) em seus últimos apontamentos, do ano de 1974, ao tratar de uma metodologia das ciências humanas traz intuições de temáticas para a pesquisa com as quais é identificada e inspirada:

Não existe nem primeira nem última palavra, e não existem fronteiras para um contexto dialógico (ascende a um passado infinito e tende igualmente a um futuro igualmente infinito.) não existe nada morto de maneira absoluta: cada sentido terá sua festa de ressurreição. Problema do grande tempo.

Há uma consciência de que, mesmo tendo ponto de partida, marcos teóricos prévios, acredita-se que o trabalho de pesquisa irá ajudar a encontrar

as estratégias mais produtivas de acordo com a não limitação dos contextos intertextuais e dialógicos. Estratégias essas que poderão ser diversas para cada texto e discurso e que o próprio *corpus* tem também um papel a desempenhar como guia e que irá sugerindo ou exigindo a adoção de várias práticas ou de novos caminhos para a pesquisa se concretizar com maiores chances de sucesso, e que venha semelhante à ressurreição dos sentidos que indaga Mikhail Bakhtin, onde explica que as novas partes do *corpus* que servem de base para os novos momentos de análises já realizadas e recebem influências destas que virão a funcionar como contribuição para procurar enriquecer a análise em andamento.

Quando não existe uma interação concomitante com a práxis em que se encontra encaixado cada discurso específico e vice-versa, a análise fica facilmente enfraquecida, pois, a propriedade da teorização sobre o discurso está condicionada pelo momento do pesquisador e da pesquisa, também pelo encaminhamento prático dos objetivos e pelos resultados viabilizados pela própria metodologia.

Espera-se que esta abordagem permita avançar na análise dos discursos do romance, *O Anjo do Quarto Dia*, 1981. Considerando que as análises poderão conduzir a confirmar a seguinte hipótese: Contando com a inevitabilidade da existência da intertextualidade e dialogicidade no discurso do livro *O Anjo do Quarto Dia* com a Bíblia Sagrada. Dada à relevância que o romance tem para a literatura, pode-se afirmar que os questionamentos sobre o resultado final dos trabalhos vêm a ser imutável. Porque é isso mesmo. Questionamento, com um tanto quanto de profecia. A propósito, pode estar mais ou menos certa, ou mais ou menos errada, porém a sua formulação tem que ser anterior. Como na coleta de dados para dar suporte à construção deste texto, percebeu-se a escassez de estudos sobre o romance-sujeito desta investigação; pretende assim fomentar os anseios de novos estudos sobre a referida obra.

Os objetivos vêm aqui marcados, fundamentalmente, pela visão do texto e do discurso como eventos, acontecimentos imersos numa dinâmica de interação, quer dizer, uma ação recíproca, ação de uma dinâmica permanente e universal e que produz efeitos tanto positivos quanto negativos, pois, sabe-se

que a interação é um construto teórico que enriquece os horizontes epistemológicos do mundo de hoje.

Ficam de algum modo, já pré-estabelecidos em termo à questão da procura de pistas ou sinais que levem a deduzir em que as propostas contidas nos discursos do romance *O Anjo do Quarto Dia* e a *Bíblia Sagrada* convergem-se.

A metodologia, polarizada pela procura de pistas ou sinais de intertextualidade, dialogicidade e polifonia, deverá ser plural e integrada.

A intenção é, justamente, a preocupação de que radica um dos objetivos acadêmicos desta dissertação que é apresentar um trabalho de pesquisas fundamentadas em linhas teóricas convergentes, a fim de mostrar que os resultados são complementares: por um lado, e fundamentalmente, será trabalhado com elementos significativos que podem ser extraídos através dos estudos da teoria intertextual, dialógica e polifônica nas obras dos teóricos Bakhtin (1981/1997/2002/2003), Kristeva (1974), Brait (1997), Machado (1995), Brikstein (2000) e outros que venham colaborar com este trabalho.

Pretende-se mostrar a intertextualidade, dialogicidade e polifonia no texto, a presença de outras vozes, o fenômeno da língua como linguagem, como integrante de uma plenitude completa e viva, porque as relações dialógicas não podem ser separadas do domínio da palavra.

Sabe-se que na linha dos escritos de Bakhtin, todo discurso, enquanto representação tem características de simulacro do real, de tentativa. No entanto, todo discurso apreende outros discursos e é atravessado por eles; todo discurso se debate e estrutura com outros discursos: em todo discurso está a presença do outro, de outras vozes; todo discurso interage dialogicamente com outros discursos.

A expectativa é que o caminho de pesquisa escolhido para este trabalho se ilumine e sugira articulações numa dinâmica reveladora dos sentidos.

Mas, em definitivo, serão as intertextualidades, polifonia, dialogicidades e as interações com os dados surgidos das análises dos discursos as que irão revelando a praticidade, a viabilidade dos passos originalmente propostos e a conveniência ou necessidade de outros ou de mudanças de rumo.

Neste trabalho, pretende-se abordar que pode haver intertextualidade e dialogicidade bíblica em *Lemos* (1981). O propósito consiste em contribuir para

a formação de leitores críticos, da obra do escritor Gilvan Lemos e sobre o assunto intertextualidade. Partiu-se do questionamento de que na composição do livro *O Anjo do Quarto Dia* está repleto de intertextualidade e dialogicidade bíblica.

Para dar cunho científico a esse questionamento, pretende-se descrever as relações entre as personagens da Bíblia e as personagens da obra. Verificar as intertextualidades e investigar as relação(ões) intertextual(ais), interdiscursiva(s) e dialógica(s) e polifônicas que aparece(m) nesta obra em relação à Bíblia Sagrada, embasando-as com teóricos das referidas estâncias linguísticas.

Tem-se consciência de que o corpus analisado, apesar de extenso, reunirá uma grande variedade de enunciados intertextuais e dialógicos encontrados na obra. Porém, acredita-se que o corpus selecionado pode gozar de reconhecimento de que preenche suficientemente os requisitos acima enunciados. Circunstâncias em que as análises e conclusões poderão ser mais proveitosas, de usufruir de maior reconhecimento e, por fim, mais relevância.

Opta-se por escolher o romance devido à vasta intertextualidade e dialogicidade discursiva e do que pode representar a concepção de um dialogismo pleno. Nesse sentido, será apresentada a vasta cadeia intertextual e dialógica e polifônica que há entre si.

A obra que será disposta a analisar neste trabalho é, sem dúvida, um valioso exemplo de intertextualidade, dialogicidade e polifonia. É de fundamental importância, dizer que, na análise dessas conexões, mesmo havendo uma leitura atenta do intérprete, é possível que outros pesquisadores, conhecedores da obra e da hermenêutica, possam vir a encontrar discordâncias em relação às análises aqui trabalhadas. Por isso, a intenção não é dizer que o assunto foi esgotado, nem mostrar a verdade única. Mas, o que se propõe é, antes de uma análise, uma interpretação pessoal, debruçado numa leitura particular, leitura essa, de um pesquisador que tem o desafio de caminhar pelos trilhos do texto com o prazer de estar ultrapassando os caminhos do mesmo. Apesar de subjetiva, a interpretação tem o apoio da teoria bakhtiniana, o que assegura a cientificidade da análise. Para o teórico russo, no romance, o homem que fala são objetos tanto de reflexão verbal como literária. O discurso do sujeito falante nesse gênero não é apenas



transmitido ou reproduzido, mas, segundo ele, representado de forma artística e, à diferença do drama representado pelo próprio discurso (do autor).

A análise da obra é feita de forma linear, página por página, capítulo por capítulo.

O item 3.1 aborda a Análise intertextual e bakhtiniana entre o livro *O Anjo do Quarto Dia* e a Bíblia Sagrada, onde é mostrada uma passagem do livro e outra passagem da Bíblia Sagrada, usando o Livro, versículos, tanto do Velho Testamento quanto do Novo Testamento, mostrando que houve intertextualidade e dialogicidade e polifonia, em seguida apresentando a linha teórica dos grandes pensadores trabalhados no capítulo teórico, como também pensamentos de grandes Teólogos da Bíblia Sagrada.

No final desta pesquisa, serão apresentadas as considerações finais e, por último, as referências trabalhadas no texto desta dissertação.

### Capítulo 3

#### ANÁLISE DIALÓGICA DO LIVRO O ANJO DO QUARTO DIA COM A BÍBLIA SAGRADA

No capítulo anterior, abordou-se sobre a metodologia que rege a análise desta investigação, isto é, pontos a serem trilhados como análise da pesquisa. Neste capítulo, será realizada uma análise dialógica do livro '*O Anjo do Quarto Dia*' (1981) com a '*Bíblia Sagrada*', mostrando a vasta cadeia intertextual. A obra disposta a analisar neste trabalho é, sem dúvida, um valioso exemplo de intertextualidade o qual se pretende buscar a comprovação no decorrer desta análise.

É de fundamental importância, afirmar que, na análise dessas conexões, mesmo havendo uma leitura atenta do intérprete, é possível que outros pesquisadores, conhecedores da obra e da hermenêutica, possam vir a encontrar discordâncias em relação às análises aqui trabalhadas. Por isso, a intenção não é finalizar ou afirmar que o assunto foi esgotado, nem mostrar a verdade única. Mas, o que se propõe é antes uma análise de cunho científico a qual foi inspirada por anseios oriundos da práxis da docência em relação ao universo dialógico.

Debruçado numa leitura particular, leitura essa de um pesquisador que tem o desafio de caminhar pelos trilhos do texto com o prazer de estar ultrapassando seus caminhos. Apesar de subjetiva, a interpretação tem o apoio da teoria bakhtiniana, o que assegura a cientificidade da análise. Para o teórico russo, no romance, o homem que fala são objetos tanto de reflexão verbal como literária. O discurso do sujeito falante nesse gênero não é apenas transmitido ou reproduzido, mas, segundo ele, representado de forma artística e, à diferença do drama representado pelo próprio discurso (do autor).

A análise da obra será feita de forma ascendente, isto é, página por página, capítulo por capítulo.

### 3.1 Análise intertextual e bakhtiniana entre o livro *O Anjo do Quarto Dia* e a Bíblia Sagrada

A motivação que norteou a tessitura desta investigação foi analisar se no romance do pernambucano Gilvan Lemos *O Anjo do Quarto Dia*, 1981, há presença intertextual com elementos bíblicos do Antigo e Novo Testamento. Far-se-á um estudo que terá como principal teórico o russo Mikhail Bakhtin (1981/1997/2002/2003), e seus temas como polifonia, intertextualidade e dialogismo. Será empregada também a teoria sobre a intertextualidade de Julia Kristeva (1981/1974). Os estudos sobre a intertextualidade de Bazerman (2001) e Blikstein (2000) cujas tônicas é a presença efetiva de um texto em outro.

Neste capítulo, ter-se-á um confronto entre passagens significativas do referido romance com trechos bíblicos.

Serão apresentadas a seguir análises entre passagens do romance da pesquisa com, as da Bíblia Cristã, a saber:

No **capítulo 1**, do romance, página 3, há uma passagem onde toda a família vai à feira, e João Carlos convida Ana para ir com eles. Ao subir na carroça Ana diz: *“...mas era o que faltava, botar João Carlos na carroceria, levando sol, poeira, vento na cara. Galante João Carlos”*. E mais adiante transcorre a seguinte frase: *“Ana queria um filho assim. Perderia a fala engasgava, filho seu assim seria? Quando? Em que tempo? Em que época se esconde?”*

Essa passagem se refere à crucificação do filho de Deus, Jesus: **“Levando sol poeira, vento na cara”**. É estabelecida uma relação intertextual com o livro de **Mateus 27: 33 a 36**:

Logo a seguir, os soldados do governo, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, dizendo: Salve, rei dos judeus! E cuspindo nele, tomaram o caniço e davam-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado. onde chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, deram-lhe a beber.

Como foi visto no capítulo 1, Kristeva (1969) partindo dos conceitos de dialogismo e polifonia constata que: *“todo o texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção de outro texto”*. Sobre esse Bakhtin (1997)

afirma que o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Nesse sentido, percebe-se que a história de Jesus Cristo, concebido por mãe virgem, é e foi suporte de vários temas romanescos. Assim, é perceptível a comunicação entre Ana, personagem do romance desta investigação, com Maria, mãe do Cristo-Messias com as seguintes frases: *filho seu assim seria? Quando? Em que tempo? Em que época se esconde?*”.

Essa passagem se refere, além do nascimento de Jesus Cristo a sua crucificação. A frase: “**Levando sol poeira, vento na cara**”. É estabelecida uma relação intertextual com o livro de **Mateus 27: 33 a 36**:

Logo a seguir, os soldados do governo, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, dizendo: Salve, rei dos judeus! E cuspido nele, tomaram o caniço e davam-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado. onde chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, deram-lhe a beber.

Na frase “perdia a fala, engasgava, filho seu”, encontra-se no livro de **Lucas 1: 29 a 31**, quando um anjo apareceu a Maria e disse que não temesse porque ela achou graça diante de Deus. E que ela conceberia e daria a luz um filho, o que chamou pelo nome Jesus. Ao se referir “**quando**”, pode-se encontrar no livro de **Mateus 2:1**, “pois Jesus nasceu em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes”.

Nesse mesmo tempo, pode-se encontrar no livro de **Lucas 1:26**, onde diz que” no sexto mês, foi o Anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré”.

Mais uma vez ratifica-se o que foi discutido no capítulo teórico, uma vez que o texto na sua recepção, pois, segundo Kristeva (1974), depende do conhecimento que os interlocutores têm acerca de outros textos. Nesse sentido, quando não se conhece o assunto, não se pode intertextualizá-lo, pois deve-se ter um certo conhecimento de mundo a fim de coaduná-la a outros textos.

Na **página 5**, há :”Querida lá saber sobre Ana! As mocidades... **pois tudo tem seu tempo**”. Podem ser detectados, nessa passagem, elementos intertextuais com o livro de **1ª Samuel capítulo 1 de 9 a 11**, onde relata a oração e o voto de Ana:

Após terem comido e bebido em Silo, estando Eli, o sacerdote, assentado numa cadeira, junto a um pilar de templo do Senhor, levantou-se Ana, e, com amargura de alma, orou ao Senhor, e chorou abundantemente. E fez um voto dizendo: Senhor dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha. (Bíblia,1993).

Percebe-se também uma relação com o livro de Lucas capítulo1: 46 a 56, podendo ser citada, aqui também, com mais clareza a *Bíblia de Jerusalém* (1985), a qual relata o versículo 20: Ana concebeu e, no devido tempo, deu à luz um filho a quem chamou de Samuel, porque disse ela, “eu o pedi a lahwer”.

Esta passagem vem confirmar o que Bakhtin (1997) explica sobre a ideia de que um texto tem sua feitura a partir de outros textos, anteriores a ele, e que um enunciado estará sempre completando outro enunciado que foi dito anteriormente. Tudo isto é a construção de sentido presente na intertextualidade e isso é notada até em uma conversa informal, onde há a presença da intertextualidade.

Ainda na **página 5**, quinto parágrafo, encontra-se a seguinte passagem: *“Ana foi trancafiada num quarto, quando deu à luz tiraram-lhe a criança, disseram que havia nascido morta, Ana ainda na inconsciência do parto, aí minha prima mandou matar o recém-nascido”. Oh!” A criancinha.”*

A intertextualidade pode ser encontrada no livro de **Mateus 2 de16 a 18**:

Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e **mandou matar todos os meninos** de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos. Então se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouvia-se um clamor em Rama, pranto [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.

A passagem supracitada é constituída por uma comunicação com outro texto, havendo, dessa forma, uma relação intertextual, a fim de que se possa identificar, faz-se necessário ter-se um conhecimento prévio capaz de resgatar os textos nele envolvidos. Nesse caso, a temática originária da construção temática. Afirma o teórico russo que

para penetrar completamente no seu conteúdo, é indispensável integrá-lo na construção do discurso. Se nos limitarmos ao tratamento do discurso citado em termos temáticos, poderemos responder às questões “*como?*” e “*De que falava Fulano?, mas “O que dizia ele?”*” só pode ser descoberto através da transmissão das suas palavras, mesmo que só sob a forma de discurso indireto (BAKHITN, 1997, p.144).

Nesse sentido, observa-se que o livro, *O Anjo do Quarto Dia*, é uma obra classificada como um romance. Esse gênero, tanto quanto o enunciado da vida, possui estrutura dialógica, isto é, é construído para outrem, princípio da alteridade. Sobre a questão do romance, Bakhtin (2002) pontua que, por muito tempo, esse gênero foi objeto apenas de análise de posturas, abstratamente, ideológicas e apreciações de publicistas. Ele sustenta que as questões de estilística ou tratavam de tudo, ou faziam considerações superficiais sem princípio algum. O discurso da prosa literária era entendido como um discurso poético no sentido estrito e a ele entendido eram aplicadas indiscriminadamente as categorias da estilística tradicional (baseada nos estudos dos tropos); ou, simplesmente, limitavam-se as apreciações de pouca monta que caracterizam a língua: a sua expressividade, sua imagética, sua “força”, sua “clareza, entre outras. Sem introduzir, nessas opiniões, nada ou quase nada de sentido estilístico determinado ou ponderado que fosse.

Dessa forma, segundo Bakhtin (*ibidem*), sendo o romance um gênero classificado como literário, mas que possui estrutura dialogal como no enunciado do cotidiano, vê-se a presença de elementos pertinentes a discursos da vida como a comunicação intertextual. Um exemplo é a vida do personagem Oricão, procurando o ex-patrão para lhe dar uma oportunidade, só que ele não sabia ler, teria que aprender, e diz a seguinte frase: “**Oh Martírio dos martírios**”. Esta frase encontrada na página 9, parágrafo 2º, é análoga à dos que foram apedrejados por causa do evangelho. Há como exemplo a história de **Estêvão**, que foi injuriado e apedrejado. Isso pode ser conferido no livro de **Atos 7: 54- 59**:

Ouvindo eles isto, enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele. E, lançando fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejavam Estevão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito.

Observa-se que Estevão é assassinado (50-60). E no meio desta gritaria infernal, Estevão não mais encara os inimigos. Com os olhos levantados, ele vê a glória de Deus, e Jesus em pé. Intertextualizando com **Colossenses 3.1** (Cristo sentado) como se estivesse disposto a voltar. "Mas os seus cidadãos aborreceram-no; e mandaram após ele embaixadores [como Estevão] dizendo: Não queremos que este reine sobre nós" (**Lucas 19.14**). Observa-se que o mártir, nas suas últimas palavras (v.60), mostrou o mesmo espírito do seu Senhor (**Lucas 23.34**). Essa polifonia é comparada à última oração de Sansão em Juízes 16.28: "Sansão chamou ao Senhor e disse: Senhor Deus, peço que te lembres de mim, e dá-me forças só esta vez, ó Deus, para que me vingue dos filisteus, ao menos por um dos olhos."

A **página 10** narra o momento em que, com a chegada do pastor-protestante e sua família, alguns comerciantes fecharam as portas dos seus estabelecimentos, donas de casa largaram o serviço das cozinhas, o padre mandou dobrar os sinos da igreja, crianças e catequistas param os ensinamentos e se juntaram às crianças da escola e o pastor tentou se esconder, protegendo-se na boleia do caminhão, o destacamento policial não fazia nada, só assistia, pois era católico-apostólico-romano. Sobre a *saraivada de pedras* tentaram se esconder. Mais adiante se pode extrair a seguinte passagem:

“ **Apedrejar** os intrusos, os **anticristos**, os bodes, enfim”. Mais uma vez, esta passagem remete ao texto bíblico já citado (*Atos 7.54 a 60*) a história de Estevão.

Outra passagem na mesma página apresentando intertextualidade, se refere à coragem de seu Davi, foi chamado de imundo no corpo e na alma, diz o seguinte:

“Mas, seu Davi era um predestinado. **Verdadeiro escolhido**, aquele homem que sabia enfrentar a situação e fechar os olhos às investidas dos **fariseus**”. **Fariseus**, nós?

Nas passagens em destaque, encontra-se uma intertextualidade marcada em especial por vocábulos os quais remetem o leitor a outro texto, havendo, nesse sentido, uma relação intertextual. Bakhtin (2002) defende que o gênero romance é relativamente tardio. Entretanto, a palavra indireta, isto é, a palavra do outro que é representada a linguagem de outrem colocada entre aspas de entonação remonta a tempos bastante antigos; são chamados já nos estágios iniciais da cultura verbal. Ademais, muito do aparecimento, encontrado um mundo rico de formas heterogêneas que transmitiam que se contrafaziam que representavam sob diversos pontos de vista a palavra de outrem, o discurso de outrem, a linguagem de outrem, inclusive as linguagens dos gêneros diretos.

Sabe-se que os fariseus sempre procuravam algo para desfazer as palavras de Jesus Cristo. Pode ser dado como exemplo quando Jesus foi indagado sobre o tributo no livro de **Mateus 22:15 a 17**:

Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra. E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que te parece? É lícito te pagar tributo a César ou não? Jesus, porém, conhecendo-lhe a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas?

Observa-se que continuavam as tentações para confundir Jesus com os argumentos deles, e agora os herodianos (gente da polícia) entram no assunto. Pedem astuciosamente uma resposta “sim” ou “não”, mas há muitas perguntas que não podem ser respondidas assim. (MCNAIR, 1983).

Existem outros exemplos bíblicos, nos quais os fariseus interrogaram Jesus. Como mais exemplos, verifica-se no mesmo capítulo os **versículos 34 a 40** sobre qual era o grande mandamento na lei:

Entretanto os fariseus, sabendo que ele fizera calar os Saduceus, reuniram-se em conselho. E um deles, intérprete da lei, experimentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus, de todo teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu



entendimento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

Nos versículos **41 a 46** sobre o que os fariseus pensavam do Cristo e de quem era filho, lê-se:

Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi. Replicou-lhe Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, Chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama de Senhor, como é ele seu filho? E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou a alguém, partir daquele dia, fazer-lhe perguntas.

Porém Jesus enfrentava os fariseus como relata o **capítulo 23 de 13 a 36** onde se pode dar mais ênfase aos versículos **15,23,24,25,27,31** :

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós! Ai de vós escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos dos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas! Guias os cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do corpo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança. Ai de vós escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.

Neste fragmento, é perceptível um estilo similar ao do texto bíblico, pois se apresenta com um teor doutrinário, o que exemplifica a afirmação de Machado (2005) ao reportarem-se ao linguista russo quando este defende que o romance surge para representar o presente em toda sua instabilidade, inacabamento e evolução. Ele pontua que para Bakhtin, este é um privilégio do romance, pois somente o que evolui pode compreender a evolução. Assim, comparado a outros gêneros já consolidados e até extintos, em que não há lugar para representação do presente, o romance cria uma espécie de revolução na hierarquia dos tempos, pois o tempo e o mundo perdem seu

caráter acabado tanto no todo quanto na parte, por isso essa comunicação com textos de épocas diferentes.

Na **página 11**, transcorre a fato de seu-Davi tinha as costas largas, tinha o apoio de Oricão. O dinheiro donde ele tirava ninguém sabia, a bolsa dele nunca secava. Morria um desgraçado, seu Davi comprava-lhe um caixão, alguém passava necessidade, seu Davi dava toda a assistência. Foi quando surgiu a notícia de que o pobre que fosse à casa de seu-Davi ouvir a palavra do Senhor não passaria fome, porque seu-Davi distribuiria , junto com a palavra, saquinhos de feijão, arroz, farinha, fubá e até dinheiro. O povo ia comprovar mais essa mentira, o chamavam de forasteiro. Em seguida, verifica-se a seguinte passagem: “ *Quem iria de fato querer benefício dum anticristo daquele?*”

Constata-se aqui mais uma intertextualidade em

Filhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora.(1Jo 2.18). Quem é o mentiroso, senão aquele que nega Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. (1Jo 2.22). ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.(2Ts 23 e 24). quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará,(Ap 11.7). Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão (Ap. 13.11).

Williams (2000, p.17) descreve a palavra anticristo como:

Anticristo provavelmente um opositor de Cristo, não tanto alguém que alega falsamente ser Cristo, mencionado apenas na carta de João, embora a idéia não seja tão circunscrita. João não nega que tal ser maligno virá no final desta era, mas também insiste que já existe uma atitude característica do anticristo(1Jo2.18). Ele é definido como “ o que nega o pai e o Filho” (1Jo 2.22;2jo 7), minando assim os fundamentos da fé cristã. Paulo emprega o termo “ o homem da iniquidade” em 2Ts 2.3ss. em relação ao mesmo ser; ele se opõe à religião, alega ser Deus, deve seu poder a Satanás, mas será derrotado por Jesus. Um significado semelhante pode ser dado às bestas de Ap 11.7 e 13.11. A identificação exata desse personagem ainda provoca discussões acaloradas.

As concepções de Cristo e o Anticristo remetem a faces adversas de versões bíblicas, pois uma contrapõe-se a outra. Ao se admitir que há o Bem (Cristo), pressupõe-se a existência do Mal (Anticristo). Nesta passagem,

tornam-se perceptíveis vozes oriundas de estâncias adversas na constituição textual, Brait (2005) afirma que a polifonia define-se pela convivência e interação, em um mesmo espaço do romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades.

Acerca do personagem Oricão, tem-se na página 12, em que narra o crescimento de sua vida e “seu” Davi o aconselha: “Agradar os feirantes, **dispensa-lhes** o imposto que puderes dispensar, te faz por **um lado** que eu te faço **por outro**... Não vês os **alicerces** das casas

Na passagem do romance: Quando seu Davi deu o exemplo dos **alicerces**, mais uma vez vem confirmar a discussão sobre a necessidade do conhecimento prévio, encontra-se no livro de *Lucas 6:46 a 49*, onde **bate bem** com os **dois lados da moeda**, quando seu Davi diz: “ **te faz por um lado que eu te faço por outro**...”Esses **dois lados** encontram-se em: “Os dois fundamentos” e, mais à frente, a palavra **Alicerce**, sobre a qual Jesus se refere:

Todo aquele vem a mim e ouve as minhas palavras e as pratica (neste caso as do seu Davi) eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante a um homem que edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o **alicerce** sobre a rocha; e vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída. Mas o que ouve e não a pratica é semelhante a um homem que identificou uma casa sobre a terra sem **alicerces**, e arrojando-se o rio contra ela, logo desabou, e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa.

Tomando-se como exemplo o cruzamento supracitado do romance com a Bíblia, percebe-se que a teoria de Kristeva (1974) afirma que o autor pode se servir da palavra de outrem, para nela inserir um sentido novo, conservando sempre o sentido que a palavra já possui. Resulta daí, que a palavra adquire duas significações, que ela se torna *ambivalente*.

Aqui, “seu” Davi quer que Oricão siga seus conselhos para não se dar mal. Encontram-se estes intertextos em **Mateus 22:17 a 21**, onde Jesus fala sobre os tributos, quando os fariseus tentavam achar um meio de criticar Jesus:

Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributos a César ou não Jesus, porém, conhecendo-lhe a malícia, respondeu:

Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário.  
 E ele lhe perguntou: De quem é esta efígie e inscrição?  
 Responderam: De César. Então, lhes disse: Daí, pois a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Observa-se que quando se fala “... um lado que eu te faço por outro”, lembra-se mais uma vez das duas faces da moeda, e **moeda** é tributo, pagamento, honestidade.

Mais uma vez, referindo-se aos **alicerces**, há o Sermão profético, a destruição do templo, no livro de Mateus 24:1 e 2, que fala sobre Jesus saindo do templo:

Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.

Como pontua Bakhtin (2003, p. 88), o artista-prosador edifica o multidiscurso social em volta do objeto até a conclusão da imagem, impregnada pela plenitude das ressonâncias dialógicas, artisticamente calculadas em todas as vozes, e entonações essenciais do plurilinguismo. Ele afirma que a orientação dialógica é natural como fenômeno próprio a todo discurso, não apenas no discurso cotidiano, mas também no artístico. Bakhtin defende que a interação viva é própria do discurso em sua essência, pois o discurso se encontra com outro discurso, mantendo assim uma relação viva; o discurso de outrem é presença marcante e partícipe da tessitura textual. Portanto, só o Adão mítico veio ao mundo com a primeira palavra, isto é, não influenciada pelo discurso de outrem.

Quando “seu” Davi diz: “os pobres têm força, *alicerce*, ele inconscientemente, na *realidade*, quer dizer, “**Segurança**”, “algo para sempre”.

No último parágrafo da **página 12** há a seguinte passagem: “Entrementes, **Sara deu à luz**, morreu de parto. Mais uma intertextualidade, verifica-se que há uma ironia entre a idade que Sara tinha quando faleceu narrada no livro, O Anjo do Quarto Dia, com Sara da Bíblia. Constata-se no livro de Gênesis 21 de 1 a 7:

Visitou o Senhor a Sara, como lhe dissera, e o Senhor cumpriu o que lhe havia prometido. Sara concebeu deus à luz um filho a Abraão na sua velhice, no tempo determinado, de que Deus lhe falara. Aos filhos que lhe nasceu, que Sara lhe dera à luz, pôs Abraão o nome de Isaque, quando este era de oito dias, segundo Deus lhe havia ordenado. Tinha Abraão cem anos, quando lhe nasceu Isaque, seu filho. E disse Sara: Deus me deu motivo de riso; e todo aquele que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo. E acrescentou: Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho? Pois na sua velhice lhe dei um filho.

Outra personagem presente no livro é **Lina**, que se encontra no *capítulo 2*, *Lina* foi a segunda mulher de Oricão, Lina era babá de Jesonias como relata, “pois ela entrou na casa de Oricão para ser babá de Jesonias, o recém-nascido orfãozinho”. Aqui, mais uma brincadeira do autor com as palavras. O nome **LINA**, na evolução do Latim, nossa língua mãe, tem o seguinte: *LINA*= o **N** intervocálico sofre síncope, quer dizer, cai, o que dá justamente o nome **LIA**, a primeira esposa de Jacó. Encontra-se este fato bíblico, no livro de Gêneses 29.23. “À noite, conduziu a LIA, sua filha e a entregou a Jacó e coabitaram”

Sendo o romance uma construção da linguagem em seu teor literário, o conhecimento sobre a personagem é perpassado pelo narrador, o qual tem o papel de cicerone dentro da trama romanesca ao apresentar os elementos compositores da trama. Nesse sentido, Bakhtin (2003) defende que as personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo, e de igual a maneira o mesmo se dá com seu real criador-autor. É nesse sentido que se deve ressaltar o caráter criativo do autor e sua resposta total à personagem. Em consonância a essa teoria, a personagem **Lia** formação própria capaz de ser totalmente identificada, Bakhtin (*ibidem*) pontua que no discurso da vida, tal postura não seria capaz. O autor goza de totalidade na construção de seus personagens com os seus respectivos discursos. O que difere o discurso do personagem e do homem do dia a dia é o fato de o discurso daquele ser capaz de ser apreendido em totalidade o que não se é capaz do discurso humano.

No *capítulo 3, página 18, primeiro parágrafo*, onde narra que Amélia ouvindo os desabaços de seu filho sobre as questões políticas, não se metia. Mas Amísio, filho, procurava tranquilizá-la, dizendo que quando se formar *voltaria para a cidade e resolveria todos os problemas. Mais adiante*, há a seguinte passagem:

Só de jatumama, dizem, mais de **trinta centímetros**. A maior do mundo. **Decepá-la-ei** com um golpe da **minha espada** vingadora. Ficaré saltando como rabo de lagartixa? Oh! Preparo-me, sazono-me, explodo-me. Com meus estilhaços **semearé a terra**, **de minha semente nascerá a liberdade**. (grifos nossos)

É interessante observar nesta passagem o ponto de interseção de muitos diálogos, cruzamento das vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas. Isso pelo seguinte motivo: a intertextualidade aqui é referida à serpente, réptil com cabeça e corpo, mas sem membros, que rasteja pelo chão de modo que se diz que sua língua ligeira lambe o pó (*Gênesis 3.14*): “ *Então, o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida.*” Sobre essa polifonia constitutiva no romance, Bakhtin (2002) defende que o sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um “dialeto individual” o caráter individual e os destinos individuais e o discurso individual são, por si mesmos, indiferentes para o romance. As particularidades da palavra dos personagens sempre pretendem uma certa significação uma certa difusão social: são linguagens virtuais.

Para Williams (2000, p.344):

As versões da Bíblia divergem entre si quanto à tradução dos nomes; em Isaias 11.8 diz: A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. A áspide é a cobra, que vive em buracos e é muito venenosa. As “serpentes abrasadoras” que flagelam Israel no deserto (Números 21.5 e 6) : E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizeste subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil. Então, o Senhor mandou entre o povo serpentes abrasadoras, que mordiam o povo; e morreram muito do povo de Israel. Eram provavelmente víboras, notórias por atacar sem serem provocadas (incomum em cobras).

Pode-se também comprovar esse cruzamento de vozes na **serpente de bronze**, pois, segundo o autor (*op.cit.*), (cruzamento de vozes, Bakhtin).

Nos limites de Edom, os israelitas rebeldes foram punidos com picadas mortíferas de serpentes. Deus ordenou a Moisés que fizesse

uma réplica de bronze de uma serpente para que todo aquele que olhasse para ela vivesse (Números 21.4ss.) Mais tarde tornou-se um ídolo ( as serpentes eram importantes no paganismo) e foi destruída por Ezequias (2 Reis 18.4). A serpente de bronze reforçou o ensinamento reiterado por Jesus ( João 3.14) de que toda libertação vem apenas por meio da dependência em Deus. (p.345).

Ainda em, em relação à citação em análise, há a seguinte frase: “**semeari a terra, da minha semente nascerá a liberdade**”, analisam-se duas intertextualidades:

A primeira se refere a “**semear a terra**”. A palavra semente significa óvulo fertilizado e maduro de uma planta florescente que permite a espécie perpetuar-se. A descendência das pessoas também é chamada “semente”. Em suas parábolas, Jesus usou a semente de maneira simbólica para representar a palavra de Deus semeada no coração do homem. Comprova-se no livro de **Marcos 4.1 a 9**, que fala sobre a parábola do semeador:

Voltou Jesus a ensinar à beira-mar. E reuniu-se numerosa multidão a ele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar, na praia. Assim, lhes ensinava muitas cousas por parábolas, no decorrer no seu doutrinamento. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra caiu em um solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem, por um. E acrescentou: quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

O povo de Jesus espalhado pelo mundo (**Mateus 13.24.**) é o início pequeno do reino (**Mateus 13.31.**). Em 1Co 15.35ss., Paulo fala da relação entre o corpo da ressurreição com o corpo físico comparando-a à relação entre uma planta adulta e sua semente.

Na segunda análise, “**da minha semente nascerá a liberdade**”, pode-se intertextualizar com o versículo do livro de **Romanos 11.26, Gálata 5.1:**

E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. (Rm.11.26). Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão. (Gal.5.1).

Observa-se nestes versículos Cristo como libertador o qual pode também ser constatado no livro de **Mateus 1.21**:

“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”.

A **página 24, sexto parágrafo**, onde, Amísio e João Carlos dialogam sobre o envolvimento de Tininha com Oricão, Tininha por sua vez, enganando-o, dizendo que só tem treze anos, mas, na verdade, tem dezenove anos. Descreve Tininha andando em sapato de salto alto e logo adiante diz: “pintada que nem um **arco-íris**,..” Essa palavra nos leva ao livro de **Gênesis 8 de 11 a 17**:

Estabeleço a minha aliança convosco: não será destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra. Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres vivos que estão convosco, para perpétuas gerações. Porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra. Sucederá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos e toda carne. O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de toda carne que há sobre a terra. Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra.

Na mesma página e parágrafo, aparece a frase: “Um **pássaro** noturno piou, subitâneo.” Nota-se aqui, que a palavra **pássaro** está ligada ao texto citado acima. Pode-se dizer com precisão que **pássaro** está ligado à palavra **arco-íris**. Em consonância a esta compreensão do signo, Bakhtin (1997) pontua que o elemento linguístico que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a decodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo. A compreensão, segundo o autor, seria uma resposta a ato.

Segundo o livro de *Gênesis 8 de 6 a 12*, quando Noé solta um corvo e depois uma pomba:



Ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela que fizera na arca e soltou um corvo, o qual, tendo saído, ia e voltava, até que se secaram as águas de sobre a terra. Depois soltou uma pomba para ver se as águas teriam já minguado da superfície da terra; mas a pomba, não achando onde pousar o pé, tornou a ele para a arca; porque as águas cobriam ainda a terra. Noé , estendendo a mão, tornou-a recolheu consigo na arca. Esperou ainda outros sete dias e de novo soltou a pomba fora da arca. À tarde, ela voltou a ele; trazia no bico uma folha nova de oliveira; assim entendeu Noé que as águas tinha minguado de sobre a terra. Então, esperou ainda mais sete dias e soltou a pomba; ele, porém, já não tornou a ele”

A **página 25** tem a seguinte passagem;” ..., **unindo-se pelos laços do himeneu...**” intertextualizando esta passagem transporta-se para a passagem no livro de **Gênesis 2. 21 a 24**, com **ênfase ao versículo 24**. Percebe-se, então, nessa passagem, uma comunicação entre o romance e o texto sagrado. Essa comunicação é identificada pelo processo de leitura. Para Kristeva (1974), o processo de leitura realiza-se como ato de colher, de tomar, de reconhecer traços. Ler passa a ser uma participação agressiva, ativa, de apropriação. Ela afirma, então, que a escritura torna-se a produção, a indústria dessa leitura que se cumprirá. Um livro remete a outros livros, aos quais, num procedimento de somatória, permite uma nova forma de ser, ao elaborar sua própria significação. Segue o seguinte:

Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.(24) Por isso deixa o homem pai e mãe **e se une à sua mulher**, tornado-se os dois uma só carne.(**grifos nossos**).

Na mesma página, há uma conversa de Tia Zu com Tia Mé sobre o rompimento do noivado de Tia Zu um escravidão da coletoria chamado Rodolfo, seguido a frase com a seguinte passagem : “ Estou louco para **regressar ao lar** e comer o prato de feijão frio que mamãe guarda para mim, do almoço, todo dia”. Mais uma vez recorda-se à parábola do filho pródigo, texto que já foi citado na página 7.

Bakhtin (1981) defende a ideia de que um texto tem sua feitura a partir de outros textos, anteriores a ele. Para confirmar a sentença acima o autor russo diz que esses textos podem ser na modalidade falada ou escrita. Um enunciado estará sempre completando outro enunciado que foi dito

anteriormente. É a construção de sentido presente na intertextualidade e isso é notada até em uma conversa informal, onde há a presença da intertextualidade, a concepção dialógica da linguagem.

Em outra passagem, destaca-se a *página 28, sexto parágrafo* em que se observa:

“ ...dei por **falta de uma** folha. Uma folha inteira. Vim de lá até cá **procurando-a** pela rua, **cuidadosamente**, e tenho certeza que não foi na rua que a **perdi**”.

Mais adiante, no sétimo parágrafo, tem-se: “... **procurando a folha perdida**...”. Segundo Bakhtin (2003), “ é a relação de um enunciado e outros enunciados “. Encontra-se esta intertextualidade no livro de *Lucas :15 de 3 a 6*. “ *A parábola da ovelha perdida*:

Então, lhes propôs Jesus esta parábola:

Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e **perdendo uma delas**, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que **se perdeu, até encontrá-la? Achando-a**, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque **já achei minha ovelha perdida**. (grifos nossos).

Nesse sentido, Bakhtin (2003) pontua que o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Ele afirma que entender a nossa própria ideia - seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso, segundo ele, não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

A *página 30, parágrafo nono*, na conversa entre Codó e Amísio sobre a perda da folha que Codó sentiu falta transcorre a seguinte passagem dita por Codó: “Então volto a minha decisão anterior: **suicido-me**”.

Pode-se intertextualizar claramente com a história de Judas Iscariotes, o qual foi um dos doze apóstolos de Jesus que sempre aparece em último lugar na lista dos evangelhos sinóticos, normalmente com descrição “que o traiu” (*Mc 3.19*): “ Judas Iscariote , **que foi quem o traiu**”. O sobrenome Iscariotes

provavelmente deriva de “homem de Querioté”, que de acordo com *Jr 48.24* e *Am 2.2*, fica em Moabe, mas existe outra identificação possível: Querioté Hezrom (*Js 15.25*), 19 km aos de Hebrom. O “*suicídio de Judas*” está no livro de Mateus 27 de 3 a 5:

Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo. Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e **foi enforcar-se**. (grifos nossos).

O **capítulo 4, segundo parágrafo**, Amísio, tentando convencer Codó ser comunicativo com as pessoas dizendo que ele é um escritor, queira ou não queira, que é sincero, não se vendeu ao capitalismo, é um gênio e que deveria se repartir com a humanidade que ele recebeu de Deus o privilégio de ser gênio com o fim de criar e com sua criação servir aos seus semelhantes. Diz ainda Amísio que na recusa de Codó ele estaria indo ao encontro da vontade de Deus. Analisando a seguinte frase: “**Deus o criou para nós**” e “**Você não deve pretender ir de encontro à vontade de Deus**”. A primeira frase fala sobre a vinda do filho do Homem, Jesus Cristo, o Salvador, o qual não fugiu da sua missão aqui na terra. No livro de **João 3:16;17** diz o seguinte:

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.

Pode-se intertextualizar também a segunda frase com o momento em que Jesus foi para o Getsêmani. Quando no livro se diz: “... **ir de encontro à vontade de Deus.**” Encontra-se no livro de **Mateus 26:39** que diz :

Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, **passa de mim este cálice!** Todavia, não seja como eu quero, **e sim como tu queres.**” (grifos nossos)

Na **página 32**, segundo parágrafo, em uma das cartas de Codó referente ao dia 18/08, nota-se a seguinte passagem:

Cheguei não mais muito de inopino me pus **a rabiscar mais este registro**, por sinal **mui pesaroso** de mim, haja vista **o doloroso quadro que presenciei** no Buraco do Tatu, ex-Sete Ranchos, assim cujo nome foi modificado”.(grifos nossos).

O texto remete-se ao livro **Apocalipse** de João, o qual mostra a visão de Jesus glorificado (**Ap. 9 a 20**). Várias cartas às igrejas, como a de Éfeso, no **capítulo 2.1**:

“Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: estas cousas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro “:

Há também a carta à igreja em Esmirna :

Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas cousas diz primeiro e o último, que esteve morto e tornou-se a viver.”(**Ap. 2.8**):

Outra carta é a igreja de Pérgamo: “ Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas cousas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes”.

Cartas à igreja em Sardes: (**Ap.3.1**). “Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas cousas diz aquele que tem as sete espíritos de Deus e as sete estrelas”.

Carta à igreja em Filadélfia (**Ap. 3.7**). “Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas cousas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá”.

Na mesma página, observa-se a palavra **SETE** como diz o texto: “... ex-**sete** ranchos, assim cujo nome foi modificado”. Mais adiante :”... chamava-se **Sete** Ranchos”. Outra frase chama a atenção: ... na verdade tinha 7,”.... Mais uma vez tem o que se refere às muitas vozes. Essas vozes levam as outras vozes existentes no livro, como a idade do menino, **Sete** anos, o rancho, que é chamado de **Sete** ranchos. Dentro desta vertente, Brait (1997) pontua que a polifonia na perspectiva bakhtinina apresenta vozes necessariamente enraizadas na história, alíás, são vozes conquistadas no longuíssimo processo histórico de descentralização da linguagem, a lenta passagem de um mundo de valores centralizados e acabados cuja expressão máxima estaria na epopéia clássica, para um mundo descentralizado de linguagens, o universo perpetuamente inacabado, a urgência do daqui do agora.

A criação do mundo, encontrada em **Gênesis 2:2**, onde, havendo Deus terminado no dia **Sétimo** a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito: “*E, havendo Deus terminado no dia **sétimo** a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito.*”. (grifos nossos).

Sete também foi o terceiro filho de Adão e Eva nascido depois do homicídio de Abel. (**Gn.4.25**):” *Tornou Adão a coabitar com sua mulher, e ela deu à luz a um filho, a quem pôs o nome de **Sete**; porque disse ela, Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou.* ”(grifos nossos). A genealogia de Noé passa por ele.

É interessante observar que o próprio texto se entrecruza, como mostra a seguir: a palavra **sete** tanto está no primeiro livro da Bíblia, **Gênesis**, quanto no último, **Apocalipse**. Exemplo pode ser dado como mais sustentação: **Apocalipse 15.1**. os sete flagelos: “ *Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os **sete** últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus.*”. No mesmo livro no **capítulo 16.17**. **O sétimo flagelo**: “ *então, derramou o **sétimo** anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está!* ”.(grifos nossos).

No **capítulo 11.15** da Bíblia Sagrada, também se refere à palavra **SETE**, “ *As **sete** trombetas*”: “*O **sétimo** anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo.*”.(grifos nossos).

Segundo Williams (2000):

**Sete** palavras de, as. Título dado às declarações de Jesus na cruz. A primeira foi uma oração por perdão para seus executores, que revelou um amor inesperado e imerecido (Lc. 23.34). A segunda foi dada ao criminoso arrependido assegurou-lhe um lugar no Paraíso (Lc 23.43). A terceira combina palavra solidária de segurança a sua mãe com instruções sobre cuidados aos discípulo amado ( Jô 19.25-27)., apesar de sua própria agonia no momento. Essas três palavras provavelmente foram ditas antes da tarde. A quarta , o clamor de desolação, foi pronunciada durante a escuridão misteriosa (Mt 27.45.;Mc 15.33) e a quinta veio logo em seguida, quando Jesus se queixou de sede (Jô 19.28). A sexta palavra foi o grito triunfante “ está consumado” (Jô19.30), que se referia a sua missão expiatória , e a sétima foi uma citação de Sl 31.5, a oração noturna dos judeus piedosos (Lc 23.46).(p.346).

Um dos acontecimentos na obra de Gilvam Lemos, está no **capítulo 4**; onde diz que: “No meio do **cubículo** que era tido como sala, cozinha, quarto de dormir sala de estar”, “**Jardim Suspenso da Babilônia**”, Aqui há uma antítese ao que foi dito e principalmente ao lugar em que Jesus nasceu.

Segundo John (1970), nome da capital do império babilônico. Aparece, pela primeira vez, este nome, nas escrituras hebraicas em **Gênesis 10:10**:

“O princípio do reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinear”. Associado a outros três nomes no princípio do reino de Nemrode que pode ser lido em **Isaías 23:13**:

“Eis a terra dos Caldeus, povo que até a pouco não era povo e que a Assíria destinara para os sátiros do deserto; povo que levantou suas torres, e arrasou os palácios de Tiro, e os converteu em ruínas”. Ali começaram a edificar a torre de Babel, e deu-se a confusão das línguas, e isso podemos ver no livro de **Gênesis 11:9**,” chamou-lhe por isso, o nome de Babel porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra e dali o Senhor o dispersou por toda superfície dela”. Pode-se notar que esta cidade era o centro do poder babilônico no reinado de Hamurabi, vinte séculos antes de Cristo e desde então, ficou sendo o centro político e religioso de todo o país. A ironia começa pelo palácio real que foi aumentado no dobro de seu tamanho original, enquanto a criança (Jesus) vivia num cubículo. O jardim suspenso da Babilônia estende-se para o norte e era cercado pelo rio oeste e por um canal ao norte e ao sul. .

Há neste mesmo capítulo, referências a **três Marias**, “Maria da Conceição e Maria da Paz (que a paz esteja com elas)”, “Maria do Amparo.”. Intertextualizam-se com as Marias do Novo Testamento. Existem **seis Marias**:

**Maria, a mãe de Jesus**. Morava em Nazaré e tinha casamento marcado com o carpinteiro José quando o anjo anunciou que ela teria um filho. **Mateus 1: 18 a 25**.

Há **Maria, mulher de Cleópas**, assim chamada em **João 19.25**:

E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria , mulher de Cleópas e Maria Madalena”. Maria, a virgem mãe de Jesus, Lucas 1:26 e 27:N sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazeré, a uma

virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria..

**Maria Madalena**, modo porque os evangelhos designam esta Maria.

**Mateus 27: 56 a 61, e 28:1:**

entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu. Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus. Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue. E José, tomando o corpo, envolveu, num pano limpo de linho e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou. Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria.

**Maria de Betânia**, nome de uma mulher que em companhia de Marta, sua irmã, morava em certa aldeia, **Lucas 10:38**: “Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa.”.

**Maria, mãe de Marcos** em cuja casa estavam reunidos os discípulos orando pelo livramento de Pedro, **Atos 12. 12**:

” considerando ele a sua situação, resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam.”.

E por fim, **Maria de Roma**, a quem apóstolo Paulo enviou saudações, **Romanos 16:6**:

” Saudai Maria, que muito trabalhou por vós.”. Quem trabalhou muito entre os irmãos. Parece, pois, que exerceu grande atividade na causa de Cristo na cidade imperial. (John D. Davis, 1970).

Mais adiante, encontra-se a frase: “... esta **criança, mártir da sociedade**, recebia, como não? Esta desditosa **criança era a filha de Maria** Baixinha,...”. mais uma vez a criança aqui citada é intertextualizada com **Jesus Cristo**, o qual era **filho de Maria**. Este episódio remete-se ao livro de **Mateus 1.18** : “ Ora, o nascimento de **Jesus Cristo** foi assim: estando **Maria ,sua mãe**,

desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se **grávida** pelo Espírito Santo.”(grifos nossos).

Na **página 33**, constata-se que a intertextualidade é bem clara, porém, se o leitor tiver um conhecimento do texto bíblico. Observa-se: “ clama aos céus, senhores donos do poder, clama aos céus tamanha desventura nas **hostes terrais desta Canaã**. Na época atual, nos dias que correm, ainda se morre de fome neste imenso e riquíssimo país.”. Nota-se, aqui a história do povo da terra de Canaã.

A palavra **hostes** significa uma multidão de pessoas. A expressão “ exército dos céus”. Também tem sentido de “planetas” e “anjos”. Aqui é intertextualizada com a multidão de pessoas. Pode-se encontrar no livro de **Dt 4.19**:

Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto àqueles, cousas que o Senhor, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus.

Já a palavra **Canaã**: que significa também **Cananeus**, é observada por

Willams(2000):

Pessoa: filho de Cam e neto de Noé, o qual lançou uma maldição contra ele (Gn 9.24). Nas escrituras, Canaã geralmente se refere à área costeira da Síria e Palestina e especialmente à Fenícia, a terra habitada pelos cananeus. Nm 13.29 e Jz 1.27 ( Dicionário Bíblico, p.54)

**37** é o número da **página** do livro O Anjo do Quarto Dia em que será abordada a intertextualidade. Onde há a seguinte frase: “ **Eles são mansinhos**”.“(**Mansinhos o diabo!**)”. Mais adiante, diz: “Mas tudo passa sobre a terra.” Mais uma vez, o texto fala sobre a palavra **diabo** que já foi abordado neste trabalho. Porém, é importante salientar a frase, “ **passa sobre a terra**” nos faz refletir sobre o **capítulo 24, versículo 35 do livro de Mateus**, que diz o seguinte:” **Passará o céu e a terra**, porém as minhas palavras não passarão”(grifos nossos) .



Ainda o **capítulo 5**, narra o momento em que Euclides Farias ficou sabendo como: “era seu compadre e amigo, **propôs-se a comprá-la por preço de ocasião, preço de banana**”. Existe aqui uma **traição**, a palavra “preço de banana” nos leva a intertextualizar a **traição que Jesus sofreu por Judas**. Este assunto já foi abordado, porém nota-se a insistência com a palavra traição (**Mateus 27: 3 a 5**). Foi realmente” a traição que Judas fez com Jesus. Jesus pagou um alto preço por preço de banana de Judas.” Observa-se que tem uma intromissão de “**outras vozes**”.

A noitada de Piranha, é também narrada no **capítulo 5**, rodando, interessada em arranjar freguês para a noitada. Era uma pessoa vadia, conhecia tudo na cidade. Rapazes se embriagavam e levavam a Piranha para trás da cisterna pública. E diziam: “**Agora você é uma dama**”. E “Piranha” rodando os rapazes da meiotá, fazendo-se desinteressada, mas ouvindo tudo, atenta ao movimento...

Sabe-se que na linguagem popular, a palavra “**Piranha**” é uma mulher vulgar, conhecida como “**prostituta**”. Pode-se citar o livro de **1 Reis 22:38** em que o tema da prostituição é retomado e destacado no seguinte fragmento: “**Pois cova profunda é a prostituta, poço estreito, a alheia**”.

Observa-se que os textos têm sempre uma aproximação com outros textos. Tem-se também, no livro de **Apocalipse 17:1**, a descrição da grande **Meretriz**, o qual diz:

Veio um dos Setes Anjos que têm as Sete Taças e falou comigo, dizendo: vem mostrar-te-ei o julgamento da grande Meretriz que acha sentado sobre muitas águas. Os versículos também falam: Na sua frente, achava se escrito um nome, mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA.

Mais adiante, sai na edição do jornal Aurora do Agreste, todos os acontecimentos que vinham comprometendo os foros da civilização da cidade, e mais à frente tem: “Encabeçados por uma **prostituta** sem nenhuma classificação, mulher de procedimentos espúrios...”. Os vocábulos: **Piranha, prostituta e meretriz** remetem-se a um sentido socialmente depreciativo o qual tem como referência o suporte bíblico. Dessa forma, há uma relação entre a enunciação do texto sagrado e o romance. Assim, para Bakhtin (1997), o

discurso citado é o discurso *no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*. Ele afirma que aquilo de que se fala é apenas o conteúdo do discurso, o tema das palavras do homem. Um exemplo de um tema que é apenas um tema seria, por exemplo, “a natureza”, o “homem”, “a oração subordinada” (um dos temas da sintaxe).

A última página do capítulo 5 narra a seguinte passagem: “...por que não procuram **outros pastos** para suas **aleivosias**, por que não deixavam o município? Não aprecia nossa terra? Ame-a ou deixe-a!”

Nota-se aqui dois pontos importantes de intertextualidade. O primeiro se refere a **pastos**. Ocorre aqui mais uma polifonia, outras vozes, nos faz voltar ao **capítulo 28**, no qual foram abordadas “as ovelhas”. A palavra pasto é abordada em vários livros da Bíblia. Toma-se como exemplo o livro de **Salmos 23.2**: “Ele me faz repousar em **pastos** verdejantes”. Salmo 79.13: “Quanto a nós o teu povo e ovelha do teu **pasto**, para sempre te daremos graças; de geração em geração”. **Ez. 34.18**: “Acaso não vos basta a boa pastagem? Haveis de pisar aos pés o resto do vosso **pasto**? E não vos basta o terdes bebido as águas claras? Haveis de turvar o resto com os pés?”. **Jer. 23.10**: “Por que a terra está cheia de adúlteros e chora por causa da maldição divina; os **pastos** do deserto se secam; pois a carreira dos adúlteros é má, e a sua força não é reta”. Constata-se aqui a crítica que Piranha faz aos rapazes é uma intertextualização bíblica. Pastos são símbolos adequados da natureza temporária da vida humana. (2000, p. 275).

A palavra **aleivosia** significa maquinação feita contra alguém sob o manto roto da amizade (SACCONI,1996).

No **capítulo 6**, primeiro parágrafo diz: “**Ai de vós, escribas e fariseus, dizia Oricão, resmungando entre dentes supostos, entretido em secretos deleites...**”. Já foi também bem analisado a intertextualidade sobre os escribas e fariseus, porém no começo da frase temos a palavra “**ai de**”, a qual é uma intertextualidade bíblica.

Quando Jesus diz “**ai de...**” em **Lucas 6.24 a 26**: “Mas ai de vós, ricos! Porque tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de

lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas”. Mais do que pronunciar julgamento está deplorando a condição miserável das pessoas espiritualmente cegas. No livro de **Mateus 11.21**: “Ai de ti Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que ela se teriam arrependido com pano de saco e cinza”. Sua declaração é seguida por uma profecia sobre a destruição consequente. Já em Apocalipse 9.12: se tem os três ais: “O primeiro ai passou. Eis que, depois destas cousas, vêm ainda dois ais”.

Oricão já passa a ser outro homem, outra personalidade, constata-se uma alteração em sua forma de agir a qual nos remete a discursos de personagens bíblicos de teor mais brando, pois como era hipócrita, tinha personalidade, comportamentos diferentes. Isso pode ser constatado, quando ele começa a perguntar a Tininha se ela conhece **Salomão**, e diz: Pela boca de quem ele dizia? Está no livro: “Não admireis eu ser morena, porque o sol me mudou a cor”. Esta passagem se encontra no livro de **Cânticos dos Cânticos**, que é nome do último dos cinco livros poéticos do Antigo Testamento, conforme a distribuição atual dos livros da Bíblia. Tem aqui, uma intertextualidade explícita, pois é falado claramente, segundo Aguiar e Silva, como já foi comentado, é como se o texto fosse absorvido e apagado por outro texto. Mas qual seria a intenção? Tininha para ele nunca iria ser **amada**, e ele se achava um sábio, como **Salomão**.

Ainda no **capítulo 6**, Oricão, nervoso, porque seus filhos não conseguiam resolver o problema do leite, diz: “**Lamentações, Jeremiadas**. Acaso ele é um **escravo** nascido em casa?” Agora Oricão se intertextualiza com o livro de “Lamentações de Jeremias”, **capítulo 1:2 e 3**, onde no **versículo 3** diz que Judá foi levado ao exílio, afligido e sob grande **servidão**; habita entre as nações; não acha descanso; todos os seus perseguidores o apanharam nas suas angústias. Consta-se aqui, que a personagem passa de sábio para sofredor, injustiçado.

Mais adiante, Oricão começa a refletir, no tempo em que Oriquinho era criança, pedia para salvar Sara. E diz: “*Não me repreendas na ira, nem me castigues no teu fervor. Compadece-te de mim, Jeová (Jehovah), por que eu*

*me sinto abatido; sara-me (Sara minha Sarinha) Jeová, porque meus ossos estão perturbados”.*

Aqui há uma intertextualidade com o livro de **Salmos 6: 1 e 2**, quando Davi recorre à misericórdia de Deus. O jogo das palavras enriquece o texto, pois nos Salmos, Davi diz: “sara-me” e Oricão acrescenta na sua petição “Minha Sarinha”. Há uma intertextualização, papel de “outro” é a confirmativa de outra voz.

Mais uma passagem onde nos mostra a intertextualidade de “outras vozes” é na **página 48**, onde seu Oricão não consegue esquecer a moleza dos filhos, os pasquins, ele não queria desviar o pensamento. Por não conseguir desviar o pensamento, ele diz que “**antes conseguia separar o joio do trigo**”. Nesta frase, se confirma o que já foi dito na parte teórica, que o caráter intertextual, mais de um determinado texto, assume um aspecto dinâmico, na medida em que significa mais que simples trânsito de outro texto ou de outra voz. Pois aqui está revestida de subjetividade.

O “**joio do trigo**” refere-se ao livro de **Mateus 13:25 a 30**, que tem por título “**A parábola do Joio**”.

Essa passagem fala dos homens que dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: “Senhor não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem pois joio?”

Então, ele disse que o inimigo tinha feito isso, e perguntaram se ele queria que arrancassem o joio. Então, ele disse que não arrancassem o trigo ao separar o joio, e que o deixasse crescer até a colheita, onde ajuntarão primeiro o joio para ser queimado, mas o trigo seria recolhido para o seu celeiro.

Na mesma página do romance, temos uma brincadeira do autor com o nome, senhor com s minúsculo e Senhor com S maiúsculo, na qual Tininha pergunta se pode ir embora:

“E o senhor donde veio? / O Senhor / O Senhor não; o senhor, seu – Oricão, vós. / Eu?”

Observa-se que temos aqui senhor, uma pessoa comum, pecador, e Senhor Jesus Cristo e tem como exemplo o livro de Efésios 4:5, onde diz que: “**Há um só Senhor**, uma só fé, um só batismo”. (grifos nossos).

Aqui há mais um conceito de Bakhtin (1997) a respeito do dialogismo, onde ele diz que o sujeito do dialogismo perde o papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais. (*ibidem*). Dessa forma, depreende-se que o personagem Oricão, ao se considerar como Senhor, está se colocando num patamar de suma importância, ou seja, o poder criador e dominante daquela localidade, havendo assim um jogo vocabular com o Deus do Cristianismo.

A **página 51** apresenta no segundo parágrafo o seguinte: “Prendam Codó e terão liquidado o assunto. Mandem também queimar os livros. Livro só traz aborrecimento, **livro só um: o Livro**. “. A palavra final “**o Livro**” está sendo intertextualizada com a **Bíblia Sagrada**, o Livro dos livros.

Está sendo apresentada uma sequência de fatos numa linha diacrônica para entender melhor o que se passa no livro e na Bíblia.

A **página 52** refere à prisão de Codó, onde ele teve o maior sofrimento e aconteceu a maior confusão: “O soldado não entendia. **O corpo de quem?** “. “o soldado obedeceu. Dava trabalho ajeitar aquele molho de osso nos braços”.

Há também “O cobertor escapuliu e falam que **ele está nu**. “ Esta passagem refere-se ao sofrimento de Jesus Cristo aqui na terra, os soldados, seu corpo maltratado, suas vestes rasgadas.

O fragmento acima pode ser encontrado no livro de **Mateus 27:27 a 31**, quando Jesus foi entregue aos soldados do governador. Levaram Jesus para o pretório despojaram suas vestes, cobriram com um manto escarlate, e depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiam com as próprias vestes. Em seguida, levaram-no para ser crucificado.

A **página 53**, diz que Codó quando foi preso “**não dava um pio**”. Mais uma vez, facilmente é identificado este fragmento com o mesmo livro e capítulo, versículos de 12 a 14, quando Jesus foi interrogado e acusado e nada falou. Na mesma página, quando Codó foi preso, diz: “juntaram-se outras pessoas”, essa passagem pode ser intertextualizada com o livro de **Mateus 27:17**,

quando Jesus foi trocado por Barrabás. O texto diz o seguinte: Estando, pois o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?”

Aqui pode-se confirmar o que Kristeva (1974) diz que o “ **texto de origem está lá virtualmente presente** ”.

Na **página 55**, a passagem refere-se ao jantar de Codó, quando este desapareceu, mas na verdade foi ela, Tininha, quem comeu. Ainda nessa passagem, ocorre o seguinte fato o qual completaria a dramaticidade: “ E o orvalho, alguém achou de completar, o orvalho seriam as lágrimas de Cristo, pelos pecados dos homens.”

Aqui, mais uma vez pode-se “beber”, na Bíblia, no livro profético de **Isaías 26:19**, onde diz: “...os vossos **Mortos** e também o meu **cadáver** viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu **orvalho**, ó Deus, será como o **orvalho** de vida, e a terra dará à luz os seus **mortos**”.(grifos nossos).

Novamente, Kristeva (*op.cit.*) orienta com sua teoria quando ela diz que o texto não fala, é falado, deixa de denotar para conotar, já não significa por conta própria, passa ao estatuto de material, “como na reconstrução”. O texto bíblico. Mais adiante, “Codó se comunica com o próprio Deus, diretamente”. Isso chama a atenção, para o momento em que Jesus na cruz pede ao Pai para perdoar os que o estavam maltratando, na frase seguinte reforça essa passagem, quando uma mocinha perturbou uma vez Codó e se arrependeu e disse: **Perdoai-me, Codó, eu não sabia o que estava fazendo**”. Esta frase pode ser intertextualizada com o livro de **Lucas 23:34**, quando Jesus disse: “ **Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem...**”. (grifos nossos).

Na **página 56**, há a passagem em que as pessoas se arrependeram, diziam que ele foi mesmo como Cristo, incompreendido e se eles soubessem, dizem que ele pisava no chão puro e que “**seus pés eram duas chagas**”. Essa passagem refere-se à crucificação de Jesus Cristo, no qual foi pregado seus dois pés na cruz do calvário, encontra-se no livro de **Lucas 24:39**, onde Jesus diz: “Vede as minhas mãos e os meus pés que sou eu mesmo. Apalpai-me e verificai, por que um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.”

É interessante observar que as sequências de fatos abordados acima são semelhantes aos de Jesus Cristo.

Na **página 57**, há a confissão de tia Mé e tia Zu, pois o tenente pressionava-as para dar conta dos escritos, mas elas disseram: “o que tinha estava ali.” Porém, o que nos chama a atenção é que suas tias disseram a seguinte frase: “Codó escreva como **menino**”. Essa frase textualiza com a encontrada no livro de **Lucas 2:40,47 e 48**, o qual diz que:

Crescia o **menino** e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus. Três dias depois, o acharam no templo assentado no meio dos doutores, ouvindo-se e interrogando-os.

E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas.

Nesta passagem, encontra-se um diálogo formado por vozes diferentes as quais se comunicam como texto bíblico, sobre essa comunicação componente do romance, Bakhtin (2002) pontua que o diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce; nesta coexistência e evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma adversidade contraditória e de linguagens diversas.

Neste caso, **Codó Menino e Jesus Menino** se entrecruzam. Na mesma página, há o cortejo de Codó no cemitério, e todos queriam tocar no caixão, a fim de alcançar uma graça. E na frase seguinte diz que : O povo se espremia, gemia, se contorcia, mas não podia sair dali sem tocar... Tocar apenas.”

Isso aconteceu com Jesus, no livro de **Lucas 8:42 a 47**:

Enquanto ele ia, **as multidões o apertavam** é a história da mulher que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia, e a quem ninguém tinha podido curar [e que gastava com os remédios todos os seus haveres]. Ela veio por trás de Jesus e lhe **tocou**, na orla da veste, e logo lhe estancou a hemorragia. Mas Jesus disse: quem me **tocou**? Contudo, Jesus insistiu: Alguém me **tocou**, porque senti que de mim saiu poder.(grifos nossos)

Como se pode observar na citação acima, ratifica-se o que Aguiar (1993) havia afirmado, ou seja, a intertextualidade é a interação semiótica de um texto com outro(s) texto(s).

Continuando a passagem, encontramos a frase: “Queremos vê-lo antes do **terceiro dia**”: Encontra-se no livro de Mateus 17:23, “este o matarão; mas ao **terceiro dia**, ressuscitará”. E as intertextualidades não param.

No **capítulo 7**, quando os irmãos Vieira tiveram de valer-se da polícia, eles queriam proteção para sua casa. Estavam de mal pelos vexames que causaram a Codó!. “Quem sabe, **não o torturam até a morte**”?

Nessa frase, pode-se dizer como afirmou Blikstein (2000), o discurso, seja qual for, nunca é totalmente autônomo, ele é suportado por toda uma intertextualidade, diz ainda que o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, explica a necessidade de toda uma escavação “filosófica-semiótica” para recuperar a significação profunda dessa polifonia que governam as vozes, os textos e, finalmente, o discurso. Sendo assim, todo texto é um intertexto, pois é oriundo de outros textos os quais são componentes em sua tessitura.

O último texto é o livro de **Marcos 15: 36 e 37**, “E um deles correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta de um caniço deu-lhe de beber... Mas Jesus, dando um grande brado, expirou.”

Mais adiante, há a divisão da cueca de Codó, que intertextualiza com a passagem bíblica a qual se encontra no livro de Marcos 15:24; quando crucificaram Jesus e repartiram entre si as vestes, lançando-lhe sorte, para ver o que levaria cada um.

Quando na **página 60**, diz: Pudera! “Zombaram tanto do Codó, tantos malfeitos cometeram contra o pobre, contra a justiça divina.”

Parece que está se vendo o momento em que tecendo uma coroa de espinhos, puseram na cabeça de Jesus e, na sua mão direita um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: “**Salve, rei dos Judeus**. E, cuspendo nele, tomaram o caniço e deram na cabeça”. (**Mateus 27:29 e 30**).

Mais adiante : “... **bárbaros** estão acabando com o pouco que temos ...”.



**Bárbaro** é o termo aplicado pelos **gregos** a todos os que não falavam grego, não era necessariamente depreciativo. Estão incluídos em Cristo com todos os outros. **Colossenses 3.11**: “no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, **bárbaro**, cita,escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.(grifos nossos)

Na **página 61**, observa-se : Quem sabe se daqui, da gente, não sairá um novo **São Paulo...**”. Aqui são outras vozes, fazendo lembrar da vida do apóstolo Paulo, o qual era **Saulo**, aquele que perseguia os cristãos, é encontrado no livro de **Atos 9.1-9 e 21**.

Mais uma intertextualidade no último parágrafo: “ Daqui só saio morta ou para ser **jogada aos leões!**” Esse episódio apresentado faz referência ao livro de **Daniel capítulo 6 de 7 ,11,12 e 16**, porém será dada ênfase até o **versículo 21**.

Todos os presidentes do reino, os presidentes e sátrapas, conselheiros e governadores concordaram em que o rei estabeleça um decreto e faça firme o interdito que todo homem quem, por espaço de trinta dias, fizer petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, **seja lançado na cova dos leões**. Então, aqueles homens foram juntos, e, tendo achado a Daniel a orar e a suplicar, diante do seu Deus, se apresentaram ao rei, e, a respeito do interdito real, lhe disseram: não assinaste um interdito que, por espaço de trinta dias, todo homem que, fizesse petição a qualquer homem e não a ti, ó rei, fosse lançado **na cova dos leões**? Então o rei ordenou que trouxessem a Daniel e o **lançassem na cova dos leões**. Disse o rei a Daniel, a quem tu continuamente serves, que ele te livre. (grifos nossos).

Na **página 62**, há uma quantidade vasta de intertextualidade. Por exemplo, o terceiro e quarto parágrafos:

“--- E você, seu corrupto noctívago! Profile-se! Já tomei conhecimento de suas aventuras nas caladas da noite com essa prostituta **abilônica**. Mais adiante:... tirem esse **judeu** de riba de mim! Esse **herege!** ... a **guerra santa** iniciada com apresentação em conjunto dos farrapos de Codó.”.

Em primeiro lugar, pode-se observar um conjunto de vozes polifônicas. A palavra abilônica vem da Babilônia, território no da Ásia, atualmente do Iraque. No livro de **1Reis 24.1** ; “ nos dias de Jeoaquim, subiu Nabucodonosor, rei da **Babilônia**, contra ele, e ele, por três anos, ficou seu servo; então,se

rebelou contra ele.” **Jr 27.9-11**, fala da prolongada luta entre a **Babilônia** e o Egito.

Não deis ouvidos aos vossos profetas e aos vossos adivinhos, aos vossos sonhadores, aos vossos agoureiros e aos vossos encantadores, que vos falam, dizendo: Não servireis o rei da **Babilônia**. Porque eles vos profetizam mentiras para vos mandarem para longe da vossa terra, e para que eu vos expulse, e pereçais. Mas a nação que meter o pescoço sob o julgo do rei da **Babilônia** e o servir, eu a deixarei na sua terra, diz o Senhor, e lavrá-la-á e habitará nela.” (grifos nossos).

Na **página 63**, há a seguinte frase: “me responsabilizo, **me levem pra fogueira**”.

A intertextualidade é levada ao livro de Daniel capítulo 3:16 e 21 o qual relata que Daniel livrou seus companheiro da **fornalha de fogo**:

Responderam Sadreque, Mesaque e Abede-Nego ao rei: Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder.

Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da **fornalha de fogo ardente** e das tuas mãos, ó rei.

Então estes homens foram atados com seus mantos, suas túnicas e chapéus e suas outras roupas e foram lançados na **fornalha sobremaneira acesa**.(grifos nossos).

Na **página 64, primeiro parágrafo**, narra a grande manifestação do povo sobre a santidade de Codó. O tenente proibiu qualquer manifestação ou milagre na cidade, quem aparecesse com aquela história, iria para no xadrez e apanharia de cipó-de-boi. Em seguida há a seguinte frase: “ **nesta cidade os milagres estão judicialmente proibidos**”.

Sabe-se que Jesus fez vários milagres. No Novo Testamento há algumas evidências para se considerarem os milagres de Jesus e dos apóstolos diferentes do Antigo Testamento. “Em Jesus o próprio Deus fica diante de nós, agindo livremente no seu próprio mundo”. Segundo Williams, ( 2000, p.236):

As pessoas recebiam visão espiritual e o poder de andar nos caminhos de Deus, além de serem curadas de cegueira ou de paralisia. Na autoridade poderosa de Jesus (Mc 2.9ss) e na sua dependência humilde com o pai (Jo 5.19).

O milagre decisivo no Novo Testamento foi a ressurreição de Jesus, em que se baseia toda a estrutura da fé neotestamentária (1Co 15.17).

Os milagres operados por outros no Novo Testamento brotaram da solidariedade deles com Jesus.” (p.236).

Todo assunto abordado sobre os **milagres de Jesus** pode ser mostrado nos livros de **Marcos 9.39**: “*Mas não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim.*”(grifos nossos).

Em **João 4.54**: “*Foi este o segundo sinal que fez Jesus, depois de vir da Judéia para a Galileia.*”

Em **Atos 4.22**: “*Ora, tinha mais de quarenta anos aquele em quem se operara essa cura milagrosa.*”

No livro de **1ª Coríntios 12.29**: “*Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres?*”

Há inúmeros textos no livro de Mateus sobre este assunto: a cura de um leproso, a cura do criado de um centurião, a cura da sogra de Pedro, a cura de dois endemoniados gadarenos, a cura de um paralítico em Carfanaum, a cura de dois cegos, a cura de um mudo endemoniado, o homem da mão ressequida, a cura de um endemoniado cego e mudo, a cura de dois cegos em Jericó.

No mesmo parágrafo transcorre a seguinte frase: “ Mas na Rua do Açude havia **reuniões secretas**,...”

Esta intertextualidade pode ser vista no livro de **Atos 12: 12,13,14,16**, quando Pedro é livre da prisão:

Considerando ele a sua situação, resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam.

Quando ele bateu ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era;

Reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão.

Entretanto, Pedro continuava batendo; então, eles abriram, viram-no e ficaram atônics.

Há também: As **Novas Escrituras** de Codó, o **Novíssimo Testamento**, as palavras sagradas de Codó.

Como Codó, em determinados momentos, está sendo intertextualizado por Jesus Cristo, é de real importância dizer que, segundo Gundry (1978):

Novo Testamento” quer dizer de fato, “Novo Pacto”, em contraste com a antiga aliança (de acordo com o qual Deus perdoava transgressões à vista de sacrifício de animais à guisa de antecipação provisória daquele verdadeiramente adequado sacrifício de Cristo). O vocábulo “ Testamento transmite-nos a idéia de uma última vontade, e um testamento que só passa a ter efeito na eventualidade da morte do testador. Assim é que o novo pacto entrou em vigor em face da morte de Jesus.

Pode-se ter como prova o livro de **Hebreus 9.15 a 17**:

Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que , intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sobre a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.

Porque, onde há testemunho, é necessário que intervenha a morte do testador;

Pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador.

Mais adiante, ( pág.64) : debaixo dessas **tábuas**.

A palavra “**tábuas**” é intertextualizada com “**Os Dez Mandamentos**” que se encontram no livro de Êxodo **capítulo 20 de 1 a 17**, dando ênfase aos versículos de 1 a 4 :

Então, falou Deus todas estas palavras:  
Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da terra da servidão.  
Não terás outros deuses diante de mim.  
Não fará para ti imagens de escultura, nem semelhante a alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

Na **página 65**, há o seguinte:” Que é que você acha João Carlos, será que **torturaram Codó na prisão?**”

Mais uma vez está presente a intertextualidade de Cristo a qual é encontrada no livro de **Mateus 26 de 47 a 68**, onde os versículos 65 a 68 diz:

Então o sumo sacerdote **rasgou as suas vestes**, dizendo:  
Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas?  
Eis que ouvistes agora a blasfêmia!  
Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte.  
Então, uns **cuspiram-lhe** no rosto e lhe davam, dizendo:

Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que **te bateu!** "(grifos nossos).

É observado, também na mesma página: "...O povo é safado."...o próprio povo vai se virar **contra você.**" Refere-se sobre a traição do povo contra Cristo, quando preferiram soltar Barrabás. (**Mt 27.21**).

No **capítulo 8**, no primeiro parágrafo há o seguinte: " numa noite de chuva ele apareceu." **De onde vinha? Como chegara? Onde estivera? (embuçado nos céus?)** Durante todo esse **tempo...** aquela noite inexplicável, inacreditável. Não tivesse dela uma prova concreta..." Esta intertextualidade se refere à aparição de Cristo diante dos apóstolos quando, Jesus aparece aos discípulos na Galileia no livro de **Lucas 24.36 a 43**:

Na mesma página pode ser visto: "Ana se acostumara, tanto que sem, receio, fora dormir à hora em que estava habituada." "...Antes uma presença íntima, interior, algo que estava dentro de si," "...Aí ela acordou."

Este texto refere-se à história de Maria mãe de Jesus, que se encontra no livro de **Mateus 1.18**.

No **capítulo 9**, Josias, Jefonias e Jason chegaram com os pasquins para Oricão ler, e ele fica irritado com a moleza dos seus filhos e diz: " Vocês **vomitando, pela boca. Pela boca é que vocês devem engolir**"... Este fragmento se refere ao livro de Jonas 1: 17 e 2:16: onde Deus providenciou um grande peixe, para que **tragasse** a Jonas; e Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe. Então, o senhor falou ao peixe, e este **vomitou** Jonas na terra.

Há no **capítulo 9**, um momento de tristeza de Oricão, quando diz que: "A comida não tem gosto em sua boca. Acorda com a morte na alma, deita com a morte entre as pernas."

Mais uma vez, a personagem se transforma em outra personagem que é **Jó: 7:5 e 6**. Onde Jó diz que sua carne está vestida de vermes e de crostas terrosas; a sua pele se encrosta e de novo supera. Diz que seus dias são mais velozes do que a lançadeira do tecelão e se findam sem esperança. E no **capítulo 17: 1 e 12**, fala sobre a morte, onde ele diz que seu espírito se vai

consumindo, os seus dias se vão apagando, e só tem perante ele a sepultura. “*Converte-me a noite em dia, e a luz, dizem, está perto das trevas*”.

Continuando o seu desabafo, Oricão que “*atrai aos seus Campos as gazelas formosas*”. Esta frase é encontrada no livro de **Isaías 13:14** que diz: Cada um será como **gazela** que foge e como o rebanho que ninguém recolhe. Cada um voltará para seu povo e cada um fugirá para sua terra.”

No final da **página 72**, lê-se: “*O teu nome é (era) como unguento derramado, por isso as donzelas te amam*”. Esta passagem pode ser intertextualizada com o livro de **Cânticos do Cânticos de Salomão**, o qual tem qualidades literárias. Há também a seguinte frase: “*Tenho o unguentar e vinho para louvar o Senhor*”; Encontra-se uma passagem análoga no livro de João 12:3. (grifos nossos). “*Quando, Maria, tomando uma libra de bálsamo de Nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda casa com perfume do bálsamo*”.

Na **página 73** há: “*Que farei? Eu, Orico, que farei? Senhor, a carne é fraca, meu inferno na terra veio antes. Vivi o paraíso depois, mas já voltei para o inferno, aqui, na terra, agora, estou no inferno de novo: Dá-me o céu outra vez.*”

A polifonia, aqui, é múltipla, porém pode-se identificar no livro de **Marcos 14.38**: “*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, o espírito, na verdade está pronto, mas a carne é fraca.*”(grifos nossos).

Ainda no mesmo capítulo, tem o momento em que Oricão, doente, ouve a voz do filho e fala:...”*É você, Jason, minha pombinha inocente, filho de minha velhice*”. Observa-se aqui, quantos textos recriados em outros textos. Agora há a história do nascimento de Isaque que está no livro de Gênesis 21:2, quando Sara concebeu e deu à luz um filho a **Abraão na velhice**, no tempo determinado, de que Deus lhe falara.

Há também o seguinte:”... *quando eu disparar não ficará pedra sobre pedra.*” Encontra-se esta intertextualidade no livro de **Mateus 24.2**: “*Jesus, porém, lhe disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.*” (grifos nossos).

Mais adiante, encontra-se a passagem em que o povo vai à casa de Oricão pedir desculpas, pois abandonou a igreja de protestantes para ir atrás das roupas de Codó, pensando que iam receber promessas e Oricão diz: “*É assim, mas vocês não aprendem, sempre atrás do bezerro de ouro*”. Este intertexto é encontrado no livro de **Êxodo 32:1 a 10**, onde no **versículo 8**, diz o seguinte: “Depressa se desviou do caminho que lhe havia ordenado; fez para si um **bezerro** fundido, e o adoram, e lhe sacrificou, e diz: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito”.(grifos nossos). Moisés foi intertextualizado, aqui, por Oricão.

Ainda no **capítulo 9, página 78**, nota-se :” Em **meu nome façam o que quiser**, estarão garantidos. A Bíblia Sagrada relata uma passagem onde Jesus no evangelho de **Mateus 28.19** diz: Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os, em **nome** do Pai e do filho, e do Espírito Santo;”(grifos nossos).

Na **página 84** do livro O Anjo do Quarto Dia encontra-se uma referência a um versículo do livro de **Cânticos dos Cânticos de Salomão**, mas, parte do versículo foi intertextualizado:

O livro ensina os louvores do amor e do vinho, que os dois desde aqueles tempos se uniam: o vinho pra despertar, o amor para ser executado....” ...Ouçam: O amor é melhor do que o vinho, faremos menção do teu amor mais do que do vinho: Já entrei no meu jardim, irmã minha, noiva minha, colhi o meu favo com o meu mel; bebi o meu vinho com o meu leite; comei, amigos, bebei, **sim, embriagai-vos, caríssimos**.(grifos nossos).

Na verdade, no **capítulo 5 versículo 1** diz o seguinte:”*comei e bebei amigos; bebei fartamente ó amados*”. E não “**embriagai-vos, caríssimos**.”

Na **página 88** há a presença de outras vozes, agora com o profeta Daniel:” *Depois ela se lembraria de que repentinamente se vira jogada às feras*.”

Mais uma vez, vem à tona a intertextualidade do livro de Daniel, quando foi jogado na **cova dos leões**. Esta relação entre um texto e outro já foi analisada anteriormente.

A **página 94** observa-se o texto:

Ana, numa última homenagem àquele que em tão **curto espaço de tempo** recompensara-lhe os desprazeres vividos, propôs-se a

enterrá-lo **como cristão**. Enquanto o retinha nas mãos procurava esquecer que era o fim de toda aquela atividade; o que ela segurava já não lhe pertencia, partira, fora embora, para sempre. Verdadeiro anjo em suas **vestes azuis**.. Deus, meu Deus (Senhor Deus dos desgraçados), que dor imensa. Haverá, por **Sua vontade**, maior dor do que essa? (grifos nossos).

Mais adiante: “ em pé de carne e osso, vivo, tão inocente do que estava se passando, tão sem saber o que **a ressurreição** significava. O pranto que retivera ao perdê-lo rebentava no momento em que o **recuperava**”. (grifos nossos).

São várias as polifonias, porém o texto remete à história de Cristo. A dor que Maria, sua mãe, sentiu ao ver seu filho sofrendo tão grande dor. Quando se diz: “**Sua vontade**”, leva o leitor ao momento de Jesus no Getsêmani, que se encontra no livro de **Mateus 26.42**, onde diz: ”Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu beba, **faça-se a tua vontade**”.(grifos nossos).

Quando se fala em **ressurreição**, remete-se, logo, a Cristo, também, no mesmo livro, agora no capítulo 28.6: “Ele não está mais aqui; **ressuscitou**, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.”(grifos nossos).

No **capítulo 12, página 99** observa-se:

Os olhos deles boiavam numa névoa azulada, seus cabelos de ouro refulgiam, refletindo uma **luz** que não lhes era dirigida, não os atingia, pois o sol não havia saído. **Que luz estranha** refletiam em seus cabelos?” **Quem é você? De onde veio?**

Há uma belíssima intertextualidade sobre encarnação do Verbo o qual explica este texto que pode ser visto em **João 1:1,6,8 e 9**:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, **e o Verbo era Deus**.

Houve um homem **enviado por Deus** cujo nome era João.

**Ele não era a luz**, mas veio para que **testificasse da luz**, a saber, **a verdadeira luz**, que vinda ao mundo, **ilumina a todo homem**. (grifos nossos).

Na **página 101**, fica claro o livro de **Apocalipse 20:14 e 15**:



Observe o livro:

Descubra-se (Não quero cobertor, estou com **o fogo do inferno me consumindo**), ao lado ficava o lençol cheirando a **naftalina, naftalina e suor**, o suor do seu rosto empestando o quarto **sombrio**: não abram as janelas, deixe-as **fechadas para sempre**.” (grifos nossos).

Agora, observe a Bíblia:

Então, a **morte** e o **inferno** foram **lançados para dentro do lago**. Esta é a segunda morte, **o lago de fogo**.

e, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi **lançado para dentro do lago de fogo**. (grifos nossos).

A palavra **“naftalina”** pode ser intertextualizada como **“enxofre”** que se encontra no livro de **Apocalipse 14.10**: *“Também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro.. (grifos nossos).*

A **página 106** apresenta a frase: **“profetizara**: dessa turminha, no vestibular, só vamos passar nós dois...” (grifos nossos).

Podem-se encontrar várias passagens bíblicas que intertextualizam esta frase acima citada. Pode-se dar como exemplo o livro de **Isaías 30.10**:

*“Que dizem aos videntes: Não vejais; e aos profetas: não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões.”*

Segundo Derek(2000):

O ofício de profeta. Moisés constituiu padrão de comparação para todos os futuros profetas (Dt18.15). Ele foi chamado por Deus de maneira específica e pessoal (Ex 3.1-4.17; Is 6; Jr 1.4;Am 7.14) os profetas estavam interessados em todos os aspectos da vida, na ética social e também na piedade pessoal. Moisés esboçou o código mais filantrópico conhecido no mundo antigo, preocupado com os necessitados (Dt 24.19)e em oposição aos opressores (Lv 19.9.). Como Moisés muitos profetas atuaram como homens de estado em interesses nacionais; como ele, usaram símbolos (Nm 21.8) e palavras para transmitir a mensagem; e como ele descobriram que a oração de intercessão era ingrediente vital de seu ministério (Nm 27.5).

Na **página 111**, há uma ironia, uma vez que o texto diz :

” ...lavarei as pontas dos dedos por terem se sujado escrevendo o nome daquele canalha de gravata. **“Mas tudo passa sobre a terra!!!”**

No livro de **Eclesiastes capítulo 1. de 1 a 5:**

**Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém:**  
**Vaidade de vaidades!** diz o pregador, **vaidade de vaidades!** é tudo vaidade.  
 Que vantagem tem o homem, de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol?  
 Uma geração vai, e outra geração vem, **mas a terra para sempre permanece.**  
 E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu.”  
 (grifos nossos).

No **capítulo 14**, observa-se o seguinte:” **Oh! Três vezes oh!**” remete-se ao livro de **Mateus 26.34**, onde Pedro nega Jesus três vezes: “Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo, que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, **três vezes** me negarás”.(grifos nossos).

No mesmo capítulo, constata-se no versículo 44 o numeral **três**: “E, deixando-os de novo, foi orar pela **terceira** vez, dizendo as mesmas palavras”.

No versículo 75 confirma o que Jesus falou: “E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus, que lhe dissera: antes que o galo cante, **três vezes** me negarás E, saindo dali, chorou amargamente”.(grifos nossos).

Na **página 116**, verifica-se o seguinte texto:

A **morte** dói nos vivos, a presença da **morte** subverte todos os sentimentos, a gente fica sem ação diante da **morte**, respeitando a pessoa que tenha sido menos respeitável, perdoadando o que foi imperdoável, a **morte** apaga tudo, faz com que tudo pare: diante da **morte** até um espirro soa desrespeitoso.” (grifos nossos).

A polifonia se faz relevante, neste texto, nota-se que no começo do capítulo Jesus prevê sua morte. Agora o texto repete várias vezes a palavra “**morte**”.

Pode-se constatar em vários livros da Bíblia tais como:

**Mateus 15.19:** “Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias.

**Lucas 1.79:** “Para alumiar os que estão assentados em trevas e sombra de morte, afim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.”

**Romanos 6.9:** “Sabemos que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele.”

**1ª Cor 15.54 a 56:** “E quando isto que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está ó morte, o teu arguilhão? Onde está, ó inferno a tua vitória? Ora o arguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei.”

**1ª cor 15.21:** “Porque , assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.

**Heb 2.15:** “E livrasse todos os que , com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.”.

**Apoc 12.11:** “E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho: e não amaram as suas vidas até à morte”.

Outra intertexto está nesta passagem: “*Jesus desperta o meu filho como despertaste a filha de Jairo. Senhor, concede-me, através do Teu, um milagre para meu filho.*”.

Para Derek (2000), Jairo foi um dirigente da sinagoga em Cafarnaum, entre cujos deveres estava a direção do culto e a escolha das pessoas que iam orar, fazer as leituras e pregar. Sua filha de doze anos foi curada por Jesus depois de ter sido declarada morta; a declaração de Jesus de que ela “dormia apenas” foi recebida com zombaria.

Pode ser observado no livro de **Marcos 5:22 e 41:**

E, eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome de Jairo, e vendo-o, prostrou-se aos seus pés. E rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva.  
E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talita cumi-que, traduzido, é: Menina a ti te digo, levanta-te.

Ainda na mesma página: “**Socorre-me Jesus: até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos donos.**”.

Este texto refere-se à passagem bíblica da **mulher Cananeia**, o qual está no livro de **Mateus 15.de 27 e 28**:

Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, **porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.**  
Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã. (grifos nossos).

Continuando a intertextualidade na página 116, parágrafo primeiro, onde Oricão suplica a Deus que dê a vida do filho Jason de volta: “ *Pai baixou a cabeça, depois de muito tempo falou: “**Senhor dá, o Senhor tira.**”* O intertexto está no livro de **Jó 1: 20 e 22** que fala sobre as aflições de Jó:

Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou;  
e disse: Nu saí do ventre da minha mãe e nu voltarei; **o Senhor o deu e o Senhor o tomou;** bendito seja o nome do Senhor!  
Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma.” (grifos nossos).

Na **página 118**, há várias intertextualidades, como se observa:

Pai, meu pai Orico, diz ao Senhor – pela tua boca Ele ouvirá; tua voz é forte, Ele atenderá -, diz agora por minha boca tuas palavras repetindo Davi: Dá ouvido, Jeová, às minhas palavras, atende ao murmúrio dos meus lábios; pois a ti é que oro.  
E eu, Josias, o que oro, o que peço, Jeová, é que salves meu irmão Jesonias.”

Esta intertextualidade é encontrada no livro de Salmos 54. 1 e 2:

“Ó Deus, salva-me, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder. Escuta, ó Deus, a minha oração, Dá ouvidos às palavras da minha boca.”

No **capítulo 15, página 121**, observa-se o seguinte:

“... *Mulher, estás grávida? Mas de quem? Diante do espanto de Mira, que é que eu podia dizer? Inventar aquela história acontecida de fato? Mentir uma verdade? Quem ia acreditar?*”.

O texto retorna ao livro de **Mateus 1. 18 a 25**. No versículo **18** fala sobre a gravidez: "...achou-se grávida" mais adiante : de quem? No versículo 20: "...porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo."

No mesmo capítulo, **página 123**, há o momento em que ela teve um filho: "Meu Deus, um filho, meu filho, ali no quarto tem um filho meu, fui eu quem o deu à luz, a ele acabo de dar a luz, mas não é possível, estou inventando, como pode este menino ter nascido de mim?". Vê-se aqui, a impossibilidade de Ana ser mãe como Maria, pois Maria não tinha contato com José, e isso era impossível.

Outra análise está na página 125:” *Ou talvez tivesse sido **arrebatado para o céu.***”

Refere-se tal enunciado ao livro de **Atos 1.9 e 11**:

Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, porque estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir.

Mais adiante:” Ficarei assim até que **meu filho reapareça**, até que bata na porta, diga, olhe eu aqui, mamãe. Faça esse milagre para mim, meu Deus, esse milagre só. **Espero. Aguardo.**”.

A intertextualidade está no livro de **Mateus 28.1; 6 e 7** .A ressurreição de Jesus. Seu aparecimento às mulheres:

“ No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena, e a outra Maria foram ver o sepulcro.

Ele não está aqui; **ressuscitou**, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.

Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele **ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós** para a Galileia; ali o vereis. É como vos digo!”(grifos nossos).

No **capítulo 17**, há a seguinte passagem bíblica:

“ Em decorrência de seus desatinos teria Jeová baixado os olhos sobre o pai, os cuidados sobre o pai (sobre mim?). Eis que feliz é o homem a quem Deus reprova, já exortava Elifaz: Portanto não desprezeis a correção do Todo-Poderoso.”

Remete-se ao livro de **Jó:5.17**:

“Bem - aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo - poderoso.”.

Observa-se, ainda, no terceiro parágrafo:” Sim, eu Orico, não desprezarei, mas talvez Jason e Jesonias tenham pecado e renunciado a Deus nos seus corações, e **holocaustos nenhum ofereci por eles**, por todos, segundo o número de todos eles.”

Há vários livros da Bíblia que falam sobre **holocaustos**, porém a intertextualidade fica mais próxima do livro de **Jó:1 e 5**:

Seus filhos iam às casas uns dos outros e faziam banquetes, cada um por sua vez, e mandavam convidar as suas três irmãs a comerem e beberem com ele. Decorrido o turno de dias de seu banquete, chamava Jô a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia **holocausto** segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração. Assim o fazia Jô continuamente. (grifos nossos).

A **página 136** diz :”...farei isso, um dia farei isso, antes, porém, quero encontrar aquele que Te disse: **Venho rodear a terra e de passear por ela.**”

O intertexto é encontrado no livro de **Jó:1.7**:

Então, perguntou o Senhor a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao Senhor e disse: **De rodear a terra e passear por ela.**” (grifos nossos).

No primeiro parágrafo da mesma página: “a luta havia começado, ferido de úlceras Oricão já se encontrava. Ferido no peito, ulcerado no coração, no lugar mais adentrado, onde não era possível chegar-se com um **caco de telha para se rapar.**”

Mais uma vez, se refere o texto à história de **Jó.2.7 e 8**:

“Então, saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça.

Jô, sentado em cinza, tomou um **caco para com ele raspar-se.**

Ainda no mesmo parágrafo da página 136:

” Como eu. **Saí do ventre de minha mãe**, mas nu não me destinei a ficar.”

Mais um intertexto que pode ser encontrado no livro de **Jó.1.21**:

“ e disse: **Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei**; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (grifos nossos).

No último parágrafo da **página 136**, há uma intertextualidade com Moisés pedindo para Faraó libertar seu povo.” Renuncia, Orico. A tudo. Começa por Tininha, **deixa-a em paz.**”

No livro de **Êxodo 7.4**, onde aconteceram as dez pragas para que Faraó deixasse o povo de Deus ir embora:

“Faraó não vos ouvirá; e eu porei a mão sobre o Egito e farei sair as minhas hostes, o meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito e tirar do meio deles os Filhos de Israel.”.

No primeiro parágrafo da **página 137** há a frase:’ **Pródigo, fui.**”

Refere-se à história do **filho pródigo** que já foi trabalhada anteriormente.

Ainda na mesma página há a seguinte passagem:

“Sara. O mel, o unguento, a gazelinha dos campos. Também o seu mel: Jason, **o filho da velhice**; Jesonias, o da conformação. Sara , Sara, minha **rosa de Sharon**, primeira e última, mais dulçoroso mel.”

A intertextualidade é encontrada no livro de **Gênesis 21.de 2,3,5,7**, que fala sobre o nascimento de Isaque:

Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão **na sua velhice**, no tempo determinado, de que Deus lhe falara.  
Ao filho que lhe nasceu, que Sara lhe dera à luz, pôs Abraão o nome de Isaque,  
quando este era de oito dias, segundo Deus lhe havia ordenado.  
Tinha **Abraão cem anos**, quando lhe nasceu Isaque, seu filho.  
E acrescentou: Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho?  
pois **na sua velhice lhe dei um filho**. (grifos nossos).

Ainda a palavra **rosa de Sharon**:

É uma intertextualidade da palavra Sarom, a qual é a maior planície costeira do da Palestina, entre os pântanos do baixo Crocodilo (Nahr ez Zerka) e o vale de Aijalom. Estende por 80 km de n-s e tem 15 km de largura. Atualmente é uma das áreas agrícolas mais ricas de Israel, coberta de plantações de cítricos. No período bíblico tinha densas florestas ( Is 35.2), não era colonizada pelos israelitas, embora fosse usada como pasto ( 1Cr 5.16). A “rosa de Sarom” ( Ct 2.1) dá a entender flores da densa vegetação rasteira. ( Decrek, 2000).

Continuando na mesma página, a frase:

“ não precisou de mim **como ama.**” É uma ironia como afirma a intertextualidade: “criticar ou mesmo se opor a uma forma de comunicação.” Pode-se encontrar esta oposição no livro de Gênesis 16 de 1 a 4:

Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; tendo, porém, **uma serva egípcia, por nome Hagar**, disse Sarai Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, **a minha serva**, e assim me edificarei com filhos por meio dela. E Abrão anuiu ao conselho de Sarai. Então, Sarai, mulher de Abrão, tomou a Hagar, egípcia, **sua serva**, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, depois de ter ele habitado por dez anos na terra de Canaã. Ele a possuiu, e ela concebeu. Vendo ela que havia concebido, foi sua senhora por ela desprezada. (grifos nossos).

Na **página 139, no quinto parágrafo**, há o seguinte:

“Ah, sente-se, meu filho, **aqui na beira da cama**, fique comigo, estou tão desolado.

**...É a idade.** Mas o que o trouxe aqui? “

Esta passagem leva ao momento em que Isaque abençoa a Jacó e Esaú:

Tendo-se **envelhecido** Isaque e já não podendo ver, porque os olhos se lhe enfraqueciam, chamou a Esaú, seu filho mais velho, e lhe disse: Meu filho! Respondeu ele: Aqui estou! Disse-lhe o pai: **Estou velho** e não sei o dia da minha morte.. (grifos nossos).

Na **página 140**, observa-se a seguinte passagem: “**Foi, disse assim, com a fé que remove montanhas:**”

Encontra-se no livro de **Mateus 17.20**:

“ E Jesus lhe disse: Por causa da vossa pouca fé ; porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, **direis a este monte: passa daqui pra acolá- e há de passar**, e nada vos será impossível.”.(grifos nossos).

Ainda há o seguinte texto:

Sou todo ouvidos. Podia fechá-los a um filho meu? O primeiro, o que fiz com Sara, então, isso não vale nada? De você, Josias, jamais tiraria o direito de progeneratura, eu, que sou um insignificante imortal pecador. A você não negaria a bênção, mesmo tendo abençoado Jersonias e Jason, todos são filhos, merecem a bênção paterna. Assim procedo, eu, que não sou Isaac, não possuo a imunidade que foram concedidas a Isaac.



Pode - de encontrar no livro de **Gênesis 27: 7,11,22 e 23:**

Traze caça e faz-me uma comida saborosa, para que eu coma e te abençoe diante do Senhor, antes que eu morra.

Disse Jacó a Rebeca, sua mãe: Esaú, meu irmão, é homem cabeludo, e eu, homem liso.

Jacó chegou-se a Isaque, seu pai que o apalpou e disse: A voz é de Jacó, porém as mãos são de Esaú.

E não o conheceu, porque as mãos, com efeito, estavam peludas como as de seu irmão Esaú. E o abençoou.

Observa-se, ainda, na **página 143**, a preocupação do filho de Oricão com o aparecimento do menino, pois nenhuma pessoa poderia ver o menino, quem o visse morreria em quatro dias, e o pai o manda ligar para a delegacia de polícia, o jornal, a prefeitura, o hospital, para todo o mundo, a fim de encontrar o menino loiro na faixa de sete anos e pagava para quem o encontrasse. Ao apresentar a figura do menino, faz-se, com isso, uma referência a Jesus quando criança.

No capítulo 18, no terceiro parágrafo: "...que poderia até ser de **ouro**, todo de **ouro maciço**."

A Bíblia fala em vários textos sobre o ouro. Pode-se ser citado Derek.

Segundo Derek (2000):

O ouro é o primeiro metal a ser mencionado nas Escrituras (Gn 2.11) e daí em diante é estreitamente associado com a prata; os dois metais quase sempre estão amalgamados no seu estado natural. O ouro era especialmente abundante no aluvião do deserto oriental do Egito e também na Arábia, na Pérsia e no oeste da Ásia Menor. Era empregado em ornamento já na idade da Pedra(10000 a.C.) e para móveis importantes no tabernáculo (Ex 25 ) e no templo ( 1Rs 6). (p.236).

Na **página 146**, intertextualiza-se o seguinte:

"Toda a zona urbana estava sendo vasculhada. **Num raio de dez a vinte quilômetros** não ficava uma casa sem a vistoria da polícia e dos civis interessados, estes devidamente identificados, compunham o CCML – Comando dos Caçadores de Meninos Louros."

O livro de **Mateus 2.16 a 18** fala sobre a matança dos inocentes:

Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os **meninos** de Belém e de **todos os seus**

**arredores**, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos.

Então se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias:

Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem. (grifos nossos).

No sétimo parágrafo lê-se: "... Josias , que em outra sala os identificava, lembrou-se a solução: depois de **marcados na testa**, seriam liberados."

O livro de **Apocalipse 17.5** fala sobre a descrição da grande meretriz:

Na sua testa, estava escrito um nome: mistério, a grande **BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOBINAÇÕES DA TERRA.**

Também no **capítulo 14. 9 e 10:**

Seguiu-se a este outro anjo, o terceiro dizendo, em grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem e recebe o sinal na sua testa ou na sua mão,

Também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado sem mistura, do cálice de sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do cordeiro. (grifos nossos).

Novamente, no **capítulo 7. 3:**

"Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalados nas suas testas os servos do nosso Deus." (grifos nossos).

Também em **Jeremias 3.3:**

"Pelo que foram retiradas as chuvas, e não houve chuva tardia; mas tu tens a **testa** de uma prostituta, e não queres ter vergonha." (grifos nossos).

Na **página 148**, há a repetição da palavra sete a qual já foi analisada na página 32, mesmo assim, pode-se dizer que a intertextualidade aqui é bíblicamente reforçada:

Oricão achava que o prazo devia ser dilatado para **sete**, sete era o número cabalístico do Livro: no sétimo dia Cristo ressuscitou, as pragas do Egito foram **sete** (ironias intertextuais para chamar atenção), os pecados capitais são sete, tudo no Apocalipse é em número **sete**. Ah, estavam querendo barganhar com ele, Oricão/Oricão falado e destramelado? Pois só aceitava o prazo de **sete** dias, **sete vezes setenta e sete**. E largava sua imensa gargalhada.

O texto aqui é intertextualizado com a passagem de quantas vezes se deve perdoar um irmão. **Setenta vezes sete** se encontra no livro de **Mateus 18. 21 e 22**:

“Então, Pedro, aproximando-se, perguntou-lhe: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até **sete vezes**?

Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até **sete vezes**, mas até **setenta vezes sete**.”(grifos nossos).

No **capítulo 18**, do livro, “O Anjo do Quarto Dia”, relata que a Nora também estava temerosa de ver o menino, e ali mesmo, na presença do marido, confessou que já o havia traído **três vezes e meia**. Esse fato da traição intertextualiza-se com a história de Pedro, onde ele nega Jesus **três vezes**, e negar é trair.

Encontra-se esse fato no livro de **Mateus 26:69 a 75**. O versículo 75 diz:

“E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus que lhe dissera: Antes que o galo cante **três vezes** me negarás e, saindo dali, chorou amargamente.”(grifos nossos).

Mais adiante, o texto fala diversas vezes na palavra Sábado: “Você vem **sábado**”? Claro que vou, **sábado** estarei aí, “este **sábado** é que não perco por dinheiro nenhum do mundo”. “Está bem **sábado** você não conta”. **sábado** antes de ir pra feira”. E **sábado** é o último dia da semana que Deus descansou, é o dia santificado por Deus. Observa-se que o nome **sábado** é repetido **sete vezes**.

Encontra-se no livro de **Gênesis 2. 2 e 3**:

“E, havendo Deus terminado no dia **sétimo** a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito.

E abençoou Deus o dia **sétimo** e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.” (grifos nossos).

Na **página 155** diz:

Lembra, Zu, da vez que você perguntou à lavadeira se ela sabia o que era **pecar por pensamento, palavras e Obras**? Lembra o que a lavadeira respondeu? Por pensamento, dona Zu, é quando pensa safadez, por palavra, quando chama nome feio; e por obra, quando a gente sai assim, de bandinha, e vai no mato. Lembra Zu?!”

Esta intertextualidade é um diálogo de vários versículos da Bíblia, Não é precisamente um versículo, porém muitas pessoas dizem a seguinte frase: **“pecar por pensamento, palavras e obras”** é um versículo que se encontra na Bíblia.

Segundo Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de forma lingüística nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 1981, p.123).

O teórico russo (2002) afirma que todo enunciado é um elo ininterrupto da comunicação verbal, assim sendo toda ação humana é direcionada a outrem e as escolhas dos meios lingüísticos e os gêneros do discurso empregados na interação, são determinados, antes de tudo, pela tarefa dos sujeitos do discurso.

Na **página 156**, parágrafo primeiro diz:

“Um cheiro **danado** que não me larga. Só depois de um banho de areia, cinza e limão. Não quero esse cheiro comigo, prefiro o do **enxofre**. O do **enxofre** é até que é mais melhor.”

A palavra **danado**, segundo o minidicionário SACCONI da Língua Portuguesa diz :

**Danado:** Aquele que foi condenado ao fogo do inferno.(p.220).

Nota-se, já aqui, a intertextualidade polifônica **danado** com **enxofre** o qual já foi analisado neste trabalho.

Sabe-se que o Diabo, segundo a Bíblia, é quem está condenado ao inferno com seus anjos.

Um dos momentos marcantes de intertexto está na **página 158**, quando Piranha pega no sono e esquece que é infeliz, então o menino sentou-se ao lado dela, sem nada dizer. Piranha então calada, ela que não falava nunca,

incapaz de dizer nem que fosse: “Virgem Maria”! “Aí o menino apanhava uma **pedrinha** do chão, **pedrinha** dali mesmo”, ela lembrou que quando estendeu o braço, para apanhar a pedrinha, um rasto de luz acompanhou sua mão, mão lá dele, como se tivesse uma luz por dentro.” É o texto conotativo que traz a realidade da história da prostituta onde Jesus falou que quem não tivesse pecado atirasse a primeira pedra.

Na **página 160**, o assunto intertextualizado é o adultério:

- Cala a boca, Alfredo. Não vou todo sábado? Atrapalho, não é? Não lhedou fuga, não é?

- Grande fiscalizadora. Olha Mira, o homem querendo não há vigiação que dê jeito. O caso é que sou sério.

- Sim eu sei!

Podem-se mostrar as outras vozes no livro de Êxodo 20.14: “Não adulterarás.

Também em **Mateus 5.27 a 29**:

“Ouvistes que foi dito: Não adulterarás.

Eu, porém vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.”

No **capítulo 19, página 162**, existe a seguinte citação: “Ana está se sentindo mal, ela quer ter besoura” mais adiante,” Ana escondia da prima os olhos marejados”.

Esta passagem pode se intertextualizada com o sofrimento de Maria quando Crucificaram Jesus.

Na **página 164**, onde Oricão começa a rir porque não encontravam o menino: menino, nem Mané menino. Em seguida, há a seguinte frase:

“Dali para **a cruz** sair, **levava tempo.**”

O texto aqui, intertextualiza-se com a peregrinação e o sofrimento de Cristo até levar a cruz:

Jesus perante o Sinédo. (**Mt.26. 57 a 68**).

Jesus entregue a Pilatos. (**Mt.27.1 a 10**).

Jesus perante Pilatos. (**Mt.26.11 a 26**).

Jesus entre aos soldados. (**Mt.27 a 31**).

Até então, Simão levar a cruz. (**Mt.27.32**).

Quando ainda no **capítulo 19, página 168**, Lucíola preocupada quer saber se eles iriam pegar o **Menino**, Ana responde que não, “só daqui a **vinte seis anos**”.

Lembra-se que a **criança** que Oricão mandou capturar tinha **sete anos**, e **sete mais vinte e seis** são iguais a **trinta e três anos**, que leva a intertextualizar com a morte de **Jesus Cristo**.

Foi justamente o tempo de sofrimento de Maria, com seu filho Jesus, o qual morreu aos **33 anos**.

Neste capítulo, procurou-se apresentar uma análise linguística do romance do escritor pernambucano Gilvan Lemos. A referida investigação centrou-se na órbita da composição romanesca, em especial, nos campos da intertextualidade, polifonia, dialogismo e discurso de outrem. Percebeu-se, então, que o discurso romanesco possui características que não se diferem abruptamente do discurso não-literário, pois as estratégias dos campos citados são de caráter comum entre o romanesco e o texto sagrado. Sendo assim, depreendeu-se a língua como elemento dialógico. Foi observado que em várias passagens da obra, O Anjo do Quarto Dia, há a presença de textos bíblicos. O autor bebeu na Bíblia Sagrada para reescrever o romance.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi proferida, no início desta investigação, uma citação do grande teórico russo Mikhail Bakhtin, onde predomina na pesquisa algo como o medo do risco, o medo de arriscar uma hipótese. Mais adiante, ele diz que a ciência literária é uma ciência jovem que não dispõe de métodos sólidos e comprovados pela prática, como os das ciências exatas. Por isso, a ausência da menor luta entre as tendências e o medo ante a menor hipótese audaciosa levam ao reinado do truísmo e do clichê, o que não nos falta (BAKHTIN, 1997. p.362).

Bakhtin (2002) afirma que o Adão mítico chegou com a primeira palavra num mundo virgem, Adão não evitou o que hoje faz parte da humanidade: o discurso alheio. Para o teórico russo falar no personagem Adão, ele teve que fazer o que Kristeva chama de intertextualidade, beber na Bíblia, mostrando, assim, que a palavra é dialógica.

Tentou-se eliminar o medo e a ausência da menor luta. Sabe-se que o texto jamais estará acabado, que virão outras investigações.

Neste trabalho, buscou-se explicar através da teoria do estudioso e linguista russo, Mikhail Bakhtin, uma explanação sobre a questão dialógica, o estudo do (eu) e do (outro), a intertextualidade de Kristeva,

A análise e discussão dessa investigação foram realizadas a partir do romance *O Anjo do Quarto Dia*, 1981, do escritor pernambucano Gilvan Lemos, pelo fato de o autor pertencer a uma geração de escritores (geração de 30) a qual tem uma grande preocupação com linguagem. A escolha do autor como também da obra foram selecionados, por apresentar uma vasta intertextualidade e dialogicidade bíblica. Nesse sentido, *O Anjo do Quarto Dia* (1981) destaca-se pelo seu poder enunciativo e a busca pela alteridade.

A escolha de um romance como objeto dessa investigação, foi pontuada a fim de comprovar que o pensamento bakhtiniano refere-se, também, aos gêneros de caráter literário, pondo ressalva, assim o pensamento dos não-filósofos (senso comum). Pois, para eles o romance é apenas um evento literário relativo às “Belas Letras” e não há uma relação com a alteridade.

Porém, Bakhtin veio refutar este pensamento, mostrando que o romance é, sim, de natureza dialógica.

Lemos (1981) constrói tão bem a enunciação que de forma bem detalhada, o narrador tece a todo o momento uma relação dialógica onde o dialogismo no romance lança uma nova base, a base da nova linguística. Romance em que a seara discursiva e intertextual apresenta-se significativamente, pois o autor empreendeu uma gama de conhecimentos advindos de suas leituras bíblicas e simbólicas para esse construto romanesco.

Através da leitura da obra do escritor pernambucano Gilvan Lemos, observou-se que vários pontos defendidos por Bakhtin como a teoria dialógica do romance, o discurso de outrem estão presentes na construção da referida obra, os quais são de importantíssimo valor na formação da linguagem do romance de Gilvan Lemos.

No contexto intertextual e dialógico, percebe-se Gilvan Lemos ao criar sua obra bebeu na Bíblia Sagrada mostrando assim um diálogo entre os personagens da obra com as personagens da Bíblia Sagrada. Mostra que a obra não é somente um belo trabalho de cunho literário, mas também, uma reflexão sobre o poder da linguagem, sabe-se que ela está no cerne das relações humanas.

Há no romance uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, comprovando o que afirma Bakhtin (2002, p.74) às vezes de línguas e vozes individuais, cada personagem enuncia a partir de sua formação e condição social, formando assim um “mosaico” discursivo na construção das realidades da trama romanesca.

A escolha do romance deste trabalho foi feita pelo motivo de que o teórico russo (2002) diz que um gênero que abarca diferentes gêneros tanto literários quanto extraliterários, por isso qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance, mostrando assim, que o contato com a teoria bakhtiniana vem sustentar a análise dos textos do romance selecionado, percebeu-se que tanto o romance, gênero pertencente a quanto um simples diálogo, como por exemplo: Tia Zú e Tia Mé, tudo é dialógico, pois tem o outro como fim.

Entende-se que a obra de Gilvan Lemos é uma manifestação de cunho artístico, porém carrega as marcas da alteridade. A viabilidade de teorias



bakhtinianas presentes na organização desta investigação propõe a diversidade linguística, pois o que se procurou mostrar nesta investigação é a transposição da análise de teor linguístico num gênero literário, no caso em questão, o romance.

Sobre o pensamento de Kristeva (1974), analisou-se o estatuto da palavra nos diferentes gêneros (ou texto), no caso desta investigação, empregou-se o gênero romance, como significando modos diversos de inteligência (literária), a autora coloca a análise poética no ponto nevrálgico das ciências “humanas” no cruzamento da linguagem que é a prática real do pensamento e do espaço que é o volume, onde a significação se articula por um encontro de diferenças. Kristeva (*op. cit.*) diz que estudar o estatuto da palavra significa estudar as articulações desta palavra como complexo sêmico com as outras palavras da frase e encontrar as mesmas funções, relações ao nível das articulações de sequências maiores. Dessa forma, observou-se o emprego das palavras nas relações intertextuais presentes no romance de Gilvan Lemos em consonância com os textos bíblicos.

Foi visto através na análise que Bakhtin, teórico principal, deu suporte para tal teor da investigação, pois para ele a língua não é imanente e sim dialógica, isso veio a ser comprovado pelo romance do escritor Gilvan Lemos.

Diante dos resultados obtidos neste estudo aliado às reflexões propostas no referencial teórico, acredita-se que os objetivos foram alcançados, o que permite concluir que a alteridade é a mola mestra para as relações humanas tanto no campo literário quanto no não-literário. É de fundamental importância dizer que a dialogicidade é um elemento imprescindível na produção de qualquer manifestação linguística oral ou escrita, imprime o reconhecimento do outro como importante nas relações sociais e o poder nessas relações.

Organizando o texto, vê-se que há uma necessidade de reafirmação do convívio social, caso difícil na obra.

Com a referida pesquisa, todo o material dialógico foi utilizado como instrumento de acesso pelo investigador, não no contato com o homem, isto é, os gêneros do cotidiano que permeiam as relações, mas os gêneros literários, classificados assim. Se fosse feito desta forma, seria restringido apenas ao campo das “Belas Letras” e teria a preocupação apenas com a natureza metafórica esquecendo a alteridade. Os resultados dessa pesquisa

possibilitaram uma reflexão sobre o caráter dialógico dos textos literários, nesse caso, o romance.

Espera-se que esta investigação venha favorecer uma mudança de postura no tratamento de textos literários, no caso o romance, pois é um livro dialógico, sabendo que a língua promove um intercâmbio social. Este estudo teve o objetivo de analisar indícios de intertextualidade, dialogicidade e polifonia bíblica em Lemos (1981). O propósito consistiu em contribuir para a formação de leitores críticos, da obra do escritor pernambucano Gilvan Lemos e a intertextualidade e dialogicidade em sua obra. Concluiu-se que o livro *O Anjo do Quarto Dia* está repleto de intertextualidade, polifonia e dialogicidade bíblica. Seria por uma grande pretensiosidade considerar esta investigação como um construto acabado, pois sempre emergem novas perspectivas a serem analisadas e observadas, a ciência constrói-se a partir de questionamentos e dúvidas que impulsionam e fomentam os debates acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil. 2ª ed. 1993.

\_\_\_\_\_. **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira. 81 ed. 1995

AUTHIER-REVUZ, Jackeline. Heterogeneidade Teoricamente Sustentada. In: **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Trad. M. Onice Payer. Campinas: editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Autora Fortini et. AL. 5ª Ed. São Paulo Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra et. Al. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997/2003.

BAKHTIN, Mikhail./ VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ª ed. São Paulo, Hucitec, 1981-2002 (1ª. ed.1929-1986).

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. Org. Judith Chambliss Hoffnagel, Angela Paiva Dionisio. São Paulo, Cortez, 2007.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Intertextualidade e polifonia**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BRAIT, Beth (org.) BAKHTIN, **Dialogismo e Construção do Sentido**. São Paulo: Unicamp, 2007

\_\_\_\_\_. (org.) **Bakhtin conceito-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRITO, Mário da Silva. *Jornal do Commercio*, 27 abr.1975.

CHARAUDEAU. Patrick & Maingueneau, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008:

COSTA Val, Maria da Graças. **Redação e Textualidade**. 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes,1999.

*Crônica de Recife. Jornal do Commercio*,10-11-56,

DAVIS, John. **Dicionário da Bíblia**. I. R. Rio de Janeiro, 1970

VOLK, Verlag. **Erkundunger 38 Brasilianische Erzahler**. Berlin, 1989, p.37-45.

FÁVERO, Leonor Lopes e. **Linguística Textual**. 9ª ed. São Paulo, Cortez, 2008.120p.

FILHO, Hemilo Borba. **Louvações, encantamentos e outras crônicas**. Recife, Bagaço, 2000.

\_\_\_\_\_ **Movimento**, São Paulo, p. 24. 06 de out.1975.

FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GREN, W. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.

GUNDRY, Robert. H. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo, Imprensa da Fé, 2005, tradução João Marques Bentes.

Jornal *Diário da Noite*, 10 nov.1966.

*Le Monde*, p.18, *Verdredi*, 13 janvier, 1984.

LINS, Osman. Crônica de Recife. Jornal do Comercio. Recife, p.13, 23 mar. 1958.

Seção Permanência Literária, Jornal de Letras. out.1981

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. 7ª ed..São Paulo, Contexto.2003.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Sem análise**. 1ª Ed. São Paulo, Perspectiva, 1ª Ed. 1969-1974.

LEMOS, Gilvan de Souza. **O Anjo do Quarto Dia**. 3ª ed. Recife: Bagaço, 2002.

\_\_\_\_\_ **O Anjo do Quarto Dia**. 1ª ed. Porto Alegre - Rio de Janeiro, Globo, 1981.

MACHADO, Irene. **O romance e a voz**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MCNAIR, S. E. **A Bíblia explicada**/ S.E. McNair. 4ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1983.

PEREIRA, Nilo. Jornal do Comercio, 2 set.1981.

PERRONE- Moisés. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo. Ática, 1978.

REIS, Carlos, **Técnicas de Análise Textual**, 1981, Introdução à Leitura Crítica do Texto Literário.Coimbra: Almedina.

REIS, Carlos, **Técnicas de Análise Textual**. Coimbra, Almedina, 1992

Revista Cult, p. 6, ano IV, nº 43.

Revista Istoé, 21 out.1981, p.11.

Revista Princípios, 1994, p. 17.

Revista UBE-PE, ano 1, nº1, p.4,5,6.

Seção Permanência Literária, Jornal de Letras. out.1981

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula**: da teoria literária à prática escolar. Pós-graduação UFPE, Recife, 2005.

\_\_\_\_\_ Ivanda Maria Martins. **O Cronotopo na Obra Espaço Terrestre**: o diálogo tempo-espaço como princípio organizador da narrativa, UFPE, Recife, 2003.

SILVERMAN, Malcoln. **Revista World Literature Today**, Summer, 1984.

WILLIAMS, Derek. **Dicionário Bíblico Vida Nova**, São Paulo, Vida Nova, 2000.

[www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.html](http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.html) acessado em 13 de janeiro de 2010.

[www.revista.agulha.nom.br/joao.html](http://www.revista.agulha.nom.br/joao.html) acessado em 12 de novembro de 2010.